

## EN LAS CERCANÍAS DE ALCATRAZ

## Prólogo

O sol forte estava radiante através das montanhas. Deslumbrante, Carmen levanta da cadeira reclinável enrolada em uma toalha colorida, se desenrola e atira a mesma em cima da cadeira jogando os cabelos loiros para trás. Ela usa um biquíni azul bebê que deixa suas curvas ainda mais sensuais. Coloca-se de pé diante da borda da piscina de águas calmas e cristalinas e salta mergulhando e nadando até o outro lado.

Ao chegar do outro lado ela se apóia com os braços na borda e com os olhos fechados deixando a água escorrer pelo seu rosto. À sua frente, um homem alto, loiro e forte, está sentado de pernas cruzadas e sem camisa lendo o jornal. Ele fecha as páginas largando o jornal sobre a mesa, tira os óculos escuros e larga também na mesa. Seus olhos azuis se fecham e abrem rapidamente tentando se adaptar ao forte sol. Carmen abre seus olhos e sorri.

Carmen

– O melhor fim de semana da minha vida.

Arthur

– Uma pena que você não aceitou o principal...

Carmen apóia as mãos sobre a borda e se ergue saindo da piscina. A água da piscina pinga do seu corpo e ela caminha até uma cadeira do outro lado da mesa em que Arthur está.

Carmen

– Eu pensei bem. Pensei muito no assunto...mas...

Carmen hesita em falar, passa ambas as mãos nos cabelos loiros molhados e se deita na cadeira reclinável fitando o céu azul.

Carmen

– ... eu não posso simplesmente largar tudo o que construí com meu casamento.

Ela vira o rosto para onde está Arthur.

Carmen

– Eu espero de todo o meu coração, que você entenda Arthur.

Arthur descruza as pernas, senta inclinando o corpo na direção de Carmen.

Arthur

– Eu não te entendo não. Mas eu respeito a tua opinião, a tua decisão. Sei bem quando preciso tirar o meu time de campo. Vou focar no meu trabalho, aceitar a proposta que me fizeram e vou para uma temporada na África do Sul...lá tentarei te esquecer...

Carmen sorri discretamente.

Carmen

– Arthur...me corta o coração te ver triste assim.

Arthur se levanta, contorna a mesa e se agacha diante de Carmen.

Arthur

– Não estou triste, não. Um pouco decepcionado talvez. Não com você, comigo mesmo. Por achar que talvez em um fim de semana, em um hotel luxuoso destes, em um lugar lindo assim, com uma vista dessas, você fosse mudar de ideia...

Arthur dá um beijo na testa de Carmen, que fecha os olhos tentando guardar na memória aquele momento.

Arthur

– Eu vou pro quarto arrumar as malas. Aproveite o pôr do sol, a vista é linda...ao anoitecer pegamos a estrada de volta.

Carmen abre os olhos e observa aquele homem pegar seus pertences em cima da mesa e seguir em direção à porta que leva ao interior do hotel. Ela suspira fundo.

Carmen

– Carmen Sanchez, foca também no seu trabalho...no seu casamento...deixa este fim de semana apenas guardado na sua memória.

## Capítulo Um

### O assassino misterioso

Carmen Sanchez, de 30 anos de idade, cabelos loiros, olhos azuis e corpo atlético, usando saia justa acima dos joelhos, terninho combinando e salto alto, atravessa o longo corredor de celas daquela penitenciária iluminado por lâmpadas fracas e amareladas, onde alguns guardas já finalizam a contagem dos detentos e fecham as grades de ferro. Sua expressão séria e seus passos firmes são respeitados por todos os guardas que demonstram este respeito quando ela passa...

#### Guarda 1

– Boa noite, detetive!

#### Guarda 2

– Tenha uma boa noite, detetive Carmen!

Quando passa pela última cela uma voz rouca sorri maliciosamente e lhe chama:

#### Voz

– Detetive Carmen...

Ela se pára e desvia o olhar para aquela penumbra da cela. Um dos guardas bate com o cacete na grade tentando intimidar o dono da voz, que parece não dar bola e sorri novamente, quando se observa uma sombra se levantando e se aproximando das grades, revelando um semblante bastante assustador atrás de um rosto desfigurado de um lado, cabelos desgrehados e barba por fazer.

#### Homem

– ...isso aqui vai virar um caos detetive...e nenhum de vocês vai poder fazer nada...os detentos transformarão tudo em rios de sangue...e depois detetive...

O homem agarra com força as grades e a detetive, tentando não se mostrar intimidada, observa suas mãos calejadas e tremendo.

#### Homem

– ... será a vez da sua vida virar um inferno...

O homem começa a dar gargalhadas amedrontadoras fazendo o sangue da perspicaz detetive ferver. Ela se aproxima das grades, em um ato de impulso.

#### Carmen

– Escuta aqui...

Ela é contida por um dos guardas, que a segura pelo braço puxando-a para trás. Ele grita chamando por outro guarda.

#### Guarda

– Adriano, corre na enfermaria...

O guarda olha para o homem atrás das grades, que larga as mesmas e se afasta entrando novamente na penumbra da cela enquanto vai diminuindo o volume de suas gargalhadas.

Guarda

– Traz os remédios deste infeliz.

Carmen se recompõe, mas ainda está com o sangue fervilhando.

Guarda

– Este está com os dias contados aqui dentro, detetive. Não deixa ele entrar na sua mente...

Carmen

– Quem ele pensa que é? Ele realmente acha que depois que peguei ele em flagrante, ia facilitar as coisas pra ele?

O guarda acompanha a detetive Carmen até a porta que separa o corredor de celas da sala que leva para o exterior da penitenciária. Ele aperta o botão vermelho e, logo em seguida, a porta é aberta por um outro guarda. Eles adentram a sala e o guarda fecha novamente a porta.

Guarda

– Este detento será transferido semana que vem. Está causando um certo pavor entre todos os presos. Seu modo de agir, suas palavras... na sua primeira noite aqui já matou cinco, dias depois mandou um detento para o isolamento e semana passada um outro cometeu suicídio...

Na penumbra daquela cela, aquele detento amedrontador, está sentado na cama de madeira de colchão de palha. Olhar baixo fitando o chão, ele segura entre seus dedos um medalhão que está pendurado em seu pescoço por um cordão.

Escuta-se o estrondo da grade da cela sendo aberta e clareando um pouco o local revelando um ambiente bastante sujo e com cheiro ruim, que faz o agente penitenciário Adriano pôr a mão sobre o nariz ao entrar.

Adriano

– Toma aqui teus remédios seu doente!

Ele joga duas cartelas sobre aquela cama imunda enquanto o detento esconde o medalhão por dentro da camisa. O agente penitenciário Adriano se retira imediatamente da cela, que volta novamente à penumbra após o seu fechamento.

A sombra daquele detento é vista pegando as cartelas de remédios sobre a cama e se dirigindo até a pia no fundo da cela. Pode se ouvir o barulho da água escorrendo quando ele liga a torneira...

...e tudo escurece.

Alcatraz, julho de 2015

A chuva torrencial não dava trégua à pequena e charmosa cidade de Alcatraz já fazia mais de quatro dias. Suas ruas escuras e vazias mostravam a força do inverno daquela região. Naquela manhã fria de julho, a perspicaz detetive Carmen Sanchez, colocou seu sobretudo preto, manta e luvas e entrou no carro junto com o delegado adjunto da cidade, o eficiente Carlo Gaitán, de 49 anos de idade e 25 anos de experiência tendo passado de detetive para policial chefe e depois delegado em pouquíssimo tempo.

O caminho percorrido através das ruas alagadas da cidade e depois pela estrada de terra batida até o matagal à beira da represa, foram de longos minutos de silêncio, tendo Gaitán concentrado no difícil

trajeto que se apresentava à sua frente e Carmen com o olhar vago e distante nas paisagens que passavam entre os respingos de chuva nos vidros do carro.

Debaixo daquela forte chuva, um homem de aproximadamente 45 anos, é mantido algemado em um poste e ajoelhado no barro. A água da chuva escorre pelo seu rosto misturando-se ao sangue e formando um rio vermelho ao seu redor. Ele é observado de perto por dois parrudos policiais fardados, Julius e Tenório, que dão risadas de sua cara, protegidos da chuva debaixo de um telhado. Mais ao lado dos policiais, também debaixo do telhado, um corpo estirado no chão coberto por um saco preto que deixa à vista apenas os pés e, que pode se ver, ser de uma mulher.

Os dois policiais viram a cabeça para trás ao ouvirem o ronco do motor de um carro se aproximando.

Julius

– Já não era sem tempo.

O outro policial então se vira para o homem algemado.

Tenório

– Está ouvindo seu doente? Agora acabou pra ti.

O carro estaciona debaixo de toda aquela chuva que não quer parar e, Gaitán e Carmen demoram alguns segundos até se encorajarem e abrirem as portas para se juntar aos policiais.

Carmen corre primeiro e se pára ao lado dos policiais, que mudam o semblante tornando-se sérios.

Carmen

– Bom dia.

Julius

– Bom dia detetive.

Tenório

– Bom dia.

Carmen olha para o corpo estirado no chão. Agacha-se, abre o zíper do saco preto e um rosto jovial de pele clara e lábios carnudos revela-se.

Carmen

– Já têm a identificação?

Julius

– Sem confirmação detetive. Mas, quem ligou anonimamente, disse se tratar da filha do senhor Gustavo.

Carmen levanta a cabeça olhando para o policial.

Carmen

– Senhor Gustavo...o dentista?

Gaitán se junta aos colegas debaixo do telhado.

Gaitán

– Sim detetive. Senhor Gustavo, o dentista. Me ligou ontem final da tarde relatando o sumiço da filha. Mande uma equipe de busca iniciar os trabalhos e...pimba! Uma ligação anônima nos poupou o trabalho.

A conversa é interrompida pelas gargalhadas do homem algemado na chuva. Todos o olham. Carmen se levanta.

Tenório

– O que tá rindo seu doente?

O policial Tenório pega seu cacete e ameaça bater no homem, mas é ordenado a parar pelo delegado Gaitán, que sem se importar com a forte chuva, se aproxima e fica de pé diante do homem.

Gaitán

– Qual é a graça?

O homem levanta a cabeça encarando o delegado. Olhar amedrontador. Boca suja de sangue. Rosto sujo de barro.

Homem

– Ué, delegado Carlo Gaitán. Se o dentista queria a filhinha dele, agora é só ele vir buscar.

Gaitán não se contém, cerra o punho e acerta um soco forte no queixo do homem, fazendo sua cabeça virar para o lado.

Carmen

– Delegado?

Gaitán faz sinal com a mão de que está tudo bem. O homem aos seus pés, lentamente, vira a cabeça e volta à lhe encarar com a boca cheia de sangue. Com olhar amedrontador e um sorriso diabólico, ele cospe sangue nos pés do delegado.

Gaitán

– Policial, leva este filho da puta daqui. Joga no camburão.

O policial se aproxima, solta-o do poste e o ergue. A detetive Carmen Sanchez se aproxima e fica frente à frente com o delinquente já debaixo do telhado.

Carmen

– Você está preso. Preso em flagrante de acordo com o art. 302, parágrafos I e II...

O homem parece não está surpreso e nem assustado. Ele encara a detetive com um ódio no olhar.

Homem

– Isso não vai ficar assim não, detetive.

A detetive Carmen se mantém firme diante da situação. Já deu voz de prisão para muitos delinquentes e já está acostumada com tudo isso.

Carmen

– Você é apenas mais um. E foi preso em flagrante. E tenho certeza que não foi a primeira vez que cometeu tal atrocidade. Tens o direito de permanecer calado. E tudo que disser pode ser usado contra você...

Homem

– E blá blá blá...

O policial Julius pega o cacetete e bate com força na região lombar do homem que se dobra de dor, mas não mostra a mesma no olhar.

Carmen

– Calma policial. Pode levar esse daí.

Carmen encara o delegado Gaitán mais atrás e suspira fundo.

Gaitán

– Policial, chama o IML. Vamos levar este corpo daqui de uma vez.

Penitenciária Charles Freire

A chuva tinha parado quando o camburão chegou em frente à penitenciária Charles Freire. Agora a neblina toma conta e não se enxerga um palmo na frente. O policial Julius desce pelo lado do caroneiro e, imediatamente, puxa a gola do casaco para cima protegendo-se do frio e do vento gelado. Ele dirige-se à parte traseira e puxa com força o engate abrindo-a.

Julius

– Vamos. Aproxime-se devagar.

Em questão de segundos consegue se ver aquele homem todo sujo e molhado surgir na porta do camburão com as mãos algemadas. Um agente penitenciário aproxima-se deles.

Agente

– Então este é o cara?

Julius

– Este é o delinquente.

Julius olha para o homem ainda em cima do camburão.

Julius

– Pode descer. Ou quer que eu te carregue no colo?

O semblante antes debochado do homem, agora é um semblante sério. Ele salta de cima do camburão e olha, através de toda aquela neblina, para as paredes pichadas do exterior da penitenciária.

Agente

– Bem vindo ao lar.

O agente se posiciona atrás do homem e o empurra fazendo-o seguir em direção ao portão de entrada.

## Residência da Família Sanchez

Longe dali, em algum lugar daquela singela cidade, uma mão feminina coloca uma chave na fechadura de uma porta e gira duas vezes. A mesma mão pousa na maçaneta girando-a e abrindo a porta revelando um ambiente escuro de uma casa. A mesma mão ainda pousa em um interruptor de luz apertando-o e clareando uma sala de uma casa simples e aconchegante.

A dona da mão é a detetive Carmen Sanchez. Cara preocupada e olhar cansado, ela avista seu marido, Jairo, de 39 anos, um homem magro e alto de cabelos afro no estilo Black Power. Ele encontra-se de olhos fechados e com a cabeça escorada no encosto de um sofá de tecido preto.

A detetive Carmen suspira fundo, larga a bolsa sobre uma poltrona mais próxima e empurra a porta fechando-a.

Carmen

– Oi amor.

Jairo somente abre os olhos sem mexer o restante do corpo.

Jairo

– Boa noite amor.

Ele se ajeita no sofá. Parece estar cansado também.

Jairo

– Está exausta?

Antes da detetive responder, ele complementa.

Jairo

– Mas também não é pra menos. Dia deve ter sido difícil. Mas enfim, conseguiu o que queria...

Carmen olha surpresa para ele.

Jairo

– ...prende o tal desgraçado que aterrorizava a região.

Carmen

– Como você sabe?

Jairo

– Noticiário minha cara. E cidade pequena as notícias voam.

Carmen pega imediatamente o controle em cima da mesa de centro e aumenta o volume da televisão.

Jairo

– Acabou de dar a notícia. Agora você vai conseguir sossegar um pouco.

Carmen se senta em uma poltrona do outro lado, exausta.

Carmen

– Espero que sim. Mas esta história não acabou ainda. Tem o julgamento, tem o simples fato de não sabermos nada sobre este desgraçado, sequer seu nome.

Jairo

– Ué, mas com ele preso tudo irá se resolver.

Jairo se levanta e vai por trás da poltrona que encontra-se Carmen. Ele se inclina e coloca as mãos nos ombros dela e começa a massagear a esposa.

Jairo

– Tenta relaxar amor.

Carmen parece gostar da iniciativa do marido. Ela fecha os olhos e relaxa com a massagem.

Carmen

– Acho que era tudo que eu estava precisando.

Jairo interrompe a massagem e fica com as mãos nos ombros da esposa, inclina sua cabeça sobre a dela e lhe dá um beijo invertido.

Carmen abre os olhos encarando Jairo.

Carmen

– Obrigada.

Jairo se recompõe e continua com a massagem.

Jairo

– Agora que este desgraçado já vai pra trás das grades, a gente podia retomar aquele assunto...

Carmen de relaxada com a massagem, muda a expressão para séria. Jairo sorri de canto de boca, sabe que mexeu onde não devia, que tocou em um assunto delicado demais e, talvez em um momento muito impróprio.

Jairo

– ...nunca mais falamos...

Carmen se desfaz da massagem. Levanta do sofá brava.

Carmen

– Achei que tivesse ficado bem claro da última vez.

Carmen pega a bolsa de cima da outra poltrona e se dirige para o corredor que leva ao banheiro e quartos. Jairo vai atrás e a alcança segurando-a pelo braço. Ela o encara com seu rosto bem próximo do dele.

Carmen

– Não Jairo. Acabou com o resto do meu dia. Vou tomar um banho e vou dormir.

Jairo

– Mas amor...

Carmen se desprende de Jairo e segue pelo corredor.

Carmen

– Eu já te disse que não quero ter filho!

Penitenciária Charles Freire

O sinal sonoro ecoa pela penitenciária indicando que é hora de todos os detentos se dirigirem às suas celas para a contagem dos agentes. Sentado em um banco em um canto, isolado de todos, aquele homem misterioso já com o uniforme laranja dos presidiários aguarda e observa todos indo para suas celas.

Agente

– Vamo bandido! Não ouviu a “vaca” berrar?

O homem encara o agente, se levanta tranquilamente, apaga o cigarro jogando o toco em uma lata de lixo e caminha em direção à escada que leva ao segundo pavimento onde está localizada a sua cela.

Agente

– Chegou hoje e já tá se fazendo de difícil, era só o que me faltava.

Outros agentes já se posicionam em frente às celas para a contagem e trancamento das mesmas. O homem entra na sua cela, onde seus colegas já se encontram e lhe olham de atravessado, com um certo receio e rancor.

As celas da penitenciária Charles Freire são todas de tamanho padrão, com dois beliches, um em cada lado e uma pia e um vaso separados por uma cortina. Porém, nem sempre estas celas contam com apenas quatro detentos, na maioria das vezes se encontram sete, oito, até dez presos em uma mesma cela.

Quando o homem misterioso adentrou aquela cela, as quatro camas já estavam ocupadas e havia mais um colchão velho jogado no chão para um outro detento. Ao entrar, ninguém lhe deu a mínima atenção, e ele se sentou sobre uma cama vazia, pois seu dono estava de costas na pia.

Detento 1

– O que tá fazendo novato?

Detento 2

– Cara folgado.

O preso que dorme no chão está agarrado em uma imagem de São Jorge. É um homem negro e gordo, que pela sua fisionomia, não aparenta oferecer perigo algum.

Negro

– Vo...vo... cê é lo...lou...co!

O homem misterioso olha surpreso para o negro.

Homem misterioso

– Tá gaguejando de medo é?

Detento 3

– Pera aí novato! Aqui ninguém zoa com o Cardume. Se ele gagueja o que é que tu vem a ver com isso?

Os outros dois detentos se levantam e se param de braços cruzados. O dono da cama está ainda na pia, de costas. Ele desliga a torneira e se vira lentamente. Um homem mal encarado, com uma cicatriz na bochecha, barba mal feita e careca.

Detento 1

– O “comédia” aí tá achando que vai ficar na tua cama.

O homem mal encarado não fala nada. Pega uma toalha, seca o rosto e caminha até sua cama. Ao se aproximar, ele joga a toalha na cara do homem misterioso, que não esboça nenhuma reação. Ele pega a toalha e a larga na cama ao seu lado.

Mal encarado

– Esta cama tem dono!

Para surpresa de todos, o homem misterioso apenas sorri de uma forma bastante sinistra, se levanta e senta em um canto ao lado do vaso, escorado na parede abraçando as pernas.

Um agente bate com o cacete nas grades.

Agente

– Silêncio aí bandidagem! Hora das crianças “contar” carneirinhos!

Os detentos silenciam e se ajeitam em suas camas. Cada um com suas particularidades. Um conversa com o retrato de uma mulher. Outro reza com um crucifixo entre os dedos. Outro pega um gíbi debaixo do travesseiro e começa à ler antes que escureça totalmente. O homem mal encarado se deita com os braços cruzados sobre o peito nú olhando para a parte debaixo da cama de cima, enquanto o negro gago já dorme agarrado na sua imagem de São Jorge.

O homem misterioso, escorado na parede e abraçado nas pernas, começa se balançar para frente e para trás, ao mesmo tempo em que cochicha algumas palavras indecifráveis. E tudo vai escurecendo...e o silêncio daquela penitenciária torna-se assustador.

Na sala de observação um agente penitenciário, responsável pelo turno da noite, dorme sentado em uma cadeira e com os pés sobre a mesa, enquanto se escuta o tic-tac do relógio na parede.

O tempo vai passando. As noites no silêncio das penitenciárias são longas e cheia de expectativas, pois à qualquer momento algo pode eclodir e o caos tomar conta. Já passava das três horas da manhã quando o agente penitenciário responsável pelo turno levantou e saiu da sua sala para fazer a ronda nos pavilhões. Era um serviço tenso de se fazer e ele saiu com sua arma na cintura e seu cacete em mãos.

Estava tudo calmo no Pavimento Inferior e então, ele subiu as escadas de ferro para o Pavimento Superior, onde está localizada a cela em que se encontra àquele homem misterioso. O silêncio era assustador até metade da escada. Foi quando ele ouviu gritos vindo da cela 47 que ficava na parte

final do pavilhão. Ele empunhou firme seu cacete e acelerou os passos já comunicando no rádio e chamando reforços. Os gritos oriundos da cela despertaram os demais detentos que batiam contra as portas de ferro e, em questão de segundos, o silêncio deu lugar a um ambiente hostil e assustador. Em poucos minutos os reforços chegaram, exatamente quando o responsável do turno abriu a janelinha da porta da cela, iluminou com uma lanterna e viu o que ele, mais tarde, veio a declarar como “a imagem mais tensa, sangrenta e assustadora que já viu em toda sua trajetória de agente penitenciário”. Assim que iluminou a cela, um par de olhos castanhos se parou à sua frente por alguns segundos lhe encarando. Depois aqueles olhos subiram e uma boca com dentes amarelados lhe sorriu de uma maneira amedrontadora, liberando a visão para o interior logo em seguida.

Agente

– Oxiii, merda!

Ele recolhe a lanterna e se vira para os demais agentes que se aproximam.

Agente

– Vamos precisar do batalhão pra entrar aí. O maldito, pelo jeito, estraçalhou todos os companheiros de cela.

Os gritos dos demais detentos acordou todo o pavilhão e, em questão de minutos, o diretor da penitenciária, Henrique Miranda, um sujeito baixinho e gordo de mais ou menos 60 anos de idade, de cara fechada atrás de seu bigode grosso e óculos, chega ao pavilhão.

Miranda

– O que tá acontecendo aqui? Que baderna é esta?

O agente penitenciário se aproxima do diretor enquanto os demais ficam com cacetes e armas à postos esperando por uma ordem para entrar em ação.

Agente

– Tá uma carnificina só aí dentro, Miranda.

Miranda

– Quem são os detentos desta cela?

Agente

– O gago e o Cacique com seus três amigos vagabundos...e o tal homem misterioso que chegou ontem.

O diretor se exalta.

Miranda

– Puta que pariu. Vocês me colocaram um delinquente que nem sequer sabemos o nome, junto com o Cacique?

Agente

– A prisão tá lotada diretor.

Miranda

– Mas não se coloca um delinquente junto com outro. Aí é pedir pra desgraça acontecer.

O diretor olha para os lados.

Miranda

– Me consegue uma arma.

Agente

– Você não vai entrar aí, vai?

Miranda

– Se vocês não são capazes de fazerem o serviço de vocês, eu faço o meu e o de vocês.

Um outro agente alcança uma arma para o diretor que a engatilha.

Miranda

– Aí bandido. Eu vou entrar. E tô armado. Qualquer movimento brusco e tu vai pro mesmo lugar dos teus “parceiro” aí de dentro.

O agente penitenciário responsável pelo turno pega a chave da cela e, visivelmente, com as mãos trêmulas, demora até encaixar a chave no cadeado que tranca aquela cela.

Quando a porta de ferro é aberta um cheiro horrível emana de dentro fazendo os agentes envolvidos virarem o rosto, menos o diretor, que tranca a respiração e mantém a arma apontada para o lado de dentro enquanto vai entrando com todo o cuidado.

Miranda

– Acende as luzes.

Imediatamente todas as luzes são acesas e o cenário dentro da cela é digno de um filme de terror. Os corpos dos cinco detentos estão destroçados, com sangue por toda a parte e alguns com partes internas expostas fora do corpo.

Miranda

– Que merda!

Um barulho entoa de um canto atrás de algumas cobertas. O diretor aponta a arma nesta direção.

Miranda

– Aí bandido. Levanta com as mãos na cabeça.

O sujeito atrás das cobertas se mexe e levanta. Está com a boca e mãos ensanguentadas e carrega um sorriso sarcástico no rosto. Ele coloca as mãos na cabeça conforme ordem do diretor Miranda e fica parado lhe encarando.

Miranda

– Agente Cruz, traz as algemas. Este aqui vai conhecer um lugar especial aqui da prisão.

O agente Cruz é o agente responsável pelo turno da noite. Ele passa pelo diretor e se aproxima do detento com as algemas na mão.

Cruz

– Mãos para trás bandido.

O detento mantém o mesmo sorriso no rosto e encara o agente penitenciário, colocando as mãos para trás do corpo. Cruz coloca as algemas no bandido.

Cruz

– Acha que aqui faz o que quer e fica por isso mesmo? Agora vai conhecer a solitária. Uns dias sozinho, no escuro vão lhe fazer bem.

Miranda

– Pode deixar duas semanas lá.

Cruz

– “Bora” bandido. Antes uma ducha de água gelada da mangueira pra tirar esta inhaca.

O diretor Miranda encara o ambiente horrendo ao seu redor. Depois olha para os demais agentes presentes.

Miranda

– Chama a equipe pra levarem os corpos...

Miranda suspira fundo desengatilhando e entregando a arma para o agente que lhe emprestou.

Miranda

– ...o dia será longo.

Ele sai da cela cuidando para não pisar nos corpos destroçados no chão. Começa a se ouvir o burburinho dos demais detentos novamente. Miranda aponta para um outro agente.

Miranda

– E faça essa estes outros vagabundos calarem a boca. Não quero ter que “botar” mais ninguém na solitária.

Residência da família Sanchez

Enrolada em seu roupão, Carmen Sanchez, com os cabelos desarrumados surge no corredor que liga quartos até a sala. Ela se escora na parede observando seu marido Jairo, que acabou dormindo no sofá após a discussão da noite anterior. Carmen sempre sente-se mal com cada discussão, com cada briga que tem com o marido. Mas são sempre pelos mesmos motivos, e ela não quer ceder neste assunto. Ela suspira fundo e passa pela sala para ir até a cozinha. Jairo se mexe no sofá acordando.

Carmen

– Bom dia.

Jairo esfrega os olhos e senta-se no sofá.

Jairo

– Bom dia.

Carmen, antes de entrar na cozinha, encara o marido.

Carmen

– Vem tomar café, vem.

Ela se vira entrando na cozinha.

Jairo

– Espera amor...

Ele se levanta e se aproxima dela.

Jairo

– ...não pode encarar como se não tivesse acontecido nada.

Carmen se irrita. Ela quer fugir do assunto quem nem o diabo foge da cruz.

Carmen

– Eu não consigo Jairo. Nada me faz mudar de ideia. Eu não quero, tu sabe. Já deixei isso bem claro pra você.

Jairo também se irrita com o modo com que a esposa trata o assunto.

Jairo

– Não quer? É só isso mesmo?

Carmen

– Ué? Agora duvida também das minhas razões?

Carmen começa a passar o café na cafeteira. Derruba uma xícara no chão. Se irrita. Põe as mãos na cabeça e começa chorar. Jairo se aproxima querendo ajudar.

Carmen

– Me deixa Jairo!

Jairo

– Ok. Não quer ajuda, não quer falar. Tudo bem. Eu não vou mais insistir. Não vou mais incomodar.

Jairo se vira e sai da cozinha e, em questão de segundos, ouve-se o bater da porta de entrada.

Carmen puxa uma cadeira. Senta e chora debruçada na mesa enquanto o café está sendo passado na cafeteira.

Mais tarde...

O relógio grande na parede da sala marca onze horas em ponto. Carmen Sanchez surge vindo do quarto vestindo uma calça jeans surrada, blusa branca colada no corpo e está colocando um casaco de malha por cima. Maquiada e de cabelos penteados ela senta na poltrona e fica olhando para o nada. Muitas vezes mascaramos nossos problemas com uma boa maquiagem, um cabelo bem escovado, um sorriso disfarçado no rosto, mas, por dentro, nossa alma está se corroendo e, o problema só está guardado, pronto para atacar novamente. E, quando ele ataca, é mais forte do que antes...

Carmen escora a cabeça no encosto da poltrona e fecha os olhos. A campainha toca. Ela nem dá atenção. Toca mais uma vez. E mais uma. E mais uma. Até que Carmen se levanta para atender.

Do lado de fora está o delegado Gaitán com alguns documentos em mãos. A porta é aberta.

Gaitán

– Carmen... bom dia! Está tudo bem?

Carmen tenta disfarçar com um sorriso no rosto.

Carmen

– Bom dia. Sim, sim. Tudo bem... entra delegado.

Carmen dá lado para Gaitán entrar e fecha a porta em seguida.

Gaitán

– Jairo não está?

Carmen

– Ele saiu... nós...

Carmen baixa a cabeça.

Carmen

– ...deixa pra lá. Senta Gaitán.

O delegado Gaitán senta no sofá largando os documentos na mesinha de centro.

Gaitán

– Aconteceu alguma coisa? Aconteceu sim. Eu te conheço detetive.

Carmen senta na poltrona.

Carmen

– Você me conhece eu sei. Aconteceu... mas deixa pra lá. Garanto que veio aqui não pra ouvir meus problemas.

Gaitán

– Sabe que pode sempre contar comigo.

Carmen sorri afirmando com a cabeça.

Gaitán

– Bom...

Gaitán se estica e pega novamente os documentos.

Gaitán

– ...realmente não vim aqui para ouvir seus problemas, mas, se for preciso, sou todo ouvidos.

Carmen sacode a cabeça negativamente.

Carmen

– Já disse, pode deixar pra lá. Vamos ao que interessa. Deve ser algo importante pra você ter vindo aqui em casa ainda de manhã.

Gaitán

– Sim, minha cara detetive. Aqui nas minhas mãos temos tudo o que precisávamos. Uma ficha minuciosa sobre nosso prisioneiro.

Carmen se anima na poltrona. Nada poderia deixá-la mais animada do que as coisas darem certas no seu trabalho. Parece que tudo voltava ao normal. Ela esquecia os problemas. Tinha algo para focar.

Carmen

– Não acredito que você descobriu tudo o que não sabíamos...como fez isso? Me deixa ver.

Gaitán

– Calma detetive. Vamos por partes.

Carmen

– Estou curiosa.

Gaitán segura na frente dos olhos um dos documentos.

Gaitán

– João Acácio de la Rocha. Nascido em 25/10/1970...filho do uruguaio Francisco de la Rocha e da brasileira Adelaide Souza. Seu pai veio fugido do Uruguai ainda adolescente. Viveu nas ruas, conheceu o mundo sombrio e devastador das drogas...sua mãe é filha de médicos. Sempre teve tudo do bom e do melhor, formou-se enfermeira e... conheceu o pai do nosso detento...engravidou de João, teve um erro terrível no trabalho e encontrou na heroína apresentada pelo marido o refugio para suas dores.

Carmen está perplexa ouvindo as palavras do delegado.

Carmen

– Não acredito. Que história...

Gaitán tira a folha de frente dos olhos e encara a detetive à sua frente.

Gaitán

– Espera que tem mais...

Penitenciária Charles Freire – Solitária

A janelinha da porta de ferro da solitária é aberta levando alguma claridade àquele ambiente bastante desolador. Em um canto, sentado no chão, está o homem misterioso, João Acácio, escorado na parede, roupas molhadas do banho de mangueira de água gelada, e abraçado às suas pernas. Uma bandeja de comida é colocada no suporte ao lado da janelinha da porta e a mesma fechada novamente. Tudo escurece.

Ouve-se a voz do delegado Gaitán continuando a contar para a detetive Carmen tudo o que descobriu.

Gaitán

– João Acácio de la Rocha sofre de distúrbios mentais. Ele é esquizofrênico, do modo paranóide, aquele que sofre de delírios e tem visões, as quais não pode controlar sem medicação. A origem de sua esquizofrenia pode estar ligada ao fato dos pais terem sido usuários de drogas...

Gritos desesperados são ouvidos no escuro junto de um estouro de algo sendo quebrado. Em questão de segundos a janelinha da porta de ferro é novamente aberta clareando o ambiente. João Acácio permanece sentado do mesmo jeito, no mesmo lugar e, pelo chão, a comida e os estilhaços do prato. Ele começa à se balançar para frente e para trás abraçado nas suas pernas.

## Capítulo Dois

O caos está formado

Penitenciária Charles Freire – Sala Médica

A sala pequena, mal iluminada e com poucos recursos liberados pelo governo, serve de apoio médico para os detentos da penitenciária. Mas, mesmo assim, o Dr. Quaresma executa verdadeiros milagres no seu dia a dia. O bom consultório não faz um bom médico, porém, um bom médico é capaz de fazer de qualquer ambiente um bom consultório, mesmo com recursos limitados. Estas foram as palavras que ele ouviu de um membro da Secretaria de Saúde na última premiação que recebeu por seus serviços prestados.

Evander Quaresma é um homem alto, robusto de cabelos grisalhos e bigode. Ele tem 49 anos de idade e há 15 anos trabalha na penitenciária Charles Freire, sempre tendo que “matar um leão por dia” para poder fazer um bom trabalho. Ele está sentado diante da sua mesa e na sua frente está o diretor Miranda.

Miranda

– E então, posso mandar trazê-lo aqui pra você?

Quaresma

– É claro que pode. Se ele já foi capaz de fazer o que fez na primeira noite aqui, só Deus sabe o que está por vir.

Miranda

– Ou o diabo...

Quaresma

– Como diretor?

Miranda

– Acho que Deus não olha por aquele ali não doutor. Em tantos anos de serviços prestados aos detentos deste estado, nunca vi nada parecido com o que presenciei ontem à noite naquela cela.

Quaresma

– Imagino...pra você estar me dizendo isso...eu posso imaginar. Mas me diga...

O doutor pega um documento que está sobre a mesa.

Quaresma

– ... diagnóstico de distúrbio mental é? Que tipo, exatamente? Quem conseguiu tais informações?

Miranda

– Ele é esquizofrênico, do modo paranóide...sofre de delírios e tem visões, as quais não pode controlar sem medicação.

Quaresma

– Humm.

Miranda

– Quem levantou estes dados foi o delegado Gaitán. Sua detetive, Carmen Sanchez, foi quem deu ordem de prisão. Foi pego em flagrante e, pelo que me contou o delegado, fazendo o mesmo que ele acabara de fazer esta noite.

Quaresma

– É um caso grave. Mas eu vou averiguar. Talvez descobrir a origem.

Miranda

– A origem de sua esquizofrenia pode estar ligada ao fato dos pais terem sido usuários de drogas.

Quaresma

– Faz todo o sentido.

O telefone celular do diretor toca. Ele atende.

Miranda

– Pronto!

Ele escuta por alguns segundos a voz do outro lado da linha e, em seguida, desliga o celular.

Miranda

– Posso dizer pra trazerem, doutor?

O doutor Quaresma confirma que sim com a cabeça.

Penitenciária Charles Freire – Solitária

Um agente penitenciário mal encarado está de pé na frente da porta de ferro de braços cruzados e com o cacete em uma das mãos. À frente dele agachado e juntando os estilhaços de prato quebrado e limpando a comida pelo chão está João Acácio.

Agente

– Aqui é assim. Vagabundo sujou, vagabundo limpa.

João Acácio vira a cabeça para olhar para o agente.

Agente

– É de cabeça baixa, sem nenhum pio.

João Acácio, com uma vassoura e uma pá vai juntando cada estilhaço e colocando em uma lata de lixo.

Agente

– É pode ter certeza que esta tua revolta vai lhe custar mais uns dias por aqui. Acho bom ir se acostumando.

João Acácio está obediente, mas seu lado sombrio e revoltado ainda existe. Ele olha com aquele seu olhar assustador para o agente penitenciário e sorri.

## Delegacia Regional de Alcatraz – Sala do Delegado

A sala do delegado Gaitán é um compartimento pequeno com uma mesa de madeira com uma cadeira de cada lado e atrás uma estante cheia de livros e pastas. Gaitán está atrás de sua mesa, olhar compenetrado em um documento grosso aberto e encadernado em cima da mesa. Ouve-se três batidas na porta.

Gaitán

– Pode entrar.

A porta se abre e surge a detetive Carmen Sanchez em uma saia justa abaixo dos joelhos, salto médio, camisa branca e casaco por cima.

Gaitán

– Detetive.

Carmen

– Delegado.

Gaitán fecha o documento espiral em cima da mesa e consegue se ler a capa do mesmo: Trabalho Final do Curso de Criminologia – Detetive Carmen Sanchez.

Carmen puxa a cadeira e se senta.

Carmen

– Conheço este trabalho.

Gaitán sorri.

Gaitán

– Estava aqui lembrando. Que trabalho bem feito. Mas será que você ainda tem as mesmas ideias de cinco anos atrás, após diversas experiências aqui no departamento?

Carmen sorri, pega o trabalho, abre em uma página qualquer e começa à ler.

Carmen

– Veja essa parte aqui delegado...

Carmen se ajeita na cadeira com o documento em mãos.

Carmen

– ...”o homem nasce mau, com instintos de sobrevivência, e que devido à tais instintos é capaz de fazer qualquer coisa. A sociedade é que tem o papel de educá-lo, humanizá-lo, de tornar este homem um ser sociável.”

Gaitán

– Hummm, citando Hobbes!

Carmen

– Já não sei se acredito tanto nisso não.

Gaitán

– Não é nenhum crime mudarmos nossa opinião frente a alguns assuntos. Nosso trabalho nos permite isso.

Carmen

– Acho que, hoje em dia, sou mais adepta à teoria de Rousseau: os homens nascem bons e, em contato com a sociedade, tornam-se maus.

Gaitán

– Essa teoria vai de encontro ao pensamento cristão, minha cara, onde as crianças seriam tidas como puras e tornam-se pecadoras à medida que começam a perceber os males do mundo, os quais as envolvem.

Carmen

– Não só os meios em que estão inseridas podem mudar o ser humano. Veja o caso deste nosso detento: pais sem compromisso nenhum, que não se preocuparam com as consequências de seus atos, desenvolveram um problema que hoje em dia temos que enfrentar. Sem tratamento João Acácio não pode ficar. A gente sabe que isso o afeta e o torna o bandido perigoso que é. Algo ruim dentro dele desperta um lado sombrio e que põe outras vidas em risco. E isto é o meio em que está inserido, é o modo em que foi criado, vem lá de trás.

Gaitán

– Você está certa.

Carmen fecha o documento espiral sobre a mesa.

Carmen

– Como eu era ingênua em achar que todo homem nasce mau. Maldito mundo em que estamos vivendo delegado!

Gaitán sorri.

Gaitán

– Tenho orgulho deste teu temperamento. Deste teu ímpeto em lutar e resolver as coisas. Em não se acomodar...mesmo em frente aos problemas pessoais.

Carmen desvia o olhar. Fica cabisbaixa. Se inquieta na cadeira.

Carmen

– Desculpe delegado. Realmente não quero falar sobre isso. Quero focar no meu trabalho...

Gaitán apoia-se com ambas as mãos na mesa se levantando.

Gaitán

– Ok. Não está mais aqui quem falou.

Carmen

– Trabalho delegado. Somente trabalho. O que ficou resolvido sobre o problema de João Acácio?

Gaitán olha as horas em um relógio pendurado na parede acima da porta.

Gaitán

– Estas horas nosso detento deve estar indo consultar com o Dr. Quaresma lá na penitenciária. Ele vai saber como agir.

Penitenciária Charles Freire – Sala Médica

Um agente penitenciário adentra na sala com João Acácio de mãos algemadas à frente do corpo.

Miranda

– Obrigado agente. Está dispensado.

O agente retira-se da sala deixando o detento parado de pé na frente do diretor Miranda e do Dr. Quaresma, que o encara da cabeça aos pés.

Quaresma

– Este é o cara então, diretor?

Miranda

– João Acácio de la Rocha ao seu dispor doutor.

Quaresma

– Sente-se João. Vamos conversar. O diretor já estava de saída...

Dr. Quaresma aponta para a cadeira. Depois olha para o diretor.

Quaresma

– ... não é mesmo Miranda?

Miranda

– Ahh, sim sim. Tenho coisas à fazer na minha sala. Satisfações para dar aos familiares dos assassinados...enfim. Qualquer coisa o senhor me chama.

O diretor Miranda encara João Acácio antes de se retirar.

Miranda

– E você, trate de colaborar com o doutor.

João Acácio está com a cabeça baixa olhando para o carpete surrado da sala. Ele levanta apenas o olhar e observa o diretor Miranda se retirar.

O doutor Quaresma senta-se na sua cadeira e fica a observar João de pé, imóvel na sua frente, esperando que ele também sente. João nota o olhar do doutor e resolve ocupar aquela cadeira ao seu dispor.

Quaresma

– Muito bem João... então, você teve um surto e resolveu dar um fim nos seus novos colegas?

João se sentou, mas permanece em silêncio olhando para a mesa do doutor.

Quaresma

– E não é a primeira vez, não é mesmo?

João

– Aqueles homens não eram meus colegas.

Quaresma

– Ok. E precisava matar eles?

João

– Eles me importunaram. Me subestimaram...

João Acácio encara um pote de balas que está sobre a mesa.

Quaresma

– Quer uma bala João? Sempre tenho estas balas aqui...claro que nem a todos eu posso dar. Cada detento, cada paciente é um caso. Mas...

O Dr. Quaresma estende o braço, abre o pote, pega uma bala e entrega para João, que sem falar nada, apenas levanta ambas as mãos algemadas, mostrando que não tem como retirar o papel da bala.

Quaresma

– ...acredito que você não tenha problemas com açúcar...

João tenta pegar e retirar o papel da bala, sem sucesso.

Quaresma

– ...deixa que abro pra você!

O doutor Quaresma retira o papel da bala e larga a mesma próxima de João Acácio, que com dificuldades, a pega e a coloca na boca.

Quaresma

– Então João...eu vou precisar te encaminhar para alguns exames. Você já fez alguma tomografia, que você se lembra?

João Acácio balança a cabeça negativamente.

Quaresma

– Você conhece o diagnóstico que te deram?

João fica pensativo por alguns instantes.

João

– Dizem que sou louco “dotor”.

Quaresma

– Não se trata de loucura João...e sim uma doença. Esquizofrenia. E que tratada pode ser amenizada. Nunca ninguém lhe receitou medicamentos João?

Mais uma vez João Acácio balança a cabeça negativamente.

Quaresma

– Então eu vou lhe receitar. Amanhã é dia de buscar medicamentos para nosso estoque e já vou incluir o seu. Mas, ainda assim, vou querer a tomografia.

O doutor Quaresma inclina-se sobre a mesa anotando o receituário e autorizando a saída do detento para fazer o exame.

Quaresma

– Um policial vai lhe acompanhar até o hospital. Você fará a tomografia sob supervisão e voltará para a penitenciária.

Quaresma termina as anotações e encara João

João

– Era só isso “dotor”?

Quaresma

– João Acácio de la Rocha, o que tu te lembras do seu passado? Dos seus pais?

O semblante de João torna-se mais sério. Seus olhos incham e ficam vermelhos ao ponto de uma lágrima brotar e escorrer de um olho pelo seu rosto. Ele se inquieta na cadeira. Quaresma sente que sua pergunta causou um certo incômodo no homem à sua frente. Não sabe até que ponto isso seria positivo.

João

– O passado precisa ficar lá atrás “dotor”. Não devemos mexer com isso. E, meus pais...

Quaresma nota a inquietação de João, quando o mesmo se levanta e, com ambas as mãos algemadas, arrasta para o chão tudo que há sobre a mesa do doutor enquanto solta um grito de raiva, que assusta o doutor Quaresma, que se levanta saltando da cadeira.

Quaresma

– Calma João!

João Acácio encara Quaresma com um sorriso amedrontador no rosto.

João

– ...eu não sei dos meus pais. E, pra ser bem sincero com o “dotor”, eu espero que estejam ardendo no inferno!

O diretor Miranda, acompanhado de um agente penitenciário, entram na sala ao ouvirem o barulho e o grito.

Miranda

– Agente, leva este desgraçado daqui.

O agente penitenciário aproxima-se de João, segura-o e puxa tirando-o da sala, sob olhares do doutor e do diretor.

Miranda

– Droga! Está tudo bem doutor?

Quaresma se recompõe. Passa a mão na cabeça.

Quaresma

– Pedi uma tomografia, receitei o medicamento já. Preciso ter certeza absoluta, mas...

Quaresma se senta e faz sinal para Miranda fazer o mesmo.

Quaresma

– ...90% de chances do diagnóstico que você recebeu estar certo.

Miranda

– E agora doutor?

Quaresma

– Agora eu vou receitar a medicação contínua. Vou solicitar por escrito a vinda da mesma na próxima remessa e, ela terá que ser dada nas horas certas, ou vamos ter graves transtornos.

Miranda

– Pode deixar! Vou garantir que ele receba a medicação...mas, me diga: acha que uns dias na solitária lhe farão bem?

O doutor Quaresma sorri.

Quaresma

– Esta é sua decisão como policial, como diretor. Do ponto de vista clínico já sabe minha opinião. Medicação na hora certa...e sim, uns dias sozinhos acho que, até o tempo do remédio começar fazer efeito, seria interessante.

A porta é aberta e o agente penitenciário que levou João Acácio se pára diante de Miranda e do doutor Quaresma.

Agente

– Detento novamente na solitária.

O agente encara o diretor.

Agente

– Diretor, estão te chamando na revista do pavilhão três.

Miranda suspira fundo e se levanta da cadeira.

Miranda

– Bom...vou lá. Está vendo doutor? Aqui é difícil ter uns minutos de folga.

Penitenciária – Pavilhão Três

A grade de ferro é aberta por um agente penitenciário responsável do turno e o diretor Miranda acompanhado do agente que lhe chamou na sala médica entram no corredor do pavilhão.

Agente

– Cela 43 diretor.

O diretor Miranda encara o agente.

Miranda

– Detentos...

Agente

– Erivaldo, Caxias, Bastilha e João Serenata.

Miranda

– O Serenata? Achei que já tivesse sido transferido, eu mesmo assinei os papéis da transferência...

Agente

– Camburão foi pra oficina ontem ainda. Só estará disponível amanhã diretor.

Miranda sacode a cabeça desapontado.

Miranda

– Mais essa! Bom... vamos lá ver o que estes desgraçados aprontaram.

O agente responsável pelo turno fecha e passa a chave na grade de ferro e acompanha seu colega e o diretor pelo corredor. À medida que vão passando os detentos nas celas encaram os três. Nestas horas pode se ver o olhar de revolta, pode se ver claramente que se eles pudessem, eles matariam cada um dos policiais que aparecesse pela frente. Dentro do corredor de um pavilhão de penitenciária nunca se pode relaxar, pois por mais que as grades separassem bandidos dos mocinhos, uma arma de fogo escondida ou uma arma branca poderia voar por entre as grades. E o dia de revista, ahh, era um dia cheio. Era o dia em que drogas e armas muitas vezes eram encontradas e o dia em que muitos detentos iam para a solitária. E aquele dia não foi diferente...

Residência da família Sanchez

Carmen Sanchez abre a porta de sua casa. Cara de cansada, casaco e bolsa sobre o braço. Ela joga sobre a poltrona seus pertences, senta-se no sofá, tira seu sapato de salto médio e se joga no encosto fechando os olhos. Após um dia cansativo tudo o que ela quer é um pouco de paz, de sossego.

De tão cansada que está, ela nem notou que a luz já está acesa. Só se dá conta quando escuta barulhos de louças vindo da sala de jantar. Se inclina para frente e vira a cabeça atenta aos barulhos.

Carmen

– Quem está aí?? Jairo?

Ela se levanta ao mesmo tempo em que o seu marido Jairo surge no corredor com um pano de prato sobre os ombros.

Jairo

– Já chegou amor. Eu “tava” concentrado na comida e nem ouvi você chegando.

Carmen

– Comida?

Carmen se aproxima do marido e lhe dá um beijo sem muito sentimento e segue na direção da cozinha.

Jairo

– Sim. Nossa janta de hoje.

Jairo pega o pano de prato na mão e acelera o passo ultrapassando a esposa para chegar antes dela na cozinha.

Jairo

– Uma jantinha especial. Pelo jeito teve mais um dia difícil. Precisa relaxar, comer uma boa comida. Esquecer os problemas.

Carmen

– Ok...sabe que não é má ideia? Mas me diz, o que tem pra comer? O cheiro está ótimo.

Jairo joga o pano de prato sobre a mesa da cozinha. Coloca ambas as mãos nos ombros da esposa virando-a de volta para o corredor.

Jairo

– Agora não. É surpresa. Você vai tomar um banho bem relaxante enquanto a comida fica pronta. E depois você descobre o que tem pra janta.

Carmen não contradiz o marido. Pelo contrário, acha a ideia muito boa. Dá um leve sorriso e aceita a sugestão dele.

Residência da família Sanchez – banheiro

O chuveiro ligado no quente deixara o banheiro numa fumaça que não se via um palmo à frente. O barulho da água caindo por de trás do box de vidro cessa e o mesmo é aberto de um lado, onde uma mão pega uma toalha que está pendurada. O box então se abre por inteiro e Carmen surge enrolada naquela toalha felpuda em meio ao banheiro embaçado. Ela se pára em frente ao espelho e passa a mão para desembaçá-lo. Fita o seu reflexo e fica imóvel com o pensamento distante.

Penitenciária Charles Freire – Solitária

João Acácio está escorado de pé na parede daquela cela escura. Ele puxa e segura entre os seus dedos o medalhão que carrega pendurado no pescoço. Ele começa a balbuciar algumas palavras soltas e indecifráveis e, então, fica mais agitado. Agarra com força o medalhão ao mesmo tempo em que olha assustado para um canto da cela. Quando se vê através da sua visão pode se notar que nada há ali naquele canto.

João Acácio solta o medalhão e, neste momento, lágrimas brotam de seus olhos. Ele se vira contra a parede apoiando a testa na mesma e bate com ambos os punhos cerrados contra àqueles tijolos corroídos com o tempo até suas mãos começarem a sangrar.

Residência da família Sanchez – banheiro

O banheiro não está mais embaçado. Carmen não está mais enrolada na toalha. Ela já pôs uma calça jeans preta, blusa branca e está terminando de se maquiar em frente ao espelho. Afinal, ela aceitou a sugestão do marido e quer fazer deste momento, um momento único, longe de preocupações, dúvidas e incertezas. Ao terminar de passar o batom de tom rosa claro, ela dá um sorriso de aprovação para sua imagem e sai. O quanto você consegue desligar-se dos problemas e tirar algumas horas para seu amor próprio, sua família, para seu bem-estar? Carmen Sanchez estava disposta à fazer isso e não

importaria se Jairo tocasse novamente naquele assunto indesejável para ela, pois já tinha em mente que nada e nem ninguém estragaria algumas horas de paz em sua vida.

Residência da família Sanchez -sala de jantar

Jairo está terminando de colocar os pratos na mesa posta com uma toalha branca de renda e flores, quando sua esposa Carmen Sanchez chega toda produzida. Ele interrompe o que estava fazendo, incrédulo admirando-a, sem reação. Ela sorri e se aproxima dele.

Carmen

– O que houve amor?

Ela pega o prato das mãos dele e coloca sobre a mesa.

Carmen

– Agora é a hora que você diz que estou linda!

Ele a olha dentro dos olhos, admirando àquela beleza como se fosse a primeira vez que a via.

Jairo

– Eu sei. Eu sei meu amor.

Ele passa sua mão carinhosamente no seu rosto.

Jairo

– Você está linda meu amor!

Carmen fecha os olhos por um instante, sentindo a pureza daquele toque e a verdade daquelas palavras. Abre os olhos e encara o marido.

Carmen

– Obrigada!

Ela inclina a cabeça um pouco para cima e lhe dá um beijo suave.

Carmen

– E nossa janta? Já está pronta? Estou curiosa pra ver o que você aprontou pra nós!

Carmen senta-se. Jairo se vira para o fogão para pegar a comida.

Longe dali...

Em uma rua escura e cheirando à bebidas e cigarros, o delegado Gaitán dirige seu carro antigo lentamente enquanto observa as prostitutas se oferecendo na calçada. A fumaça dos cigarros deixa uma nuvem pairando no ar e as garrafas vazias enfeitam as beiradas das ruas.

Gaitán diminui ainda mais a velocidade até que o seu Maverick estaciona quase na esquina. Ele põe a cabeça para fora da janela e faz sinal para uma jovem loira de cabelos lisos, batom vermelho, mini blusa, saia de couro e botas de cano longo se aproximar. Ela sorri, joga fora o cigarro e caminha com seu rebolado, apoiando-se na porta do lado do motorista.

Gaitán

– Está livre?

Prostituta

– Ao seu dispôr!

Gaitán

– Qual sua graça meu bem?

Prostituta

– Beatriz. Mas pode me chamar de Bia.

Gaitán sorri. Olha a hora no seu Rolex. Já passam das 23h00min. Ele faz sinal com a cabeça para a jovem dar a volta e entrar no carro.

Bia

– Assim, direto? Nem quer saber quanto vai gastar?

Gaitán olha para a jovem de cima a baixo.

Gaitán

– Não. Não quero saber agora.

Ele faz sinal novamente e ela atende seu pedido, caminhando lentamente pela frente do carro até a porta do caroneiro, sob olhares do delegado.

Quarto de Hotel – estrada de saída de Alcatraz

Gaitán e Bia entram aos beijos pela porta branca de pintura descascada do quarto de hotel. É o quarto de um hotel barato de beira de estrada, na saída da cidade. Uma cama de casal com lençóis velhos, uma cômoda de madeira caindo aos pedaços e um frigobar velho em um canto.

Gaitán parece não se importar com isso. Ele segura Bia pelos ombros e a encara.

Gaitán

– Tira a roupa que vou ficar só olhando.

Bia sorri maliciosamente e o empurra para cima daquela cama, que faz um rangido no momento em que ele cai sentado.

Gaitán tira a camisa, puxa o travesseiro, se deita e fica a observar a jovem à sua frente que começa fazer movimentos lentos de dança sensual.

Residência da família Sanchez – quarto

A porta do quarto iluminado com a luz do luar vinda pela janela entreaberta é empurrada pelos pés de Jairo, que surge aos beijos com Carmen. “Painted on my heart”, na versão tocada por Aerosmith, embala o clima tocando de algum aparelho eletrônico em alguma parte da casa.

Jairo suspira fundo enquanto desliza seus dedos entre os cabelos de Carmen. Ela o encara e passa as mãos debaixo de sua camisa ao mesmo tempo em que sorri maliciosamente e mordisca o lábio inferior.

No pensamento de Jairo, ele não acredita que ela fez aquilo novamente. Ela faz de propósito e sabe que aquilo provoca nele sensações diversas. Ele a puxa para perto de si tirando sua blusinha branca e revelando sua peça íntima cor de rosa forte. Mais um beijo quente, onde as mãos se entrelaçam e trocam carícias.

O juízo total fôra completamente perdido. Entre as quatro paredes daquele quarto o casal estava revivendo os velhos momentos de prazer. Jairo a pressiona contra seu peito já nú e abre o sutiã com uma das mãos enquanto a outra puxa aqueles cabelos loiros.

A respiração intensa e irregular de Carmen acentua todas aquelas sensações...o coração querendo escapar do peito, o sangue pulsando mais forte e mais quente. Todo o clima pesado de assuntos indesejáveis dos últimos dias, agora derramado em um momento único de uma feliz insanidade.

Deitados naquela cama que já viveu tantos momentos de prazer, Carmen e Jairo se entregam completamente um ao outro. O vento faz as cortinas floridas da janela entreaberta balançarem suavemente e a lua cheia é visível naquele céu azul escuro cintilante, até se tornar aos poucos, em uma manhã de céu azul claro, típico daquelas manhãs bonitas, frias preguiçosas de inverno.

Naquela cama que presenciara uma noite quente, Carmen Sanchez dorme sobre o peito nú de Jairo, que abre os olhos e sorri no ouvido dela. Sentindo aquele hálito quente bem próximo, Carmen desperta e vira a cabeça para poder olhá-lo. Ela lhe devolve o sorriso. Os lábios dele tocam suavemente seu nariz, sua bochecha...uma mão está por trás do seu pescoço apoiada no ombro dela e a outra acaricia sua barriga.

Carmen

– Poderia ficar aqui o dia todo.

Jairo

– Eu te amo de verdade, Carmen.

Carmen apenas sorri e aconchega a cabeça novamente no peito nú de Jairo fechando os olhos, mostrando que sim, aquele momento merecia ser eternizado.

Quarto de Hotel – estrada de saída de Alcatraz

A cama toda bagunçada abriga Gaitán deitado sem camisa coberto por um lençol da cintura para baixo. Ele desperta e vê a jovem Bia se arrumando de pé em frente à cama.

Gaitán

– Fica mais um pouco.

Bia

– Não precisa ir trabalhar delegado?

Gaitán sorri e se senta na cama.

Gaitán

– Não lembro de ter mencionado que era delegado.

Bia olha o revólver e uma carteira com um distintivo em cima da cômoda caindo aos pedaços.

Bia

– Nem precisava mencionar delegado.

Gaitán se levanta e vai se vestindo. Bia fica parada lhe encarando.

Gaitán

– Precisa que te deixe em algum lugar?

Bia senta na beirada da cama para calçar as botas.

Bia

– E não seria ruim pra um delegado ser visto por aí com alguém que nem eu?

Gaitán sorri. Se aproxima da jovem e segura seu rosto entre suas mãos.

Gaitán

– Você é só uma jovem linda! E depois ninguém tem nada de ver com o que faço da minha vida. Se estou fora do trabalho, a vida é minha. Se estou trabalhando, aí estou a serviço da comunidade...aí tenho que arcar com as consequências...

Bia pega o pulso do delegado e olha a hora.

Bia

– Pelo relógio é hora deste delegado estar a serviço da nossa comunidade... então...

Gaitán solta a jovem e se vira para a cômoda onde está seus pertences.

Gaitán

– Ok, ok. Me venceu. Vou lhe pagar e você pode sair antes que eu...

Gaitán abre a carteira e retira um dinheiro sob olhares de Bia. Ele se aproxima novamente da jovem lhe entregando o dinheiro.

Gaitán

– Eu ainda vou te procurar...

Bia pega o dinheiro e sorri.

Bia

– Sabe onde me encontrar.

Três Meses Depois

Penitenciária Charles Freire – Pavilhão Dois

A fumaça toma conta do ambiente dificultando a visão do que está acontecendo. Estouros, tiros e gritos são ouvidos.

Agente 1

– Eles tomaram conta do Pavilhão Um! Dois agentes são mantidos reféns! Outros dois não se tem notícia!

O estouro de uma bomba caseira explode bem próximo onde está este agente.

Agente 1

– Merdaa!!

Agente 2

– Reis? Você está bem?

Reis

– Sim, sim. Não fui atingido!

Agente 2

– Batalhão de choque já está subindo. Aguenta aí!

Ouve-se os passos pesados das botas dos policiais do batalhão de choque subindo pelas escadas de ferro em meio à fumaça. Em questão de segundos eles se espalham pelos corredores e celas. Mais tiros. Mais estouros de bombas caseiras. Mais gritos.

O agente Reis sai da cela em que está escondido e é surpreendido por um detento gordo sem camisa, que lhe golpeia na barriga com uma faca artesanal e se some em meio à fumaça sem ser visto pelo batalhão. Reis cai já sem vida no chão em frente à cela. Outros detentos passam correndo por cima sem se importar.

Residência da família Sanchez

Carmen Sanchez aparece no corredor enrolando uma manta no pescoço. Jairo surge na sua frente, lhe dá um beijo e vai em direção da porta.

Jairo

– Tchau amor!

Carmen

– Tchau!

O celular de Carmen toca em cima da mesinha de centro. Ela corre para atender.

Carmen

– Pronto!

Ela escuta por alguns segundos a voz do outro lado da linha.

Carmen

– É mesmo delegado?

Ela se senta na poltrona, incrédula com o que acaba de ouvir.

Carmen

– Eu vou direto...nos encontramos lá então!

Carmen Sanchez parece desnorreada com a notícia. Fica sem ação por um tempo. Liga a televisão pra ver se está passando alguma notícia sobre o que acaba de ouvir. Troca de canal até chegar em um canal de noticiário.

Na tv, uma repórter em meio a uma multidão que se aglomera. Ao fundo a entrada da Penitenciária Charles Freire. O indicador de volume na parte inferior da televisão é aumentado.

Repórter

– Estamos aqui em frente à penitenciária Charles Freire, onde poucas horas atrás teve início uma rebelião jamais vista antes. Como vocês podem ver, a fumaça já toma conta de toda a estrutura, pavilhão Um, pavilhão Dois e chegando ao pavilhão Três. O batalhão de choque chegou há pouco mais de meia hora e já se encontra em ação lá dentro, porém já faz mais de quinze minutos que não se tem atualização sobre como está a situação...

Atrás da repórter uma multidão já se faz presente. São muitos curiosos, mas também alguns familiares dos detentos em busca de notícias sobre seus entes.

Carmen Sanchez se recompõe. Desliga a tv, larga o controle na poltrona, pega a bolsa e sai.

Penitenciária Charles Freire

Carmen Sanchez desce do táxi em frente aquele aglomerado de pessoas. Ela avista o delegado Gaitán junto de alguns policiais perto do cordão de isolamento. Vai passando pelo meio da multidão até chegar onde ele está.

Carmen

– Delegado...

Gaitán se vira ao ouvir o chamado.

Gaitán

– Bom dia detetive.

Carmen fica ao seu lado junto ao cordão de isolamento observando a fumaça que sai pelas janelas da penitenciária.

Carmen

– Vi no noticiário, ainda sem maiores informações?

Gaitán

– Nada. Situação crítica lá dentro. Não se sabe ao certo quantos agentes se encontravam na penitenciária quando começou a rebelião. Nem o que está havendo. Quem começou. Se há mortes. Se há fugas.

Gaitán olha para a detetive ao seu lado.

Gaitán

– Tô com medo aonde isso pode levar...

Ouve-se tiros e gritos vindo lá de dentro. A multidão se agita do lado de fora. Os vidros de uma janela no pavilhão Dois estouram caindo estilhaços até onde se encontram o delegado e a detetive. Parentes

de detentos se alvoroçam e tentam ultrapassar o cordão de isolamento sendo impedidos pelos policiais. Gaitán puxa Carmen pelo braço para uma lateral mais isolada. O pavor se instala. O caos está formado.

## Capítulo Três

### O interrogatório do Frajola

#### Sala da Detetive Carmen Sanchez - Manhã chuvosa

Carmen Sanchez coloca seus óculos que a deixam mais atraente ainda e pega uns papéis sobre sua mesa. Dirige-se até a janela com os documentos na mão, de onde fica a observar a chuva intensa do lado de fora. Por alguns longos segundos fica ali imóvel, fitando o exterior com o pensamento longe, quando um trovão corta o céu lhe trazendo de volta à realidade. Então, ela retoma suas atividades, ajeitando melhor os seus óculos e segurando aqueles papéis à sua frente.

Carmen começa a leitura em voz alta. Trata-se da carta escrita por um detento que ela vai interrogar em seguida.

Carmen

– Ah, como é bom ver os outros sofrendo! Doenças, dores, desespero, agonia, pânico, tristeza, choro e lágrimas, esses são algumas das melhores sensações e sentimentos que posso querer ver alguém passar...

A imagem daquela folha à sua frente se funde com a chuva do lado de fora, que torna-se mais forte à medida que mais dois trovões seguidos rasgam o céu. Tudo fica escuro.

Carmen

– ...ver o sofrimento dos outros é algo que me enche de prazer. Melhor do que isso, só se esse sofrimento tiver sido causado por mim mesmo. Aí sim, sinto-me realmente realizado...

A escuridão revela um vulto no fundo de uma cela. É um homem acima do peso sentado em uma cadeira, que parece ter um caderno sobre suas pernas, onde ele escreve alguma coisa. Ele dá uma gargalhada e continua a carta de onde Carmen parou.

Homem

– ...tenho orgulho de causar sofrimento... e não importa os meios utilizados para alcançar tal objetivo. Muitas pessoas se escandalizam quando ouvem tais coisas, mas sei que pessoas assim são “seres inferiores”, dominados por sentimentos de fraqueza. Tais “insetos” não merecem compaixão. Quando um destes “mediócras” cruza o meu caminho, não sinto a menor culpa em pisar-lhe com os dois pés...

Escuta-se o barulho de guardas se aproximando e gritando com alguns presos.

Homem

– ...o mundo foi feito para os fortes. Nessa vida não há espaço para fracos e idiotas. Uns ganham e outros perdem. Dessa forma vivo, sempre ganhando e lucrando, principalmente se for às custas dos outros “seres insignificantes”...

As vozes dos guardas estão mais próximas. Aquele vulto esconde o caderno por um instante entre as suas costas e o encosto da cadeira. Escuta-se passos firmes passando pela frente da cela. Quando os passos parecem estar longe, aquele vulto retoma seu caderno e suas anotações.

Homem

– ...faço tudo isso só pela satisfação momentânea que o sofrer alheio me proporciona. Cada vez que

promovo um ato destes sinto uma sensação tão forte e intensa, maior mesmo que um orgasmo durante um ato sexual...

A escuridão dá lugar àquela chuva intensa na janela da sala da detetive Carmen. Alguém abre a porta despertando sua atenção. Ela se vira e se depara com a secretária do delegado, uma jovem negra de aparentemente 22 anos de idade.

Secretária

– O delegado Gaitán disse que você já pode se dirigir até a galeria dos presos, na sala de interrogatório.

Carmen, ainda atônita com o que acabara de ler, apenas sorri fazendo sinal de agradecimento à jovem. Ela dá uma última olhada naquele documento que tem em mãos e larga-o sobre sua mesa. No último parágrafo daquela folha está escrito algo que Carmen não deve ter lido ainda devido ao chamado da secretária.

” Esteja certo que se nós dois nos encontrarmos em algum lugar eu farei tudo para tornar sua vida amarga e cheia de dor”.

Com carinho, JCF. F

Sala de Interrogatório

O detento João Carlos Ferreira, o Frajola, de 49 anos, está sentado diante de uma mesa redonda. Um sujeito gordo, careca e de barba rala. Usa uma camiseta branca suja e pequena para seu tamanho e no seu braço direito o motivo do seu apelido: uma tatuagem do personagem Frajola. Carmen Sanchez observa do outro lado do vidro, ao lado do delegado Gaitán, aquele homem algemado com ambas as mãos sobre a mesa.

Carmen

– Será que ele vai contar tudo o que sabe?

Gaitán

– Apesar da aparência, Frajola é um cara sensato. Tenho quase certeza dos motivos dele de não ter sido adepto à fuga...

Carmen

– Sabe é?

Gaitán dá um sorriso de leve e um tapinha no ombro da detetive.

Gaitán

– Eu não posso afirmar nada...mas, tenho certeza que você vai arrancar a verdade dele.

Carmen Sanchez suspira fundo, ajeita os cabelos loiros caídos nos ombros e se dirige à porta da sala. Frajola, de cabeça baixa, sorri quando ouve que a detetive entrou na sala. Ele apenas ergue o olhar sem levantar a cabeça e acompanha Carmen, que caminha e fica de pé à sua frente.

Carmen

– João Carlos Ferreira, 49 anos de idade. Condenado há 35 anos e 8 meses por homicídio duplamente qualificado, além de tentativa de estupro e outras tantas ameaças de morte...

Frajola levanta a cabeça sorrindo.

Frajola

– Já conheço meus crimes “dotora”...

Carmen

– E vai colaborar comigo João Carlos?

Frajola

– Posso colaborar sim. Mas...antes vamos há algumas regras...

Carmen

– Regras detento? Acho que você não está em condições de impor regras aqui.

Frajola ergue as mãos algemadas.

Frajola

– Calma “dotora”...primeiro, vamos cortar essa formalidade de João Carlos. Já estou há mais de 30 anos aqui dentro. A bandidagem começou me chamar de Frajola, e assim que quero ser chamado. Do contrário, eu me nego a falar, seja o que for.

Carmen

– Ok...Frajola. Se esta é a sua exigência...eu me rendo.

Frajola

– Muito bom “dotora”, muito bom. Digamos, que pra começar só quero isso...

Carmen Sanchez puxa uma cadeira e se senta do outro lado da mesa redonda, de frente para o detento.

Carmen

– Pronto. Chega de enrolação. Agora me diga: você sabe o motivo da rebelião? O porquê de toda aquela chacina? O responsável é mesmo aquele homem que eu preendi há uns meses?

Frajola só observa a detetive por alguns longos segundos. Depois também inclina-se sobre os cotovelos na mesa e a encara.

Frajola

– Aquilo lá era o verdadeiro demônio em pessoa “dotora”!

Carmen se recosta para trás na cadeira.

Carmen

– Ouvi histórias...mas cá pra nós Frajola, não vai me dizer que você tinha medo destas historinhas de fantasma?

Frajola

– Parece que você não sabe nada do cárcere “dotora”. Bandido trancafiado tem medo de assombração. Larga a bandidagem em uma cela, fecha ela, e depois diz pela janelinha dela que ali dentro “fulano” se enforcou ou que “ciclano” matou um colega pra tu vê! Tantos anos preso, posso dizer que já vi de tudo...

Carmen

– Eu acredito em você Frajola. Acredito que o sobrenatural possa causar medo em vocês detentos.

Frajola se ajeita na cadeira.

Frajola

– As penitenciárias conseguem atrair os espíritos “dotora”...e sabe porquê “dotora”?

Carmen

– Fique à vontade pra me dizer...

Frajola olha para o teto. Ergue as mãos algemadas e coloca um dedo sobre a boca pedindo silêncio. Carmen arregala os olhos. Olha para os lados. Encara o delegado Gaitán que observa tudo de trás do vidro sem entender o que se passa.

Frajola

– A carga emocional é muito grande...e parece demorar na atmosfera pra sair do frio...imagina “dotora”...

Frajola se recosta mais próximo da mesa. Seu olhar amedrontador fita os olhos arregalados de Carmen.

Frajola

– ...um detento se suicida ou é brutalmente assassinado em uma cela, pode ter certeza que o seu espírito vai voltar pra este lugar, é como se estivesse em uma eternidade de confinamento.

Carmen tenta amenizar o clima pesado da conversa.

Carmen

– Ao menos que, logo após o ocorrido, um padre seja chamado e faça o que é de praxe.

Frajola solta uma gargalhada alta e se recosta no encosto da cadeira.

Frajola

– Mas pra isso todos deveriam crer em Deus “dotora”...e te digo, Deus nem sempre tem uma entrada fácil em lugares assim.

Carmen encara aquele homem à sua frente por alguns segundos. Passa a mão nos cabelos. Parece incomodada. Então pensa que este é o objetivo dele e se recompõe para não deixá-lo vencer.

Carmen

– Ok. Mas agora chega deste papo...

Carmen também se recosta no encosto da cadeira.

Carmen

– Tudo isso que você já viu neste tempo atrás das grades, inclui a rebelião e a chacina da penitenciária Charles Freire...e viu também os motivos que levaram a estas barbáries?

Frajola sorri. É esperto. Entende a jogada da detetive. Ela quer que ele revele os motivos que levaram àquela barbárie que ele presenciou. Quer que ele diga com todas as palavras que o homem que ela prendeu a um tempo atrás em flagrante é o grande responsável por tudo. Mas aquele homem agora está solto, e sabe se lá o que ele pode fazer.

Frajola

– Detetive...você não pode aumentar a minha pena simplesmente por eu não lhe passar estas informações...eu tenho mais dois anos e três meses pra cumprir...eu só quero sair deste inferno pela porta da frente e seguir os poucos dias que me restam em paz.

Carmen se recosta na cadeira. Cruza os braços. Sorri debochando do detento. Tantos anos de trabalho prestado ao sistema, sabe que tem que confiar desconfiando.

Carmen

– Então estou diante de um bom homem? De um detento realmente arrependido dos seus crimes? Ou quem sabe de um inocente?

Frajola solta uma gargalhada.

Frajola

– Não “dotora”... inocente eu não sou. Tenho consciência dos meus crimes. E se eu me arrependo deles?

Frajola olha para o teto com a pintura branca descascando. Está pensativo.

Frajola

– Não me arrependo não “dotora”. Acho que o arrependimento de nada adianta.

Carmen

– Não acredita em perdão não Frajola?

Frajola

– Em perdão não “dotora”. Mas acredito que posso pagar pelos meus erros e seguir adiante sem dever nada pra ninguém.

Carmen

– Então só me diga uma coisa:

Carmen se apoia com os cotovelos na mesa.

Carmen

– Aquele homem...sabe me dizer se em algum momento ele disse que ia atrás de alguém? Se ele disse onde ele iria se enfiar após a fuga?

Frajola encara a detetive lhe olhando bem dentro dos olhos.

Frajola

– Está com medo “dotora”? Medo dele ir atrás da tua família? Ir atrás de você?

Frajola sorri aquele seu sorriso amarelado. Baixa a cabeça, leva as mãos algemadas e coça-a.

Frajola

– Eu não sei “dotora”. Eu procurava ficar sempre longe daquela criatura. Principalmente quando vocês da lei, esqueciam, sabe? de dar os remédios dele...o bicho se transformava e nenhum detento era capaz de ficar perto...

Carmen presta atenção nas palavras dele. Sabe que qualquer informação é válida nestas horas.

Frajola

– ...me lembro de uma coisa só “dotora”. Aquele demônio falou uma vez no pátio, um dia antes de tudo acontecer, que qualquer um que cruzasse seu caminho ia pagar, não importasse quem fosse. E ele também falou algo sobre achar um lugar pra viver. Agora não me peça onde, porque como disse, não ficava muito perto não.

Carmen retira um bloco de anotações e uma caneta do bolso do terno e rabisca algo. Ela encara o vidro onde o delegado está curioso para saber o que ela descobriu.

Carmen se levanta, guardando seu bloco de anotações no bolso. Cabeça baixa, sem dirigir o olhar para aquele homem à sua frente.

Frajola

– Anotou tudo “dotora”? Não esqueceu nada?

Carmen não o encara.

Carmen

– Anotei o suficiente...

Ela pára e o encara.

Carmen

– ...Frajola.

Frajola levanta o olhar e sorri. Carmen se vira e caminha com passos firmes até a porta. Quando chega na mesma, se vira novamente para o interior da sala.

Carmen

– Tenho uma última pergunta...Frajola.

Frajola levanta as mãos algemadas acima da cabeça e faz sinal de positivo com a cabeça.

Frajola

– E eu vou colaborar com você “dotora”.

Carmen, ainda parada diante da porta da sala.

Carmen

– Eu li tuas cartas.

Frajola

– Leu todas?

Carmen

– Li a mais enigmática. A que mais me intrigou...

Carmen volta para próxima da mesa. Se escora com ambas as mãos inclinando-se.

Carmen

– ...e posso dizer que você mudou bastante daquela carta que li pra o homem na minha frente.

Ela se ergue ficando de braços cruzados.

Carmen

– Ou...você é um grande mentiroso.

Frajola sorri aquele seu sorriso debochado.

Frajola

– É melhor sentar-se novamente “dтора”.

Carmen

– Não tenho mais tempo para teus joguinhos.

A detetive Carmen resolve não dar mais “papo” para aquele detento. Ela só queria deixar claro que tem plena consciência de quem ele é e do que é capaz. Ela dá as costas para ele. Volta-se para a porta e sai da sala batendo a porta com força.

Frajola

– Espera...espera “dтора”...

Quando ela sai Frajola sacode a cabeça negativamente.

Frajola

– Carmen...Carmen...vai ter que treinar esta sua paciência se quiser chegar ao lugar certo.

Do outro lado do vidro Carmen passa pelo delegado Gaitán, toca em seu ombro o convidando para ir na sua sala. Ele dá uma última olhada para Frajola na sala de interrogatório e segue a detetive.

Sala da Detetive Carmen Sanchez

Carmen entra em sua sala, tira o bloco de anotações do bolso e joga em cima da mesa. Gaitán entra logo em seguida.

Carmen

– Ele é um maldito, um desgraçado! Fica fazendo joguinhos e não vai direto ao ponto.

Ela tira os óculos e o larga sobre a mesa. Gaitán, muito calmo, pára diante da mesa e lê as anotações que a detetive fez.

Carmen

– E você disse que era um homem sensato! É um escroto isso sim!

Gaitán

– Acredita mesmo que João Acácio foi quem começou toda a rebelião?

Carmen puxa a cadeira e senta. Está tentando se acalmar.

Carmen

– Tenho certeza que sim. Ele me falou uma vez que aquilo ia virar um inferno... e depois de todas as cenas dos joguinhos deste maldito Frajola, não me restam dúvidas.

Gaitán

– Mas e agora? O que tens em mente detetive?

Gaitán brinca com uma caneta que está sobre a mesa, apertando e soltando-a várias vezes.

Carmen

– Eu não sei. O outro maldito está solto por aí. Sabe se lá o que tem em mente. Se foi ele, ele já cumpriu o que me disse uma vez. E se isso aconteceu, é capaz de cumprir as outras promessas que me fez.

Gaitán interrompe sua brincadeira com a caneta e a segura.

Gaitán

– Ir atrás de você?

Residência da família Sanchez

O relógio na parede da sala marca 19:30 horas. Carmen Sanchez chega do quarto e senta-se na poltrona em frente à televisão, de pijama largo e toalha enrolada na cabeça. Seu marido Jairo, está deitado no sofá maior.

Jairo

– Dia difícil?

Carmen

– Dia péssimo. Interrogatório sem respostas concretas...

Jairo se senta no sofá, pega o controle e abaixa o volume da televisão.

Jairo

– Tenho uma ideia, mas...

Ele se recosta no sofá. Carmen o encara.

Carmen

– Mas?

Jairo

– Minhas ideias são sempre mal interpretadas.

Carmen se irrita com o drama de Jairo. Levanta, tira a toalha e começa secar o cabelo.

Carmen

– Começou, agora termina.

Jairo

– Todo este trabalho só está te estressando. Vamos viajar um fim de semana que seja. Longe dos problemas, só a gente.

Carmen ri debochando do marido.

Carmen

– Fácil pra você que trabalha por conta. Pra mim não é bem assim.

Jairo

– Só porque não quer. Mas sabe amor...

Jairo se levanta, vai até uma mesa de canto e serve-se um copo de whisky.

Jairo

– O pessoal da galeria está organizando um acampamento de estudos no fim de semana...

Ele toma um gole e volta ao sofá.

Jairo

– Vou ir com eles então.. quem sabe tenha alguma inspiração nova para um novo quadro.

Carmen joga os cabelos para trás. Toalha na mão. Encara o marido.

Carmen

– Como você preferir.

Ela se aproxima de Jairo, pega o copo de whisky da mão dele e toma um gole.

Carmen

– Eu, infelizmente, não me entenda mal, vou ter que recusar o convite. Preciso focar no trabalho que está cada dia mais difícil.

Dia Seguinte – Manhã de sexta-feira

Penitenciária Araújo Sardinha

O sinal sonoro soa alto indicando que é hora do café da manhã. Alguns agentes penitenciários vão abrindo as celas para que os detentos se dirijam para o grande refeitório no segundo piso.

A penitenciária Araújo Sardinha é a segunda maior e mais organizada penitenciária do estado e fica localizada há alguns quilômetros de Alcatraz, na cidade vizinha de São Felipe Neves. Seu sistema prisional é referência no estado e recebe maiores verbas do governo. Os detentos da Charles Freire, que não morreram ou escaparam, foram todos transferidos para a Araújo Sardinha.

Uma placa no alto indica Cella 23. Dali saem seis detentos em fila, entre eles o Frajola.

## Refeitório

Uma sala grande com boa iluminação e diversas mesas de seis lugares com bancos em ambos os lados. Cada cela está destinada para ficar em uma mesa, exceto aquelas celas que possuem número maior de presidiários, estes são divididos em mais mesas.

Quando os detentos da cela 23 chegam na porta do refeitório, a maioria dos demais já estão acomodados em suas mesas esperando a ordem do agente responsável para se dirigirem até a janela da cozinha pegar seu café.

Frajola e os outros cinco detentos dirigem-se para sua mesa quando um agente penitenciário se aproxima.

Agente

– Frajola, vem comigo!

Frajola olha com cara feia para o agente.

Frajola

– E o meu café?

Agente

– Depois você toma. O diretor Miranda da Charles Freire está na sala do diretor Susin e tem algo pra ti.

Frajola pára enquanto os outros cinco passam por ele e vão para a mesa. O agente faz sinal com a cabeça e Frajola o segue para fora do refeitório.

## Sala da Direção da Penitenciária

O ex diretor Henrique Miranda da Penitenciária Charles Freire está sentado em frente à mesa do diretor Haroldo Susin, responsável pela Penitenciária Araújo Sardinha.

O agente penitenciário abre a porta e dá lado para Frajola entrar. O diretor Miranda se levanta e se vira para a porta.

Miranda

– Bom dia Frajola. Quanto tempo! Vamos, pode entrar!

Frajola encara o diretor Susin. Uma coisa que funciona de verdade na penitenciária Araújo Sardinha é o respeito dos detentos para com as autoridades maiores do local.

Susin

– É verdade Frajola. Pode entrar, fique à vontade.

Frajola baixa a cabeça e entra na sala.

Frajola

– Com licença diretor.

Ele olha para Miranda e fica do lado da porta pro lado de dentro.

Frajola

– Bom dia diretor Miranda.

O diretor Miranda pega um envelope de cima da mesa e se levanta se aproximando de Frajola.

Miranda

– Tantos anos convivendo na carceragem você conhece nossas regras, não é Frajola?

Frajola

– Digamos que eu conheço o sistema.

Miranda

– Sabe o que é isso aqui?

Ele estende o braço e entrega o envelope nas mãos do detento.

Miranda

– Nós temos que abrir e ler todas as correspondências antes de entregar à vocês...todas as correspondências destinadas aos presos da Charles Freire estão sendo transferidas pra mim, porque eu tenho o controle de quem morreu, quem fugiu e quem foi transferido e para onde foi transferido.

O diretor Miranda aponta com o dedo para o envelope.

Miranda

– E esta é recente. E de alguém que lhe conhecia Frajola. Veja o destinatário aí.

Frajola, segurando o envelope, gira ele e, através dos seus olhos, pode se ler em letras emendadas e caligrafia difícil de entender:

“Para João Carlos Ferreira (Frajola)”

O diretor Susin observa atento.

Susin

– E o conteúdo da carta é bastante sério Frajola.

Miranda

– Nada que a gente já não soubesse, não desconfiasse, mas...

Susin

– As coisas tornaram-se perigosas agora.

Frajola encara os dois diretores com ar de preocupação.

Susin

– O agente Neves vai lhe acompanhar até uma sala restrita. Você lê a carta e depois se quiser falar algo pode nos chamar...ahhh, Neves leva teu café da manhã lá na sala também.

O agente penitenciário Neves entra novamente na sala para encaminhar Frajola.

Neves

– Vamos Frajola.

Sala Restrita

Uma sala de 8 metros quadrados, toda pintada de cinza, sem janelas. Esta é a sala restrita da Penitenciária Araújo Sardinha, usada para diversos assuntos, interrogatórios, etc. Nela consta uma mesa de vime no centro e uma cadeira.

A porta de ferro se abre e o agente Neves conduz Frajola para o interior da sala, saindo logo em seguida. Ao bater a porta de ferro fechando-a, a canção Iridescent de Link Park começa sua introdução.

Frajola fica imóvel com aquele envelope em mãos. Quando, enfim, toma coragem, ele o abre lentamente, retira a folha que está dentro, a abre e começa à ler.

Voz

– Caro amigo João Carlos Ferreira, vulgo Frajola...acredito que tu sabe quem sou...e tu sabe porque tô te escrevendo? Aquilo lá virou um inferno não foi? Acho que muitos bandidos barra pesada ali dentro nunca tinham visto tanto sangue em suas vidas...eu sei que tu não morreu. Eu sei que tu também não quis fugir. Acha mesmo que vai cumprir o resto da pena que te falta e vai seguir esta vida medíocre? Bandido será sempre bandido. A vontade de roubar, de matar, de fazer mal para os outros, sempre vai tá lá, martelando na sua mente...e uma hora ou outra, você vai ceder...

Frajola tira os olhos daquela folha e observa a sala ao redor. Aproxima-se da mesa de vime, larga a folha sobre a mesma, mas permanece de pé. Fita os olhos novamente na folha à sua frente.

Voz

– ...e você sabe demais sobre tudo o que aconteceu. Eu fugi. E, meu caro Frajola, continuo com a mesma sede de matar de antes, senão mais agora. E se eu souber que tu falou algo a mais sobre aquele dia, eu vou atrás de você. Não importa o que vem depois. O que importa é que tu não vai ver o que vem depois... portanto, caro amigo Frajola, o silêncio é teu companheiro pro resto da tua vida...ou...tu terá o fim que tu nunca imaginou. Sem mais por hoje meu amigo. A vida é assim, tu devia saber. No color. No magic.

Frajola fica pasmo olhando para aquela folha de papel sobre a mesa. Quando olha ao redor as paredes parecem girar. Ele fica tonto. Seus olhos viram e ele cai naquele chão frio.

Floresta na região de Alcatraz

Por uma estrada quase deserta cercada de ambos os lados por uma densa floresta, João Acácio, usando roupas velhas, sujas e rasgadas, perambula sem destino com seu par de chinelos velhos. Uma vez que outra algum carro passa em alta velocidade buzinando ou com algum adolescente gritando e tirando sarro dele.

Aquela estrada parece não ter fim. No céu de inverno um tímido sol já começa se esconder dando lugar para a lua cheia. João Acácio interrompe sua caminhada na beira da estrada fitando aquele caminho sem fim à sua frente. Está andando já faz horas, seus pés dóem, a fome aperta e o vento gelado começa a soprar cada vez mais forte fazendo o frio bater.

João escuta o ronco de motores e buzinas cada vez mais próximas e olha para trás na estrada, onde avista longe e se aproximando uma grande comitiva. A luz dos dois ônibus, um caminhão e outros

três carros menores ilumina a estrada. João fica de frente para a estrada esperando a comitiva passar. No ônibus que vem à frente e passa por ele, se lê na lateral em letras grandes e coloridas: CIRCO MAXIMUS. Mais atrás passa um grande caminhão com a mesma escrita seguido de três carros menores, onde todos ficam a observar aquele homem maltrapilho na beira da estrada.

Alguns metros após o último carro, um outro ônibus igual ao primeiro, passa por João Acácio em velocidade um pouco reduzida. Em uma das janelas algo chama a atenção de João: o rosto triste de um palhaço que fica trocando olhares com ele até o ônibus se perder de vista.

Uma placa de trânsito com a escrita: Km 225 surge no caminho iluminado pelos faróis altos de um carro. O mesmo estaciona na beira da estrada e desliga os faróis. As portas abrem e descem quatro homens, entre eles, Jairo, marido da detetive Carmen Sanchez.

Jairo

– Já tá escurecendo. Acho melhor pararmos e montarmos acampamento por aqui mesmo.

Jairo olha para a floresta de mata fechada à sua direita.

Jairo

– Que acha Renê? Tino? Jucá?

Tino é um homem loiro, alto e forte. Ele abre o porta-malas.

Tino

– Por mim já armo a barraca!

Renê é um homem mais velho que os demais e mais gordinho.

Renê

– Acho que o Jairo está certo. Vamos montar acampamento.

O motorista é Jucá, um cabeludo de olhos verdes.

Jucá

– Só precisamos achar uma estrada pra entrar com o carro aí.

Jairo se inclina através da janela do lado do caroneiro e pega algo no porta-luvas: um mapa. Após alguns segundos averiguando...

Jairo

– Aqui diz que no Km 227 há uma entrada à direita para a floresta.

Renê

– Só dois Km para frente.

Jucá olha para Tino que já estava tirando as coisas do porta-malas.

Jucá

– Guarda tudo aí Tino. Entrem no carro. Vamos achar essa estrada.

João Acácio, visivelmente muito cansado, pára em frente uma outra placa sinalizadora que mostra que ali é o Km 220. Ouve-se cantos de pássaros vindo de dentro da floresta e ruídos de animais silvestres. João se escora na placa observando a floresta. Sabe que já andou demais e necessita descansar. Também já está há dias sem o seu medicamento. A cabeça dói, os sentidos já não são os mesmos. Ele vê um vulto entre alguns arbustos, que parece ser de uma criança de mais ou menos 10 anos de idade, de longos cabelos pretos. O vulto corre entre os arbustos, se escondendo. Sua risada inocente pode ser ouvida.

Vulto

– Você não me acha! Você não me acha!

João Acácio arregala os olhos. Agarra-se com força ao medalhão pendurado no pescoço.

João

– Espera! Espera!

Cambaleando, João Acácio começa entrar na floresta, na noite fria que chega.

João

– Rebeca? Espera! Rebeca! Rebeca!

## Capítulo Quatro

O louco sempre enxerga aquilo que ele diz ver

Floresta na região de Alcatraz

A noite fria de outono traz consigo um vento gelado de cortar até a alma. O seu uivo mistura-se ao som de pássaros e animais silvestres e a escuridão toma conta do lugar. João Acácio perambula entre aquelas grandes árvores, sem muita noção de onde está e nem do que está acontecendo. Ele tropeça, cai, levanta-se, se agarra aos grossos troncos das árvores e chora. Chora porque não consegue comandar os seus sentidos. Chora por não saber diferenciar o que é real daquilo que não é.

João

– Rebeca! Volta aqui! Rebeca...

João se escora no tronco de uma árvore e chora copiosamente. Ele se agarra ao medalhão pendurado no pescoço e suas lágrimas caem sobre o retrato de uma menina, de mais ou menos dois anos de idade, naquele medalhão.

João

– Rebeca... não se esconde... não faz assim com o papai!

Penitenciária Araújo Sardinha

Uma plaquinha de metal no alto da grade de ferro indica que ali é a cela 23. Os seis detentos presos ali estão deitados distribuídos em três beliches. Na cama debaixo do beliche do lado direito está Frajola, de olhos arregalados olhando para cima e mãos cruzadas sobre o peito sem camisa. Ele encontra-se um pouco agitado, não consegue achar uma posição para dormir. Se vira para um lado. Se vira para o outro lado.

Detento

– Aí Frajola, a gente tá querendo dormir!

Frajola não responde, apenas se vira de lado na cama com o rosto pro lado da parede.

Há alguns metros dali, na...

Sala da Guarda

O agente penitenciário Perez, responsável pelo turno da noite, está sentado assistindo a um filme na tv de tubo de 14 polegadas. O sinal fraco cai e a tela fica toda chuviscada.

Perez

– Droga!

Ele mexe na antena. Bate uma, duas, três vezes, na lateral da tv, mas nada da imagem voltar. Ele desiste e desliga-a. Levanta-se, dá uma olhada pela janela de vidro para o pavilhão de celas à sua frente. Tudo parece sereno. “Uma noite atípica pra uma prisão”, pensou ele, uma vez que sempre tem alguma emergência, alguma briga ou algum desentendimento. Mas já passava da meia-noite e estava tudo calmo. Perez volta para sua cadeira e senta-se. Dá uma olhada para o relógio grande na parede já marcando 00:45 horas. Perez se debruça na mesa e adormece. Os ponteiros do relógio giram

rapidamente e param às 02:00 quando Perez desperta assustado. Imagina ter ouvido algo no pavilhão de celas. Levanta e verifica pela janela, checa as câmeras. Está tudo normal. Apenas aquele silêncio assustador dá ares dramáticos ao ambiente.

O dia amanhece...

...e um sol tímido típico da estação dá o ar de sua graça lançando seus raios através das grades das janelas das celas. Na cela 23 os detentos já se levantam se preparando para o café da manhã. Frajola permanece deitado de lado para a parede. Um agente penitenciário bate com o cacetete na grade.

Agente

– Vamo acordar que já tá na hora. Fila aqui!

Escuta-se o barulho da chave abrindo a grade da cela. Frajola, com cara de sono, desperta, se vira e dá de frente com o agente penitenciário parado na porta.

Agente

– Bora lá detento. Levanta que tá na hora do café. Boneco tá preso, mas não pensa que pode ficar na cama até a hora que quer.

Os outros cinco detentos já estão enfileirados para sair.

Agent

– Vamo, vamo! Teus “parceiro” já levantaram e tu vai atrasar o café deles porque quer ficar dormindo?

O som de um rap vindo de alguma cela é ouvido enquanto Frajola se levanta e se junta na fila com os companheiros de cela.

Quando começam à se retirar da cela, Frajola fica perto do agente penitenciário.

Frajola

– Posso pedir um favor?

O agente penitenciário olha de cima a baixo para Frajola.

Agente

– Hummmmm... diga bandido!

Frajola olha para os lados. Verifica se não há ninguém por perto e aproxima-se um pouco mais.

Frajola

– Eu preciso falar com a detetive Carmen Sanchez...pode avisar o diretor pra mim?

O agente penitenciário também dá uma olhada ao redor.

Agente

– Vou quebrar esse teu galho. Vou dar o papo pro diretor. Mas tu me deve uma. Sabe que o pessoal não vai muito com tua cara aqui, principalmente porque sabem que tu abandona os “parceiro”.

O agente penitenciário faz sinal para Frajola se juntar aos companheiros de cela e seguir para o refeitório.

Mais tarde...

Na sala de interrogatório Frajola está sentado com as mãos algemadas sobre a mesa e olhar compenetrado no nada. Parece estar em transe. Olhos arregalados e o suor escorrendo pela sua testa.

Ouve-se o estrondo de uma porta sendo aberta que parece livrar Frajola daquele estado de transe. Ele gira a cabeça olhando para trás, na direção de onde pode já se ouvir passos firmes se aproximando. É a detetive Carmen Sanchez, que atendeu o chamado do detento e veio visitá-lo assim que pôde. Ela fica na frente de Frajola, do outro lado da mesa. Olha firme nos olhos do detento e tira seus óculos largando-os na mesa, sob olhar atento do mesmo.

Frajola

– Bonito os óculos “dotora”.

Carmen sorri, puxa a cadeira e senta.

Carmen

– Sem mais dos teus joguinhos Frajola. Estou sem muito tempo e também sem muita paciência. Então, vamos ao que interessa.

Ela encara Frajola.

Carmen

– Porque você me chamou aqui? Alguma coisa que esqueceu de me falar?

Frajola

– Acho que a “dotora” já sabe dos últimos fatos...

Carmen

– Se está falando da carta que recebeste, sim, estou por dentro...tem ideia de quem mandou Frajola?

Frajola

– Você ainda tem dúvidas “dotora”?

Carmen se recosta na cadeira. Entende onde o detento está querendo chegar.

Carmen

– Você acha que foi ele?

Frajola

– Não tenho dúvidas quanto a isso...”dotora”...e o pior, é que tô preocupado...e tu sabe meus objetivos, sabe porque não fugi.

Carmen

– Eu sei. Eu sei Frajola. Mas te garanto que aqui dentro você está seguro.

Frajola fica em silêncio. Parece denovo entrar em transe.

Carmen

– Frajola?

Carmen se inclina sobre a mesa, abana com a mão na frente dos olhos arregalados do detento.

Carmen

– Frajola? Frajola?

Carmen levanta-se, vai até o telefone na parede do lado da porta.

Carmen

– Agente, por favor. Venha até aqui.

Carmen encara o detento. Nota o suor que volta escorrer pela sua testa. Se aproxima da mesa devagar. Abana com a mão novamente, sem sucesso. Assusta-se com o barulho da porta sendo aberta. Se vira.

O agente penitenciário entra já indo na direção de Frajola.

Carmen

– Leva ele pra cela, mas deixa alguém pra lhe observar.

O agente penitenciário levanta o detento com cuidado e o dirige para a porta. Ao passar pela detetive, Frajola parece voltar ao seu estado normal e fica lhe encarando e sorrindo.

Frajola

– Espero ter te ajudado em algum momento “dotora”. Mas não se preocupe, tudo vai acabar. Cedo ou tarde tudo chega ao fim.

Floresta na região de Alcatraz

Jairo, Tino, Renê e Jucá estão sentados em frente à duas barracas ao redor de uma fogueira e rodeados de garrafas de bebidas.

Tino agarrado em seu violão ensaia começar tocar e cantar alguma coisa.

Renê, muito concentrado, sentado mais à frente dos amigos segurando uma garrafa de whisky, observa os três cantarem e beberem se divertindo.

Renê

– Viemos aqui buscar inspiração e acabo de encontrar a minha.

Jucá toma um grande gole de uma garrafa de cerveja.

Jucá

– Vai nos pintar aqui é?

Jucá olha para Tino e Jairo sorrindo.

Jucá

– Com estes três modelos o quadro vai ser um sucesso...

Jairo

– Boa Renê! Um sucesso e muito caro! Vai ter que dividir a grana com nós!

Os quatro dão gargalhadas enquanto continuam a beber e cantar. Tino arrisca a introdução de “Sweet child on Mine” e recebe aplausos dos amigos.

No céu escuro de outono um trovão estoura indicando que não tarda para chover. Os amigos se encaram sobre efeitos das bebidas e riem alto da situação.

Tino

– Vem chuva. Já tô até imaginando as pinturas abstratas que sairão das nossas mentes...

Renê

– Não começa com tuas teorias e filosofias Tino.

Jucá se levanta e faz sinal com as mãos como se emoldurasse um quadro.

Jucá

– Uma floresta densa e assustadora. A chuva começando a cair. Nota-se os pingos d’água sobre as folhas verdes pálidas das árvores. Quatro amigos todos molhados sem se importarem com aquela chuva gelada cantam e riem felizes, como se àquele fosse o último momento de suas vidas...

Jucá fica imóvel com as mãos formando a figura de um quadro emoldurado observando o céu escuro entre o topo das grandes árvores.

Jairo, um pouco tonto de tanto beber, levanta.

Jairo

– Bom, parece que todos já estão com suas ideias bem encaminhadas...

Tino levanta a mão.

Tino

– A minha ainda não veio. Mas vou beber mais uma garrafa, tocar mais umas músicas e logo ela vem.

Jairo sorri para o amigo. Pega a garrafa de whisky das mãos de Renê.

Jairo

– Eu vou dar uma volta...ver se encontro minha inspiração.

Jairo sai cambaleando com a garrafa de whisky em mãos, entre as árvores, floresta adentro.

Renê

– Se cuida amigo!

Jucá

– Qualquer coisa dá um grito!

Tino ajeita o violão e inicia mais uma canção.

No meio da floresta...

...Jairo anda cambaleando, se escorando pelos troncos das árvores enquanto de vez em quando interrompe a caminhada e toma grandes goles no bico da garrafa de whisky.

Através da sua visão vemos tudo girar ao mesmo tempo em que novos trovões cortam o céu fazendo Jairo arregalar os olhos.

Um vento gelado faz o topo das árvores balançarem sob seu uivo agonizante. Jairo olha em volta, parece estar perdido no meio da floresta. Olhar assustado, se escora em uma árvore e fecha os olhos.

Jairo

– Pensa Jairo, pensa. Você não deve ter andado tanto assim.

Ele abre os olhos e parece ficar mais tonto. A garrafa de whisky cai da sua mão espatifando-se sobre uma pedra.

O barulho da garrafa quebrando desperta alguns pássaros que alçam vôo assustando-se.

O que você faria caso se visse perdido em uma floresta fechada, com um vento de uivo agonizante berrando em seus ouvidos e trovões cortando no céu indicando que a chuva não tarda a chegar?

Jairo sente-se perdido. Todos os lados que ele olha parecem serem iguais. Voltar para trás? Seguir em frente? Ele já não sabe pra onde ir.

Jairo

– Renê? Jucá? Tino?

Ele espera por alguns instantes na esperança de obter resposta de um de seus amigos, mas sua espera é em vão. Jairo sente-se tonto, tudo gira ao seu redor e ele cai em meio às folhas das árvores no chão. Mais um trovão emite seu estrondo pelo céu e, em seguida, a chuva começa a cair calmamente.

Penitenciária Araújo Sardinha – Pátio

As nuvens no céu estão carregadas. A chuva ainda não chegou por ali, mas não vai demorar. Os detentos estão todos no pátio. Alguns se exercitam na parte destinada à academia improvisada, outros apenas fumam seus cigarros em pequenos grupos batendo papo e um outro grupo joga futebol em um campinho de terra.

Frajola está sentado em um banco de madeira sozinho. Ele protege-se do vento com as mãos e acende mais um cigarro. No lixeiro do lado já estão uma dezena de tocos de cigarro que ele fumou neste momento no pátio. Um agente penitenciário atrás da grade observa todos os presos, especialmente Frajola. Por trás deste agente surgem o delegado Gaitán acompanhado do diretor Miranda, o diretor Susin e a detetive Carmen Sanchez.

Susin

– Como está nosso detento, agente?

Todos observam Frajola em um típico estado de estresse com seu cigarro.

Agente

– Desde que viemos pro pátio já deve ter fumado uns dez cigarros.

Carmen

– É visível a preocupação dele com a carta anônima que recebeu.

Diretor

– Eu temo pelo pior.

Gaitán

– Ele sempre foi um cara bastante sensato, mas...

Carmen vira o rosto para Gaitán.

Carmen

– Tudo o que ele não é, é sensato. Eu o interroguei. Se ele fosse realmente sensato, ele não ia fazer os joguinhos que ele fez comigo.

Diretor

– Eu acho que estamos nos preocupando à toa. Dê tempo ao tempo. Um dia, dois dias...e ele vai nos contar tudo que sabe.

Carmen

– Precisamos mantê-lo em segurança.

O sinal sonoro ecoa nas caixas de som. É hora de voltar às celas.

Agente

– Bom, se me dão licença, vou ajudar a encaminhar os detentos para as celas.

O agente abre o trinco da grade de ferro.

Agente

– Delegado, diretores...detetive...

Diretor

– Fique de olho neste Frajola.

O agente penitenciário faz sinal de positivo com a cabeça enquanto dirige-se ao pátio, onde outros agentes já se fazem presente e os detentos já se ajeitam para voltar às suas celas.

Mais tarde...

...na cela 23, os seus ocupantes jogam carta enquanto Frajola está de pé com os olhos na janelinha da porta de ferro observando o vazio à sua frente.

Surgem batidas seguidas de passos e uma voz firme de um agente que se aproxima.

Agente

– Todo mundo em silêncio. Hora das crianças “contar” carneirinhos!

Ele vai passando e batendo com o cacete nas portas das celas.

Agente

– Já vai ficar “escurinho” para as donzelas dormirem!

Um detento da cela 23 joga suas cartas na mesa.

Detento

– Se eu tivesse a chance de pegar este filho da puta eu ia torturar ele até matar!

Frajola se vira para dentro da cela, encara os companheiros e dirige-se até sua cama, se ajeitando de lado, de frente para a parede. Os demais detentos recolhem e guardam as cartas de cima da mesa caindo aos pedaços. A janelinha da porta da cela é aberta e os olhos verdes do agente observam o lado de dentro.

Agente

– Acabou a jogatina aí bandidagem!

Ele bate com força a janelinha fechando-a no mesmo momento em que as luzes começam à ser apagadas uma a uma.

Um pouco mais tarde...

...e o silêncio na penitenciária era de arrepiar. Nenhum movimento, nenhum ruído, nada fora do comum.

Na sala o agente penitenciário responsável pelo turno da noite, Alcides, um negro careca, alto e forte e com cara fechada, observa atento aos monitores à sua frente.

Na cela 23...

... está tudo escuro. Os detentos dormem em meio aos seus roncos. Frajola é o único acordado. Se vira lentamente para não acordar os demais e fica de barriga para cima pensativo. Levanta devagar, mas, mesmo assim, o colchão velho solta um rangido alto e ele fica imóvel, torcendo para que nenhum companheiro tenha acordado.

Ao perceber que todos permanecem em sono profundo, Frajola se levanta e caminha devagar até a pia atrás de uma cortina de plástico. Ele passa a mão no espelho pequeno e quebrado pendurado na parede. Sente que o vidro está um pouco solto. Mira seu reflexo naquele espelho e ali fica por longos segundos.

Muitas vezes nossa mente nos prega peças que nos deixam sem reação. O medo, a revolta, a insegurança, são capazes de nos levar a tomar atitudes extremas.

Frajola

– É Frajola...talvez este seja seu fim! Desculpa mãe... desculpa pai... desculpa amor... desculpa filha...

Pelo reflexo do espelho se vê as lágrimas escorrerem pelo rosto cansado e assustado de Frajola.

Frajola

– Filha...papai tentou ser forte, tentou aguentar a pressão...mas é demais pra mim...

Frajola arranca com cuidado o pedaço de vidro solto do espelho. Ele segura aquele pedaço de vidro com uma mão, estende o braço sobre a pia enferrujada, onde cai uma lágrima do seu olho. Ele começa a passar aquele vidro sujo sobre seu pulso lentamente e o sangue começa a sair. Frajola pressiona um pouco mais o vidro sobre o pulso e, pelo reflexo do espelho, sua expressão é de dor extrema. O sangue começa jorrar e pintar de vermelho a pia enferrujada.

O que sente-se nesta hora? Quais as lembranças que passam pela cabeça? Será que bate algum arrependimento? Ou será que o alívio de dar fim a algo é maior do que qualquer outra sensação? A canção Paralyzed de NF começa sua introdução na medida em que nota-se que Frajola começa perder seus sentidos. Já perdera muito sangue e dificilmente vai se reverter sua situação. Antes de ir ao chão, ele deixa o vidro cair de sua mão, apoia-se na pia e se deita no chão da cela...o sangue escorrendo do seu pulso pinta de vermelho agora aquele chão imundo e o mesmo sangue se junta à tatuagem que deu origem ao seu apelido.

Residência de Carmen Sanchez – Quarto

O quarto iluminado à meia luz abriga a detetive Carmen Sanchez deitada e esparramada no meio da cama, usando uma camisola branca e curta. Ela se mexe de um lado para o outro sem acordar.

Sua amiga e confidente, Janete, uma mulher mais velha, alta, cabelos pretos e olhar atraente, está sentada em uma velha cadeira de balanço perto da janela. Ela dá uma tragada no cigarro e fica a olhar para a rua silenciosa lá fora. Carmen à convidou para passar a noite com ela, pois não estava se sentindo bem.

Carmen Sanchez continua inquieta. É quando pode se notar os detalhes do seu rosto, da sua boca, seu nariz, seus olhos, até que...

Em algum lugar escuro

...os pés de um homem estatelado no chão estão cobertos de sangue. Aos poucos o seu corpo vai sendo revelado, todo afundado em uma poça vermelha. Seu braço esquerdo está com um corte profundo de onde parece ter escorrido todo aquele sangue e os seus olhos arregalados revelam que já é tarde demais.

Residência de Carmen Sanchez – Quarto

Carmen Sanchez salta sentando na cama.

Carmen

– Frajolaaaaaaaaaaaa!

Janete se assusta e deixa cair o cigarro de sua mão virando-se rapidamente. Ela levanta e se aproxima da cama onde a amiga encontra-se em estado de choque.

Janete

– O que houve?

Carmen não responde, está paralisada. Janete segura em seus ombros e lhe olha dentro dos olhos sacudindo-a com cuidado.

Janete

– Carmen! Carmen! Olha pra mim, amiga!

Aos poucos a detetive vai voltando à si.

Janete

– Que houve? Um pesadelo?

Carmen encolhe-se arrepiada.

Carmen

– Mais do que isso!

Ela tenta se levantar, mas é contida pela amiga, que a segura e a abraça.

Janete

– Calma. Não pode levantar. Vai aonde?

Carmen

– Eu preciso ir até a penitenciária.

Janete

– Esta hora? Ficou doida? Foi só um pesadelo.

Carmen encara a amiga, que sente que aquele olhar está assustado demais e quer dizer muito.

Carmen

– Ele corre grande perigo. Alguma coisa de muito grave vai acontecer ou já aconteceu.

Carmen cai em desespero. Puxa a amiga e a abraça forte.

Carmen

– Ele estava numa poça de sangue, Janete.

Janete

– Ele é só mais um criminoso, amiga.

Carmen

– Mas ele tem informações importantes.

Janete afasta o abraço. Olha nos olhos da amiga e tira os cabelos suados da testa dela.

Janete

– Você se deixou levar. Ele entrou demais na sua mente. E depois, será que ele carrega consigo estas informações mesmo?

Carmen enxuga as lágrimas.

Janete

– Toma um banho quente. Deixa a água escorrer pelo seu corpo. Vai se sentir melhor.

Carmen ainda suspira, engole o choro. Levanta e vai para o banheiro. Janete fica sentada na cama a observando. No criado-mudo ela avista um pedaço de papel que lhe chama a atenção. Inclina-se e pega-o ao mesmo tempo em que se ouve o chuveiro ser ligado. No pedaço de papel está escrito: “Dr. Renan – consulta às 10:00 horas”.

Floresta na região de Alcatraz

Uma chuva fina, contínua e gelada cai molhando os galhos das árvores. Jairo surge do nada se arrastando em meio aos galhos e folhas. Está todo sujo e molhado. Se escora sentado em um tronco de árvore, abraça as pernas e chora feito um bebê. Mas sua voz vai ficando rouca.

Jairo

– Jucá! Tino! Renê!

Passos são ouvidos vindos de trás da árvore onde Jairo está. Ele está tão mal que não tem forças para se virar e ver quem é. Com muito custo, ele rasteja olhando para o outro lado, e sua visão muito embaçada, enxerga um homem com uma capa e um chapéu na cabeça em meio à floresta. Jairo desmaia e tudo escurece por um longo período.

Ainda em meio à escuridão plena, ouve-se passos firmes e o som de um facão cortando galhos.

Voz

– “Eu fui à Floresta porque queria viver livre... eu queria viver profundamente, e sugar a própria essência da vida... expurgar tudo o que não fosse vida; e não, ao morrer, descobrir que não havia vivido”.

Agora o silêncio toma conta de tudo por um longo período até que o canto de um pássaro encanta e surge voando no topo das árvores. A chuva deu lugar a um dia frio de inverno.

Dentro da floresta um homem de cabelos pretos e compridos e barba mal cuidada, usando uma capa e chapéu está sentado sobre o toco de um tronco caído. Com um facão ele corta um pedaço de carne crua, que parece ser de alguma caça. Ele segura aquele pedaço de carne vermelha nas mãos e o encara e depois leva-o até a boca tirando um pedaço grande com seus dentes amarelados.

Há alguns metros à sua frente, caído em meio aos galhos e folhas, está Jairo, desmaiado e todo molhado com a cara no chão. Aquele homem de capa e chapéu levanta segurando seu facão e se aproxima de onde está Jairo.

Alcatraz – ano de 2007 – Rua das Alcachofras – Casa número 4

Uma rua de pedra com várias casinhas iguais uma do lado da outra e separadas por uma cerca baixa e branca. São casas doadas pela prefeitura para àqueles com menos condições financeiras. Sua numeração vai do um ao trinta em duas ruas: rua das Alcachofras e rua das Samambaias.

Na casa de número 4 escuta-se louças sendo quebradas e gritos do que parece ser um casal brigando.

A porta da frente se abre e João Acácio, cabelos curtos, barba rala, de calça social brega, camisa amarelada e terno brega, sai sendo empurrado por uma mulher de cabelos loiros e cacheados, de calça jeans e usando um avental sujo de comida. Ela é Jerusa, mulher de João na época.

Jerusa

– Seu desgraçado! E não volte nunca mais aqui. E nunca mais vai ver tua filha também!

João vai até o portão, dá uma última olhada para a casa, bate o portão e sai chorando.

Jerusa

– Filho da puta! Acha que eu ia deixar por isso mesmo?

Jerusa põe a mão no bolso do avental e retira um cordão com um medalhão. Ela joga para a calçada, na direção de João.

Jerusa

– Esta foto é a única lembrança que tu vai ter da Rebeca.

João Acácio se agacha e junta o cordão. Abre o medalhão e olha com ternura a foto da filha de dois anos de idade, toda sorridente em frente o chafariz da cidade.

Dia seguinte

Dentro da casa de número 4, Jerusa está em frente ao fogão, com a pia ao lado cheia de louças sujas e a mesa também cheia. Ao fundo o choro inquietante de Rebeca.

Jerusa para de mexer na panela, passa o pano de prato enxugando o rosto.

Jerusa

– Chega gurria! Eu não aguento mais esse teu choro!

Ela joga o pano de prato no chão. Rebeca toda descabelada, aparece na porta da cozinha.

Rebeca

– Papaii!

Jerusa

– Teu pai foi embora. Não tem mais papai aqui!

Jerusa passa pela criança que cai em desespero chorando.

No quarto

Jerusa está sentada no chão com as costas na cama. Ela bate com dois dedos da mão direita sobre seu braço esquerdo. Com a ajuda dos dentes, ela amarra forte um torniquete no braço, onde se vê suas veias saltarem. Com a mão direita ela pega uma seringa e crava na veia mais saltada. Sua expressão de alívio é clara em seus olhos revirados. Ela relaxa o corpo e fecha os olhos com a cabeça na cama.

No corredor

Rebeca fica na frente da porta do quarto que está encostada.

Rebeca

– Mamãe?

Sua pequena mãozinha empurra a porta do quarto que range abrindo. Ela logo vê a mamãe caída ao lado da cama com o torniquete no braço e a seringa no chão.

Rebeca

– Mamãe, você dormiu? Mamá mamãe!

Rebeca entra no quarto e se senta ao lado do corpo da mãe. Fica brincando com o torniquete enquanto tenta acordar Jerusa.

Rebeca

– Acorda mamãe! Acorda! Mamá mamãe!

## Capítulo Cinco

Forte é quem domina sua ira

Floresta na região de Alcatraz

Após a chuva da noite anterior o dia se abriu trazendo aquele ar gelado de inverno e agora uma neblina toma conta da região da floresta de Alcatraz.

O tilintar do facão daquele homem corta o ar com ferocidade na direção da cabeça de Jairo caído ao chão. Uma mão agarra aquele braço que segura o facão impedindo a tragédia. É Tino, que ao ver a cena, salta como um leão salta para pegar sua presa.

Tino

– Nãaaaaao!

O facão cai da mão daquele homem e os dois rolam agarrados em um pequeno penhasco no meio da floresta. Renê e Jucá também se aproximam e vão direto onde está Jairo.

Renê

– Jairooo???

Jucá se agacha e afere seus batimentos cardíacos colocando o dedo indicador no seu pescoço.

Jucá

– Ele está desacordado!

Renê se aproxima do pequeno penhasco e avista Tino brigando e rolando pelo chão com aquele homem.

Renê

– Jucá, fica com Jairo. Vou descer e ajudar o Tino com aquele desgraçado.

Tino olha para cima ao ouvir o amigo.

Tino

– Não precisa Renê! Cuidem do Jairo!

Tino leva um soco forte no rosto e o homem consegue se desvencilhar dele se arrastando e se afastando em meio às árvores.

Tino

– Desgraçado!

Tino levanta para correr atrás, mas tropeça e cai. Ele põe a mão sobre a coxa esquerda.

Tino

– Droga!

Tino olha na direção onde está indo aquele homem, que lhe encara e sorri debochadamente. O homem ajeita o chapéu e olha no penhasco lá em cima, onde Renê assiste tudo.

Renê

– Tino, consegue subir?

Tino, caído segurando a coxa, faz cara de dor.

Tino

– Acho que agora preciso de ajuda...Jairo está bem?

Renê olha para trás e depois de volta para Tino e começa a descer.

Renê

– Jucá está levando ele de volta ao acampamento.

De volta ao acampamento

Jucá sentou Jairo apoiado em um tronco de árvore e está tirando sua roupa molhada, quando ele começa a despertar e Renê chega segurando Tino que está mancando.

Renê

– Quem era aquele filho da puta?

Tino

– Não faço a mínima ideia. Mas ele me acertou em cheio. E ele ia matar o Jairo sem dó nem piedade.

Jairo está meio tonto. Seus olhos reviram. Ele olha para os amigos.

Jairo

– Eu vi quando ele se aproximou, mas não pude fazer nada porque apaguei.

Jucá

– Fica tranquilo. Você precisa descansar!

Jucá encara Renê e Tino.

Jucá

– Alguém com sinal de telefone? Precisamos ligar pra polícia.

Renê e Tino procuram seus aparelhos.

Tino

– Droga! Meu celular deve ter se espatifado na queda.

Renê

– Eu tenho sinal.

Renê ajuda Tino sentar-se e se afasta um pouco procurando melhor sinal para a ligação.

Ainda dentro da floresta sob forte neblina, João Acácio limpa a sujeira de sua capa, todo barro e folhas grudadas nele após rolar brigando com Tino. Ele faz cara de dor e coloca a mão sobre as costelas na lateral do corpo, provavelmente da queda ou da briga. Ele se senta e procura seu medalhão

pendurado no cordão ao seu pescoço. Abre e olha aquela menina de dois anos toda sorridente na foto. Aquele sorriso encantador se transforma na...

Rua das Alcachofras – 2007

...mesma menina há alguns anos, chorando e perambulando sozinha pela rua. Ela fica de pé em frente a uma padaria observando os doces em exposição.

Olavo, 47 anos, um homem alto, magro, de longa barba grisalha e suas vestes muçulmanas, inclusive com seu gihah na cabeça, se aproxima dela. Ele se agacha perto da menina.

Olavo

– Você está sozinha meu anjo?

Rebeca permanece olhando os doces sem responder.

Olavo

– Cadê seus pais?

A menina baixa o olhar com a pergunta e uma lágrima brota em seus olhos.

Olavo

– Você quer um doce?

Rebeca assente que sim com a cabeça. Olavo se levanta e estende a mão para a menina.

Olavo

– Vamos então. Lá dentro você escolhe.

Dentro da padaria

O seu Manoel, um senhor alto e forte, de bigode e cabelos brancos, é o dono da padaria. Ele está atrás do balcão quando Olavo entra com a pequena Rebeca e vai até o balcão dos doces.

Olavo

– Bom dia seu Manoel.

Manoel

– Bom dia.

Olavo olha para a menina ao seu lado.

Olavo

– Pode escolher o que você quiser.

Seu Manoel inclina o corpo sobre o balcão para ver melhor a menina.

Manoel

– Rebeca, é você? Cadê seus pais?

Olavo

– Ela chorou quando pedi ali fora.

Olavo se aproxima de Manoel e fala mais baixinho.

Olavo

– Sabe quem são os pais dela?

Manoel

– João Acácio e Jerusa. Rua das Alcachofras. Casa número 4. Mas já vou lhe avisando que são pais problemáticos.

Olavo encara a menina, que aponta para um bolo com cobertura de brigadeiro.

Olavo

– Acho que ela já escolheu, seu Manoel.

Manoel sorri.

Manoel

– Um bolo com cobertura de brigadeiro, no capricho.

Pela primeira vez vemos o sorriso inocente daquela criança, enquanto observa seu Manoel pegando o bolo e colocando-o em um prato.

2015

Uma placa grande de metal indica: Azir Tecidos.

Pela porta grande entra Rebeca, 10 anos de idade, cabelos bagunçados, cara de sapeca, chinelo de dedo, camiseta e short. Ela entra correndo.

Olavo está atrás do balcão finalizando o atendimento de um cliente e Adilah está de costas arrumando uns tecidos na prateleira. Olavo faz cara feia ao ver a menina entrar correndo e se dirigir ao fundo da loja. Adilah nem nota a menina.

Olavo

– Aqui está! Muito obrigado! Volte sempre!

Ele entrega a sacola ao cliente que sorri despedindo-se.

Cliente

– Até mais. Obrigado seu Olavo.

Olavo fica observando o cliente sair da loja. Quando ele sai, se vira para sua esposa Adilah.

Olavo

– Você viu nossa pequena Rebeca?

Adilah

– Ela já chegou? Estava concentrada aqui, nem a vi entrando.

Olavo

– Chegou. E chegou feito uma ocidental. Sem suas vestes...

Adilah suspira fundo.

Adilah

– Esta menina... cadê ela?

Olavo faz sinal com a cabeça para o fundo da loja. Adilah faz sinal com a mão.

Adilah

– Deixa que eu vou falar com ela.

Adilah larga os restantes dos tecidos que falta arrumar na prateleira sobre o balcão e, calmamente, se dirige ao fundo da loja.

Consultório do Dr. Renan – Obstetrícia e Ginecologia

Uma sala pouco espaçosa com 10 cadeiras plásticas em duas fileiras e um balcão de MDF à frente, com uma porta logo atrás que leva ao consultório. A sala está lotada. Carmen Sanchez, sentada em uma das pontas na fileira da frente, parece assustada. Ela olha constantemente as horas em seu relógio de pulso.

A recepcionista, entediada em frente ao computador, atende ao telefone. É o doutor Renan lhe dizendo que já pode passar a próxima paciente. No mesmo instante em que ela desliga o telefone, a porta se abre e a paciente que estava em consulta sai.

A recepcionista se levanta com um prontuário em mãos.

Recepcionista

– Carmen Sanchez?

Ela olha para as pacientes sentadas à sua frente. Carmen se levanta.

Recepcionista

– Pode passar.

De cabeça baixa, Carmen passa pela recepcionista e adentra no consultório.

No consultório

Uma sala pequena, mas aconchegante. Uma maca, uma porta que leva ao toalete e uma mesa onde dr. Renan está atrás.

Carmen entra encabulada, olhar baixo.

Renan

– Bom dia Carmen.

Carmen levanta o olhar.

Carmen

– Bom dia doutor.

O Dr. Renan faz sinal para que Carmen sente-se à sua frente. Ele levanta e fica em frente à impressora na ponta de sua mesa. Ouve-se o barulho da mesma se ligando e, em seguida, duas folhas são impressas.

O Dr. Renan pega as folhas quentes que saem da impressora. Volta à sua cadeira e se senta calmamente com as folhas, uma do lado da outra, sobre sua mesa. Ele suspira fundo. Encara a detetive na sua frente.

Renan

– Como tem passado os últimos dias Carmen?

Carmen levanta a cabeça. Tudo o que ela quer é ouvir o que está escrito naquelas folhas e não ficar de papo furado.

Carmen pensa consigo mesma: “Só me diga o que preciso saber, doutor.”

O doutor Renan coloca seus óculos e pega a primeira folha.

Renan

– Eu não vou te enrolar, Carmen. Você já imagina o resultado, não é mesmo?

Carmen

– Negativo novamente doutor? Eu nunca poderei gerar um filho?

O doutor Renan estende a folha à frente dos olhos.

Renan

– Distúrbio do ovário policístico. Um distúrbio hormonal que causa um aumento no tamanho dos ovários...e você já está com diversos cistos na parte externa dos ovários, algo que precisamos entrar com tratamento urgentemente...

O mundo de Carmen parece desmoronar. Ela fica paralisada ouvindo as palavras do doutor. As mesmas que já ouviu anteriormente dele e há um tempo atrás de outros dois médicos diferentes. Não teria volta. Já fez tratamento no passado e de nada adiantou. O sonho do seu marido e, lá no fundo, seu sonho também, parecia que nunca iria se realizar. E o pior, ela não encontrava modos de falar isso para Jairo...

Renan

– A causa não é muito bem compreendida, Carmen...

O doutor olha para sua paciente, que está com os olhos cheios de lágrimas.

Renan

– ...pode envolver uma combinação de fatores genéticos...

Carmen se levanta.

Carmen

– Eu sei doutor. Eu sei.

Ela está desnorтеada.

Carmen

– Obrigada pela atenção doutor. Agora eu preciso ir.

Renan

– Espera... não pode sair assim...

Carmen faz sinal com a mão para o doutor Renan parar.

Carmen

– Eu estou bem doutor. Só preciso tomar um ar. Respirar ar puro. Pensar na vida. Está tudo bem... eu juro.

O doutor Renan pega as folhas dos exames, coloca-as em um plástico e entrega para Carmen. Ela pega sem olhar nos olhos do doutor, enxuga os olhos com o dorso da mão e dirige-se à porta.

Carmen

– Até mais doutor...

Renan

– Tem certeza que não quer que ligamos para seu marido?

Carmen abre a porta e sai.

Ruas da Cidade

Carmen Sanchez desce as escadas que levam até a rua com sua bolsa e o plástico com os exames debaixo do braço. Ela fica imóvel na calçada por alguns instantes, olha para ambos os lados as pessoas indo e vindo, os carros passando e ela parece não saber para onde ir. Dá um passo adiante e um moleque passa de skate por ela quase atropelando-a e fazendo-a voltar ao seu mundo. Ela suspira fundo, olha novamente para os lados e resolve seguir para o lado direito.

A detetive caminha lentamente entre as outras pessoas, olhar vago e pensamento distante. Chega na esquina, põe o pé na faixa e um carro aparece dobrando a esquina e buzinando. Ela volta para a calçada assustada. Se escora no poste ao lado da faixa, não aguenta e lágrimas escorrem pelo seu rosto. Uma senhora, notando seu estado crítico, se aproxima.

Senhora

– Moça, precisa de ajuda?

Carmen encara a senhora. Seca as lágrimas.

Carmen

– Está tudo bem. Está tudo bem.

O seu celular começa a tocar na bolsa. Ela parece nem ouvir. Toca uma, duas, três vezes.

Senhora

– Moça, seu celular! Está tocando!

Carmen volta à si. Sorri distintamente e abre a bolsa procurando o aparelho, que continua tocando mais uma, duas, três, quatro vezes, até ela encontrá-lo.

Carmen

– Pronto!

Ela escuta a voz do outro lado por alguns segundos.

Carmen

– Está tudo bem. Eu só...só estou na rua. Muito movimento. Deixa achar um lugar mais calmo.

Carmen sorri novamente para a senhora e entra em uma padaria próxima.

Penitenciária Araújo Sardinha – sala do diretor

O diretor Susin está de pé com o telefone no ouvido, diante de uma pequena janela retangular com vista para o pátio da prisão.

Susin

– Detetive Carmen...nosso detento, seu interrogado, detentor de importantes informações, cometeu suicídio nesta noite...foi encontrado no chão da cela sob uma poça de sangue com os pulsos cortados...

Ele escuta por alguns segundos.

Susin

– ...infelizmente não deu. Chegamos tarde. Ninguém ouviu, ninguém viu nada, até amanhecer...aí seus colegas de cela fizeram um escarcéu chamando pelos agentes. Quando o agente chegou já não tinha o que fazer.

O diretor Susin se volta para o interior da sua sala. Caminha até sua mesa. Verifica alguns documentos.

Susin

– Te aguardamos detetive... está tudo bem? Você parece triste?

Ele ouve enquanto lê os documentos em cima de sua mesa.

Susin

– Ok. Mas se precisar ficar em casa, tudo bem...

Ruas da Cidade

Carmen, com o celular no ouvido, mais atenta e disposta, sai da padaria, olha para os lados e atravessa a rua em meio às outras pessoas.

Carmen

– Em uns vinte minutos estou aí. Até mais!

Ela desliga o celular e guarda-o na bolsa. Coloca também o plástico com seus exames. Se tem algo que faz Carmen mudar seu foco, isto se chama seu trabalho. É o jeito que ela encontra de deixar de lado os seus problemas pessoais. Ali ela mantém o seu foco, sua atenção.

Floresta na região de Alcatraz

Renê, mais afastado do acampamento e dos amigos, está escorado em uma árvore com o telefone no ouvido. Escuta-se a voz de um policial do outro lado da linha.

Policial

– Departamento de polícia de Alcatraz! Qual a denúncia?

Renê

– Tem algum maluco tocando o terror na floresta aqui na região. Ele tentou matar eu e meus amigos...

Policial

– Calma senhor, devagar. Qual a localização de vocês?

Renê

– Estamos no interior da floresta...

Policial

– A floresta é grande. Precisa ser mais exato.

Renê

– Nós entramos pela estradinha de terra no Km 227 e seguimos pela mata fechada. Montamos acampamento e agora este doido apareceu...

Policial

– Calma senhor. Como ele é?

Renê

– É um lunático. Parece de meia idade. Roupa toda suja. Usa um casacão preto e um chapéu...

Policial

– Ok. Vou enviar agora mesmo uma viatura para averiguar... vocês estão em segurança?

Renê

– Um dos meus está mal. Brigou com ele. Rolaram pelo penhasco. Está machucado...

Policial

– Certo. Procurem ficar no acampamento. Fiquem juntos.

Renê

– Acho que o lunático não vai aparecer novamente. Ele viu que estamos em mais. Não vai se arriscar.

Policial

– Ok. Já vou mandar a viatura! Qualquer coisa entre em contato novamente.

Residência da família Azir

Uma casa grande de alvenaria de dois pisos com um pátio grande cercado. O portão da garagem é acionado e abre. Olavo entra com sua Ranger preta e estaciona do lado de dentro. Sai do carro. Do lado do caroneiro, sua esposa Adilah também sai. Ambos carregam grandes sacolas plásticas. Entram para o interior da casa.

Quarto de Rebeca

Rebeca, com os olhos cheios de lágrimas, observa através da sua janela no segundo andar os pais entrando em casa. Em poucos segundos, ouve-se batidas na porta do seu quarto. Ela se vira rapidamente.

Rebeca

– Tá aberta!

A porta se abre e seu pai Olavo entra, fechando a porta em seguida.

Olavo

– Minha filha...

Rebeca fica observando o pai se aproximar e sentar na beirada da sua cama. Ele faz sinal batendo na cama.

Olavo

– ...senta aqui com o papá!

Rebeca enxuga as lágrimas, se aproxima e senta ao lado do pai. Ele acaricia seus cabelos desgrenhados.

Olavo

– Já falamos sobre você andar por aí com estas vestes ocidentais, não é mesmo minha filha?

Rebeca está de cabeça baixa.

Olavo

– Não foi assim que te criamos. Você já é quase uma moça, precisa manter vivo os nossos costumes.

Rebeca engole a seco. Parece ter ganho coragem para enfrentar as palavras do pai.

Rebeca

– Eu não gosto pai! Parece que eu não pertencço à este mundo de vocês.

Olavo sorri, mas está preocupado. Sabe que apesar da idade a filha é madura o suficiente. Sabe que ela sabe que não é sua origem e sabe que ela tem uma personalidade muito forte.

Olavo

– Não pertencia. Não pertencia meu bem. Mas fizemos e ainda faremos de tudo para que você se acostume. E você vai, você vai ver.

Rebeca enche os olhos novamente de lágrimas. Deita a cabecinha no colo do pai, que fica a acariciar seus cabelos.

Adilah abre a porta do quarto e fica a observar a cena diante dos seus olhos. Sorri para si mesma. Suspira fundo. Lembra o quanto ela brigou quando Olavo surgiu com aquela pequena na sua casa e o quanto ela ama aquela menina agora.

Penitenciária Araújo Sardinha

Quatro agentes penitenciários carregam o caixão fechado com o corpo de Frajola para fora da prisão onde seus familiares já o aguardam com um carro fúnebre para levá-lo ao enterro. Logo atrás surgem os diretores Gaitán e Miranda e a detetive Carmen acompanhando o cortejo. Eles se param em frente ao portão da penitenciária embaixo da placa com o nome da mesma enquanto os agentes encaminham o caixão para o interior do carro. A viúva, amparada por um senhor alto, chora e xinga o sistema.

Viúva

– Ele tinha mais dois anos para cumprir. Era só cuidar dele. Vocês o deixaram morrer!

Gaitán, Miranda e Carmen não respondem nada. Sabem que no fundo ela tem razão. Eles poderiam tê-lo deixado em cela separada estes dois anos, mas acharam que nada demais aconteceria.

Carmen

– E eu perdi uma fonte bastante importante.

Ela olha para os dois diretores ao seu lado.

Carmen

– Acho que voltamos à estaca zero!

Miranda acende um cigarro calmamente e dá uma tragada expelindo a fumaça pelo ar gélido.

Miranda

– Nunca regredimos tanto assim, minha cara detetive. Temos informações importantes que podem ser nosso ponto de partida. Na nossa profissão, toda e qualquer informação deve ser levada em conta.

O ruído de um trovão indica que logo cai mais chuva. Miranda, que está no meio, olha para Gaitán de um lado, olha para a detetive Carmen do outro lado, encara a viúva de Frajola xingando desesperadamente o sistema enquanto entra junto no carro fúnebre e se vira voltando para o interior da penitenciária.

Gaitán

– E vem chuva!

Carmen

– Vai atrapalhar o enterro.

Gaitán

– Li nos documentos que será cremado. Que este era o seu desejo.

Carmen encara o movimento de carros e pessoas desaparecerem aos poucos, após o carro fúnebre dar partida.

Carmen

– Que este seu desejo possa ser atendido. E que ele acerte as contas com o cara lá de cima.

Carmen olha para Gaitán.

Carmen

– Vai voltar?

Gaitán encara as nuvens carregadas no céu.

Gaitán

– Não. Por hoje chega deste ambiente. Tenho outras coisas à fazer.

Gaitán dá um tapinha nas costas da detetive e caminha em direção ao estacionamento da penitenciária. Carmen fica pensativa observando-o, dá meia volta e retorna ao interior da penitenciária a fim de pegar seus pertences.

Minutos mais tarde

Na noite gelada e nebulosa Gaitán dirige seu Maverick. Ao dobrar na esquina 11 ele dá direto na rua das prostitutas. Diminui sua velocidade e vai observando através da janela para ver se encontra Bia. A vê alguns metros adiante conversando com um possível cliente, cheia de sorrisos e gracinhas. Ele pára o carro, baixa todo o vidro e fica lhe observando e sorrindo.

Uma outra prostituta cutuca Bia pelo braço e faz sinal com a cabeça mostrando Gaitán lhe olhando. Bia interrompe o assunto com o outro homem, ele insiste, mas ela o empurra e ele fica sem entender nada. Ela vai na direção do carro.

Gaitán fica admirando ela se aproximar com aquela saia justa de couro, botas de cano longo, mini blusa e jaqueta jeans. Ela chega e se abaixa na janela do carro.

Bia

– Achei que não ia mais me procurar!

Gaitán sorri.

Gaitán

– Dá a volta. Entra aí!

Bia sorri também.

Bia

– Viu que eu estava com outro cliente?

Gaitán

– Quer ele? Pode ir...

Ele olha para trás de Bia para outras mulheres.

Gaitán

– ...eu chamo uma delas.

Bia, irônica.

Bia

– Não chegam nem aos meus pés.

Ela se levanta. Ajeita a blusa e a jaqueta, com sua barriga à mostra e segue pela frente do carro em direção ao lado do caroneiro. Entra no carro e Gaitán dá a partida.

Penitenciária Araújo Sardinha – sala do diretor

Bastante pensativo, o diretor Miranda está de pé diante da sua janela que dá para o pátio da prisão. Observa o pátio vazio lá fora e um grupo da limpeza terminando de limpar a cela onde Frajola suicidou-se. Ele acende um cigarro, dá uma tragada e expela a fumaça que fica girando na sala.

Após alguns segundos imóvel em frente à janela, o diretor Miranda dirige-se à sua mesa, revira uns documentos e encontra uma página com o título: Depoimentos de Frajola.

Curioso, ele pega a folha e volta à janela enquanto lê.

Voz

– ” Bandido trancafiado tem medo de assombração. Larga a bandidagem em uma cela, fecha ela, e depois diz pela janelinha dela que ali dentro “fulano” se enforcou ou que “ciclano” matou um colega pra tu vê!”

Miranda levanta a cabeça e observa o grupo da limpeza fechando a cela onde houve o suicídio. A porta é aberta e o diretor Susin entra com uma pasta grande em mãos e começa recolher os seus pertences.

Miranda fica observando o colega. Entende o que ele está fazendo. Susin está cansado de tudo, precisa de uns dias de férias, longe de tudo, longe de todos os problemas. Susin se aproxima de Miranda colocando a mão sobre seu ombro e Miranda entende o recado. Sabe que agora a penitenciária Araújo Sardinha é sua responsabilidade, só faltam acertar a parte burocrática junto ao governo...

Do lado de fora da penitenciária Araújo Sardinha, a chuva começa calma e vai tornando-se mais forte. Pelo portão principal, a detetive Carmen Sanchez sai abrindo seu guarda-chuva. Ela acelera o passo debaixo da chuva e pára debaixo de uma parada de ônibus que tem logo à frente.

Em um lapso de tristeza, ela deixa o guarda-chuva cair e se escora na parada, onde não se importa com os pingos da chuva que caem em seus cabelos. Ela mexe em sua bolsa e pega os seus exames. Carmen Sanchez é uma mulher forte, mas até as mulheres mais fortes têm seus momentos de fraqueza. Embora o trabalho seja o seu refúgio, quando o dia termina, sua vida pessoal vem à tona, e o seu momento não é o que digamos, um momento bom. Ela agarra aqueles exames contra seu corpo e chora ali sozinha, debaixo daquela chuva que tende à se tornar cada vez mais e mais forte.

## Capítulo Seis

### O reencontro

#### Quarto de hotel barato

Não era a primeira vez que aquele quarto recebia aquele casal. Roupas íntimas jogadas pelo chão sob a luz do sol que entra pelas frestas da cortina entreaberta, e um casal nú abraçados sobre uma cama velha.

Gaitán abre os olhos e olha Bia deitada sobre seu peito. Se espreguiça e ela se acorda, lhe encarando e sorrindo.

Bia

– Bom dia!

Gaitán

– Bom dia!

Gaitán se desvencilha da moça, levanta e começa procurar suas roupas e se vestir enquanto Bia fica deitada de bruços à lhe observar.

Gaitán

– Que horas já são?

Bia estende o braço e pega seu relógio sobre um criado – mudo.

Bia

– 07h45min.

Gaitán

– Droga! Preciso ir pra penitenciária!

Bia

– Se perdeu no tempo é?

Gaitán veste a calça pela metade e encara aquela mulher deitada naquela cama.

Gaitán

– E você é a culpada. Você me faz perder a noção do tempo.

Bia se vira e senta-se na cama sobre as pernas.

Bia

– Bem que você podia não ir trabalhar e a gente passar o dia aqui.

Gaitán termina de pôr as calças e pega sua camisa no canto da cama.

Gaitán

– Aqui neste muquifo não! Esse quarto só serve pra uma noite.

Bia

– Então pegamos teu carro e vamos pro litoral passar o dia. Adoro dias frios na praia. Agarradinhos. Já imaginou?

Gaitán se aproxima da cama enquanto abotoa sua camisa. Pega Bia pelo pescoço. Ela sorri.

Gaitán

– Você não presta, sabia?

Bia, com aquele olhar sacana, encara Gaitán presa com sua mão em seu pescoço.

Bia

– E você gosta que eu sei!

Gaitán estende o corpo e dá um beijo na boca de Bia. Larga o pescoço dela e volta a terminar de se vestir.

Gaitán

– Preciso ir mesmo. Pode ficar aí. Toma um banho, pede um café. Deixo avisado que você sai mais tarde.

Bia faz cara de triste.

Bia

– Um banho sozinha não tem graça.

Gaitán faz cara feia.

Gaitán

– Não me provoca.

Gaitán procura suas chaves pelo quarto.

Bia, nua, levanta e se aproxima de Gaitán lhe abraçando pelas costas.

Bia

– Sabe, tenho uma proposta pra você...

Gaitán encontra as chaves em um canto no chão. Mas antes de pegá-las, se vira para Bia lhe segurando pela cintura.

Gaitán

– Meu bem...o que você pedir, seja o que for, não é a hora...

Gaitán a beija na testa e vai pegar suas chaves. Põe a mão no bolso, pega a carteira e tira cinco notas de R\$100,00 entregando-as para Bia.

Gaitán

– Fique à vontade para sair a hora que quiser.

Bia

– E quanto à minha proposta?

Gaitán abre a porta do quarto, dá uma última olhada para a jovem moça.

Gaitán

– Outra hora escuto com atenção. Prometo.

Bia baixa o olhar. Anos de experiência nas ruas, sabe chantagear como ninguém.

Bia

– Garanto que teus colegas da polícia me ouvirão com atenção a hora que eu quiser.

Gaitán se irrita com as palavras da jovem prostituta. Volta para o interior do quarto deixando a porta entreaberta e pega novamente Bia pelo pescoço. Desta vez não mais com a mesma intenção de antes.

Gaitán

– Escuta aqui: teus joguinhos sujos não vão funcionar comigo!

Bia lhe olha dentro dos olhos enquanto ele a segura. Ouve-se movimento no corredor e Bia vira os olhos para a porta, onde uma camareira velha passa lentamente. Bia sorri e se desvencilha da mão de Gaitán.

Bia

– Pensa bem meu amor! Pensa bem!

Gaitán olha a hora.

Gaitán

– Droga! Preciso mesmo ir.

Ele aponta o dedo para Bia.

Gaitán

– Você me paga sua ordinária.

Bia dá uma gargalhada vendo Gaitán se retirar do quarto. Se joga de costas na cama jogando as notas de R\$100,00 para o alto.

Floresta na região de Alcatraz

A neblina forte dificulta a visibilidade na região. O inverno está sendo bastante rigoroso com a população. Um dia chuva intensa, em outro dia são ventos fortes, em um outro, a neblina alta e o frio sempre é de cortar. Neste dia, todas estas características se juntam impondo dificuldade imensa no trabalho da polícia.

Uma viatura policial desliga a sirene e estaciona no Km 227, próximo à estrada de terra batida que leva para o interior da floresta. Dois policiais descem da viatura encolhidos em seus pesados casacos. O policial que desce do lado do caroneiro está com o rádio escuta em mãos. O outro fica ao lado do carro tentando enxergar dentro daquela floresta.

Policial

– Visibilidade zero aqui. Vai ser difícil encontrar alguém.

O outro policial dá de ombros e ri debochadamente.

Policial II

– Armando, diz pra ele que em dia de sol já não se encontra nada por aqui, imagina nesta merda de neblina!

Armando, o policial com rádio escuta, fica com o mesmo bem próximo do ouvido para ouvir melhor.

Armando

– Merda, até o sinal aqui tá difícil hoje.

Armando põe o rádio escuta perto da boca e se escora no capô da viatura.

Armando

– Tá difícil a comunicação também. Nós vamos entrar e ver o que encontramos. Câmbio e desligo.

Armando joga o rádio escuta para dentro da viatura através da janela entreaberta.

Armando

– Que acha Demétrius?

O policial Demétrius olha fixamente para a floresta à sua frente.

Demétrius

– Já que estamos aqui vamos averiguar. Vai que o delinquente ainda está por aí, não é mesmo?

Armando e Demétrius são dois experientes policiais de meia idade e de extrema confiança do departamento. Conhecem o sistema, conhecem a região e sabem como agir, embora cada caso seja um caso.

Os dois policiais retiram suas armas dos coldres e a engatilham se dirigindo em meio à neblina pela estrada para...

Interior da floresta

...onde a visibilidade é nula e o barulho do vento é ensurdecedor.

Armando e Demétrius caminham atentos a todo e qualquer movimento.

Armando

– Eu duvido que vamos achar algo. Se este delinquente estava por aqui mesmo, já deve estar longe. Não ia ser burro AO ponto de aterrorizar os outros e permanecer aqui.

Demétrius faz sinal com o dedo indicador sobre a boca para o colega fazer silêncio. Ele escutara o que parece ser passos vindo na direção deles. À medida que os passos se aproximam, pode se ouvir vozes também. Armando e Demétrius apontam suas armas na direção de onde vem o barulho.

Demétrius

– Parados!

Em meio à neblina e em meio aos galhos das árvores, surgem os quatro amigos, Jucá, Renê, Tino e Jairo, todos sujos e em situação precária. Ao verem os policiais com as armas apontadas para eles, levantam as mãos pro alto.

Armando

– Vocês que entraram em contato?

Renê

– Eu que liguei.

Demétrius

– Podem abaixar as mãos.

Os policiais também abaixam suas armas. Demétrius se aproxima dos quatro.

Demétrius

– Estão em segurança? Cadê o carro de vocês?

Tino aponta com o dedo para uns arbustos do outro lado.

Tino

– Deixamos lá no meio daqueles arbustos.

Armando

– E o cidadão relatado no telefonema?

Jucá

– Não sabemos pra onde deve ter ido.

Jairo

– O desgraçado ia me matar!

Demétrius

– Acho melhor vocês voltarem à cidade. Nós vamos dar mais uma olhada.

Os quatro amigos, com dificuldades, se dirigem para o local que está o carro. Armando os acompanha e Demétrius fica lhe esperando.

Enquanto aguarda Armando voltar, Demétrius avista algo no chão que lhe chama atenção. Ele se agacha e pega em meio às folhas, o botão grande de uma blusa ou casaco. Ele se levanta.

Demétrius

– Esperem!

Ele corre até onde estão Armando e os quatro amigos.

Demétrius

– Este botão é de algum de vocês?

Demétrius mostra o botão para os quatro, que negam ser de algum deles.

Tino

– Meu não é...

Tino olha para os amigos.

Tino

– E acho que não é de nenhum de nós.

Jucá

– Pode ser daquele desgraçado!

Tino

– Rolei com ele pelo penhasco. Pode ser que o botão do casaco dele tenha se soltado...

Demétrius guarda o botão no bolso do seu casaco.

Armando

– Certo, certo. Acho que agora podem ir. Tomem cuidado na estrada. A neblina está forte!

Residência da família Sanchez

A detetive Carmen Sanchez está sentada no sofá abraçada nas suas pernas chorando. Do seu lado no sofá estão os seus exames. Escuta-se o barulho da porta abrindo. É Jairo, ainda sentindo no corpo as consequências dos problemas enfrentados na floresta. Ele entra, fecha a porta e se senta na poltrona em frente à esposa.

Jairo

– Tudo bem?

Carmen levanta a cabeça. Enxuga as lágrimas. Se espanta com o estado do marido à sua frente.

Carmen

– Nossa! Eu que lhe pergunto.

Jairo suspira, se recosta no encosto da poltrona.

Jairo

– É uma longa história...mas me parece que por aqui as coisas não andam bem também!

Carmen

– Eu...eu nem sei por onde começar...

Carmen baixa o olhar.

Carmen

– Começa você, me contando como foi na floresta.

Jairo se mexe na poltrona e sente as dores pelo corpo. Faz cara de dor.

Jairo

– Acredita que um maluco apareceu do nada e por pouco eu nem estou aqui pra te contar a história?

Carmen levanta o olhar, curiosa.

Carmen

– Sério? E o que vocês fizeram?

Jairo

– Chamamos a polícia. Teus colegas Armando e Demétrius foram lá. Mas antes passamos o maior perrengue.

Carmen

– Meu Deus! E eles encontraram algo?

Jairo levanta.

Jairo

– Nada. Pelo menos até sairmos de lá não tinham encontrado nada.

Jairo se aproxima da esposa. Senta ao seu lado. Coloca a mão sobre seu ombro abraçando-a.

Jairo

– Mas enfim. Aqui estou. Um pouco dolorido, mas vivo.

Ele puxa ela, que deita a cabeça em seu ombro.

Jairo

– E pronto pra ouvir e saber o que te aflige.

Carmen

– Eu ainda não consigo falar...

Carmen vira o rosto encarando o marido. Passa a mão no seu rosto.

Carmen

– Eu prometo tá? Eu vou te contar quando estiver pronta.

Jairo sorri olhando a sinceridade e a aflição nos olhos da esposa. Não fala nada, apenas a aconchega novamente em seu ombro e procura manter o silêncio e eternizar aquele momento. Aqueles minutos que podem significar uma nova chance para eles.

Quarto de Rebeca

A menina Rebeca observa a noite pela janela do seu quarto. Está de pé, escorada com a testa sobre o vidro. Sua respiração próxima à janela faz o vidro embaçar. Ela limpa com a mão.

Rebeca

– Eu não quero. Eu não gosto. Já disse.

A pequena Rebeca se volta para seu quarto. Com raiva, vai até sua cama, pega seu traje muçulmano, o amassa entre seus dedos e joga-o com força contra a porta fechada do seu quarto.

A pequena Rebeca está crescendo, tem seus gostos, suas vontades, suas peculiaridades. Nas suas veias não corre o sangue da cultura islã e apesar de ter sido criada até agora nestes costumes, ela chegou em um momento em que nada pode fazer ela mudar sua opinião quanto a gostar e não gostar.

Rebeca abre com cuidado a porta do seu quarto e espia o corredor todo escuro. Com cuidado, ela estende o pescoço pra enxergar a porta do quarto dos seus pais e, através da porta entreaberta, consegue verificar que eles já estão dormindo. Ela volta para o seu quarto e fecha a porta devagar para não fazer barulho.

Rebeca abre seu guarda-roupa, pega um moletom de capuz e vai pra janela. Abre-a, sempre mantendo o cuidado para não fazer barulho, e atravessa para o outro lado.

Pelo lado de fora, debaixo do céu escuro de nuvens carregadas, Rebeca caminha por cima do telhado da garagem da casa. Vai até a ponta e desce se segurando para o gramado do pátio. Dá uma olhada para trás, para a câmera no alto da casa, sabe que no dia seguinte os pais vão verificar as imagens e descobrir que ela fugiu, mas, mesmo assim, segue seu plano.

Rebeca mexe no portão, mas o mesmo está trancado com cadeados embaixo e em cima. Ela coloca seu capuz e começa escalar as grades até o alto saltando para o lado de fora. Dá mais uma olhada para a casa, mas está decidida sobre o que quer. Baixa a cabeça e segue pela calçada naquela noite escura e com nuvens prontas para derramarem uma chuva jamais vista.

Pelas ruas escuras de Alcatraz...

...Rebeca caminha solitária. Mas uma doce menina de dez anos não conhece os caminhos obscuros da cidade. Ela perambula entrando e saindo de ruas sem destino até chegar na rodovia. No céu os trovões indicam que a chuva não tarda para chegar. O frio é intenso. Rebeca se aconchega no seu moletom, puxa o capuz o máximo que pode contra seu rosto, baixa a cabeça e acelera os passos à beira da rodovia.

Floresta na região de Alcatraz

Quando a pequena Rebeca chega na placa indicativa de Km 220, ela começa a andar lado a lado com a floresta que cerca a região. Ao mesmo tempo, um trovão ensurdecedor é seguido de pingos grossos que começam a cair.

Rebeca olha para o céu e para a floresta. Sua intuição à leva para o interior daquela mata fechada, lugar que ela jamais entrara e que sempre temeu quando passara pela frente. Porém, neste momento, algo a chama para dentro, algo dentro dela diz que o seu destino depende dela entrar naquela floresta. E ela entra. Com um pouco de medo no início, um pouco de incerteza, mas, na medida em que as árvores altas começam à lhe rodear por todos os lados, o medo e a incerteza vão dando lugar a um sentimento de que está fazendo a coisa certa.

O ar gelado, o vento cortante e a chuva que engrossa a cada pingo que cai acompanham a pequena Rebeca entre aquelas árvores grandes daquela mata fechada. Escuta-se o lamento do vento nas folhas dos topos das árvores e um suspiro de quem não sabe pra onde está indo.

Residência da família Azir

A chuva insistente cai a noite toda até o dia amanhecer cinza sem vida. No quarto de Rebeca sua cama está arrumada, seu traje muçulmano jogado no chão e a janela aberta de onde passa o vento que balança as cortinas.

Adilah, com seu traje muçulmano impecável, caminha com passos firmes pelo corredor até o quarto da filha. Pousa sua mão com anéis e pulseiras douradas sobre a maçaneta e abre a porta. Se surpreende ao não ver a filha na cama.

Adilah  
– Rebeca?

Adilah adentra no quarto, agacha-se e junta o traje da filha jogado ao chão. Está assustada.

Adilah  
– Olavo! Olavo!

Ouve-se os passos de Olavo se aproximando do quarto. Adilah corre até a janela aberta. Olavo chega.

Olavo  
– O que houve?

Adilah se vira para ele apavorada.

Adilah  
– Rebeca. Ela não está aqui!

Olavo  
– Como assim?

Adilah  
– Não sei, não sei. Só sei que nossa menina não está aqui.

Adilah se joga nos braços do marido chorando.

Adilah  
– Cadê ela? Cadê nossa menina Habib?

Olavo consola a esposa enquanto observa pela janela.

Olavo  
– Ela não pode ter pulado...

Adilah  
– Eu não sei. Eu não sei o que pensar...

Olavo larga a esposa e se debruça no parapeito da janela.

Olavo  
– As câmeras! Vamos lá ver!

Padaria do seu Manoel

Seu Manoel, todo sorridente apesar do dia cinza e frio, sai de trás do balcão com uma bandeja em mãos e seu pano de prato sobre os ombros. Ele se aproxima de uma mesa onde estão Gaitán, a detetive Carmen Sanchez e um outro homem mais velho, de calça jeans e blazer. Trata-se do delegado Monteiro, que está de férias na região.

Manoel

– Chegando um cafézinho quentinho.

Seu Manoel coloca a xícara de café em frente aos três. Na sua bandeja ainda estão os salgados.

Manoel

– Quem pediu um pão de queijo?

A detetive Carmen levanta a mão.

Manoel

– Aqui estás. Pãozinho de queijo quentinho.

Gaitán

– O meu é o famoso pastel de carne seu Manoel.

Manoel larga o pastel em frente à Gaitán.

Manoel

– E sobrou pro nosso amigo um pastel de queijo feito na hora.

Monteiro

– Muito obrigado.

Seu Manoel volta para trás do seu balcão atender alguns outros clientes.

Na mesa, os três saboreiam seus cafés e seus salgados.

Gaitán

– Então delegado Monteiro, de férias na região.

Monteiro

– Cidade pequena, longe de todo o agito da cidade grande, sabe que é meu estilo de vida favorito.

Carmen toma um gole do seu café e, calmamente, larga-o sobre a mesa.

Carmen

– Mas ultimamente as coisas andam agitadas por aqui também delegado.

Monteiro

– Ouvi falar detetive.

Monteiro toma um gole do seu café, dá uma mordida em seu pastel que fica a sair fumaça de tão quente e apetitoso que parece estar.

Monteiro

– Mas a região está em boas mãos.

Gaitán

– Mas não estamos conseguindo concluir delegado.

Monteiro

– Calma meu amigo. Tudo ao seu tempo. As coisas tendem à serem resolvidas. O que aprendi em tantos anos de trabalho foi que a paciência deve sim ser nossa aliada. Não podemos nos afobar, trocar os pés pelas mãos, pôr a carreta na frente dos bois...

Gaitán

– Às vezes é difícil meu delegado...mas me conta, como estão as coisas por lá?

O delegado Monteiro se recosta no encosto da sua cadeira. Toma mais um gole de café.

Monteiro

– Alguns casos complicados, sabe como é cidade grande. Mas aí, tinha uns dias de férias, vim curtir aqui. Na vinda fui até no circo, acredita? Quanto tempo não entrava em uma lona para acompanhar um espetáculo.

Carmen

– Então está aproveitando de verdade, esquecendo o trabalho por uns dias...

Carmen olha para Gaitán.

Carmen

– Acho que aí está o segredo do sucesso! Saber separar as coisas...o complicado é quando se tem problemas no trabalho, chega em casa e os problemas são outros...

Gaitán

– Carmen, eu...

O toque estridente do celular de Gaitán ecoa. Monteiro sorri.

Monteiro

– Acreditem, os problemas nos perseguem.

Gaitán atende a ligação.

Gaitán

– Pronto!

Gaitán escuta a voz do outro lado. Vai largando a xícara de café devagar sobre a mesa. Sua expressão muda para um ar preocupado.

Gaitán

– Calma, seu Olavo. Me explica direito isso!

Monteiro encara a detetive Carmen. Pega sua xícara e termina seu café.

Monteiro

– Eu disse que os problemas nos perseguem. Caso não consigamos desligar um pouco, acabamos enlouquecendo.

Floresta na região de Alcatraz

Aquele dia nublado e cinza se estende pela floresta toda. Rebeca está escalando em uma árvore. Ela alcança uma fruta e desce agarrando-se ao tronco. Senta escorada no tronco comendo a fruta que pegou no alto da árvore. Está toda molhada da chuva da noite anterior.

Alguns pássaros cantarolam no topo das árvores chamando a atenção e o olhar curioso da pequena Rebeca. Ela termina de comer sua fruta, ajeita o capuz do moletom na cabeça e segue seu caminho por entre as árvores daquela floresta.

Padaria do seu Manoel

Do lado de fora da padaria estão Gaitán e Carmen se despedindo do delegado Monteiro.

Gaitán

– Uma honra conversar com você delegado.

Gaitán estende a mão para Monteiro.

Monteiro

– Gaitán, a honra é toda minha.

O delegado Monteiro se vira para a detetive Carmen e estende a mão para ela.

Monteiro

– Detetive, prazer em conhecê-la.

Carmen

– O prazer é meu delegado.

Gaitán

– Agora vamos lá conversar com estes pais. Mais um caso de sumiço na região.

Carmen

– Te disse delegado, que as coisas não estavam calmas por aqui.

Monteiro

– Acreditam que pode ter algo à ver com os outros casos que assombram vocês?

Gaitán

– Cidade pequena, delegado. Tudo pode estar interligado.

Floresta na região de Alcatraz

A pequena Rebeca encontra um caminho de terra em meio à floresta. Vê algumas pegadas no caminho e acredita que por ali alguém possa lhe ajudar.

Rebeca segue por aquele caminho e, em questão de alguns metros, se depara com uma cabana de madeira caindo aos pedaços. Fica assustada olhando para aquele lugar e se esconde atrás de uma árvore ao ouvir barulho de passos vindo de trás da cabana.

Por detrás da cabana surge João Acácio. Chapéu na cabeça, casacão preto, calças sujas e botas embarradas. Ele traz consigo um longo facão que vai cortando os galhos pelo caminho.

Um bando de pássaros sai voando de uma árvore quando ele corta alguns galhos. João Acácio fica à observá-los até sumirem de vista. Ele crava o facão em um tronco de árvore caído e entra na cabana.

De trás da árvore a pequena Rebeca observa atenta a tudo. Na sua cabeça as dúvidas surgem: será que aquele homem pode lhe ajudar? Será que naquela cabana ela pode estar protegida? Será que aquele homem vai lhe dar um prato de comida? Será que aquele homem não vai lhe entregar de volta para a família de muçulmanos? Será... será... será...

Rebeca puxa o capuz bem contra seu rosto, coloca suas pequeninas mãos sujas no bolso do moletom e segue pelo caminho de terra rumo àquela cabana.

## Capítulo Sete

### Planos de família

#### Floresta na região de Alcatraz

Rebeca fica em frente à porta daquela cabana. Olha de baixo até em cima aquela porta de madeira velha caindo aos pedaços, a fechadura antiga e enferrujada com o tempo e as lascas de madeira soltando e um sentimento estranho toma conta de todo o seu corpo. Levanta a mão direita para bater, mas hesita baixando a mão novamente. Será que está fazendo a coisa certa? A incerteza volta à lhe rondar. Ela se vira de costas para a cabana, observa a mata fechada ao redor, o caminho de terra e o céu escuro prometendo mais chuva. Três passos em direção a floresta e ela fica imóvel mais uma vez. A dúvida toma conta da sua cabeça de apenas dez anos de idade, mas algo lá no fundo lhe diz que o seu destino depende de bater naquela porta, de entrar naquela cabana, de encarar frente a frente, olho no olho aquele homem.

Rebeca levanta a cabeça e encara as nuvens carregadas no céu. O estrondo de um trovão lhe dá o empurrão que faltava. Afinal, ela também não queria passar mais algumas horas debaixo de chuva e com fome. Se vira novamente para a cabana decidida do que quer. Sempre foi uma menina de uma opinião própria, principalmente nesta fase da sua vida. Se já fugiu de casa à noite sem nada no meio da chuva forte e do frio, não seria agora que ela ia dar para trás.

Rebeca volta à se aproximar da porta da cabana. Levanta a mão direita e se prepara para bater quando a porta se abre na sua frente. Diante dos seus olhos que se arregalam, surge a figura daquele homem alto, barba mal feita, chapéu e casacão preto. Aquela cara fechada lhe assusta em um primeiro momento e ela fica petrificada encarando aqueles olhos assustadores.

João Acácio também fica imóvel encarando a menina na sua frente. Mas ele sente algo que há tempos não sentia por nenhum outro ser humano. Ele sente uma paz, uma bondade naquele olhar inocente, que faz uma lágrima escorrer no canto do seu olho.

João

- Criança...

João Acácio sorri como há muito tempo não sorria.

João

- Pode entrar!

Ele dá lado para a menina, que, sentindo a bondade nas palavras daquele homem, baixa a cabeça e adentra naquela cabana.

João Acácio observa a pequena Rebeca entrando em sua cabana. Dá uma olhada para a floresta à sua frente certificando-se que não há mais ninguém por perto, sorri sarcasticamente e volta para a cabana fechando a porta.

#### Residência da família Sanchez

A detetive Carmen Sanchez, de calça jeans, blusa de gola alta e sem maquiagem, está sentada na poltrona distraída mexendo em um cubo mágico. Seu marido Jairo aproxima-se por trás e lhe dá um beijo na cabeça.

Jairo

– Nunca consegui resolver isso aí.

Carmen olha para trás e sorri.

Carmen

– Exige paciência...e tá aí uma coisa que eu sei que você não tem.

Carmen acompanha com os olhos o marido que pega uma jaqueta sobre o sofá e começa a vestir.

Carmen

– Tens mesmo que sair?

Jairo

– Eu ia até o ateliê do Jucá...tínhamos combinado...você precisa de alguma coisa?

Carmen larga o cubo mágico no braço da poltrona.

Carmen

– Eu criei coragem Jairo...eu tô disposta à lhe contar, embora saiba que talvez não seja o certo...

Jairo sente a relevância das palavras da esposa. Senta-se no sofá de frente para ela.

Jairo

– Eu posso mandar uma mensagem pro Jucá cancelando...

Jairo pega o celular no bolso e começa digitar.

Jairo

– ...inclusive é o que já vou fazer agora.

Jairo finaliza a mensagem.

Jairo

– Pronto amor. Estou aqui para te ouvir.

Carmen baixa o olhar enquanto Jairo a encara.

Carmen

– Eu nem sei por onde começar...

Jairo

– Seja o que for, comece pelo começo. Por onde você acha que seja o início de tudo.

Carmen levanta os olhos úmidos e encara o marido compenetrado na sua frente.

Carmen

– Lembra do que falei sobre o cubo mágico! Paciência...

Jairo

– Prometo ser um poço de paciência, só não me deixa mais aflito do que estou. Apenas deixe fluir.

Carmen suspira fundo.

Carmen

– Lembra quando começamos falar sobre ter um bebê? Lembra o quanto queríamos, o quanto estávamos felizes?

Jairo

– Lembro...e ainda queremos...

Carmen deixa uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

Jairo

– ...não queremos meu amor?

Carmen baixa o olhar novamente. Limpa o rosto com a manga da sua blusa. O silêncio permanece por longos segundos até que Carmen interrompe aquele silêncio com palavras que podem mudar o rumo de duas vidas entrelaçadas.

Carmen

– Eu nunca lhe disse. Sempre tive medo da tua reação. Medo porque sei o quanto você deseja...

Carmen olha para o marido que está atônito na sua frente à espera da revelação.

Carmen

– ...eu não posso ter filhos. Eu não posso gerar uma vida dentro de mim.

Carmen cai em desespero.

Carmen

– Droga! Eu nunca vou poder ter um bebê dentro de mim, Jairo! Nunca! Nunca! Nunca!

Jairo está perplexo olhando a esposa. Não teve reação após a revelação. O seu desejo em ter um filho com Carmen é enorme. É o seu sonho. Ele sonha em ser pai. Sonha em segurar nos seus braços aquele ser inocente e indefeso e chamá-lo de seu. Sonha em ensinar aquela pequena criança à desenhar, à pintar. Sonha em fazer piqueniques no parque, em ensinar andar de bicicleta. Sonha em poder dizer, se for uma menina, o quanto ela se parece com a mamãe...um filme passa pela sua cabeça em questão de segundos enquanto observa o desespero de Carmen com a revelação.

Jairo levanta do sofá e vai até a janela de casa sem pronunciar uma palavra, deixando Carmen em desespero sentada na poltrona. Braços cruzados, ele encara o mundo lá fora através do vidro da janela. Carmen, incomodada com o silêncio do marido, extravasa.

Carmen

– Droga, Jairo! Maldito silêncio! Diz alguma coisa, porra! Fala que sou uma merda de esposa, fala que vai me deixar, fala que vai achar alguém que possa realizar teu sonho, fala, fala, fala. Só não fica neste silêncio maldito!

Jairo, calmamente, se vira para a esposa. Tira sua jaqueta e a coloca sobre o sofá. Aproxima-se de Carmen e senta ao seu lado. Mãos cruzadas sobre as coxas. Corpo inclinado para frente.

Jairo

– Carmen...

Ele vira o seu rosto e encara com seus olhos bem dentro dos olhos da sua esposa.

Jairo

– ...olha pra mim.

Carmen hesita em atender o pedido.

Jairo

– Olha pra mim, porra!

Carmen suspira e olha de canto.

Jairo

– Carmen...eu...tô do teu lado.

Carmen se surpreende com as palavras de Jairo. Levanta a cabeça.

Jairo se aproxima e abraça a esposa, que deita a cabeça no seu ombro, sentindo o real sentimento de Jairo para com ela. Um carinho que ela jamais imaginara que ele seria capaz de demonstrar.

Jairo

– Sempre é bom uma segunda opinião..

Carmen

– Eu já tive uma segunda, uma terceira, uma quarta opinião. E todos os malditos médicos falam a mesma coisa.

Jairo

– Podemos procurar então uma quinta opinião, uma sexta, uma sétima...e eu estarei contigo em todas as consultas que for a partir de agora.

Carmen vira o rosto para o marido.

Carmen

– E se todas forem iguais?

Jairo

– Se todos os diagnósticos forem iguais, então a gente vai passar por isso juntos. Vamos segurar na mão um do outro e encarar.

Carmen sorri. Parece estar aliviada com as palavras de Jairo. Se aconchega com a cabeça em seu peito enquanto ele acaricia seus cabelos. Aquela momento era algo que ela não esperava. Aquelas palavras, aquela atitude, ela jamais pensou que Jairo aceitaria isso numa boa. Se surpreendeu e ganhou forças para seguir adiante.

Floresta na região de Alcatraz

De maneira esguia e sorrateira a neblina desce novamente sobre a região de Alcatraz, perturbando os olhos e destruindo o senso de direção dos poucos carros que costumam vagar por aquela rodovia.

A viatura policial com Armando e Demétrius está retornando para a floresta com o objetivo de encontrar aquele homem misterioso. Demétrius está dirigindo e Armando ao seu lado encolhido dentro do seu casacão. Ele puxa a manga e olha a hora no seu relógio de pulso. São 15h00min, mas pode-se claramente dizer que já está nas primeiras horas da noite devido a escuridão e a neblina que se instala.

Armando

– Somos loucos mesmo! Achando que vamos encontrar alguém nesta floresta com este tempo.

Demétrius sorri.

Demétrius

– Ordens são ordens.

Demétrius freia bruscamente.

Armando

– O que foi?

Demétrius olha assustado para o companheiro ao seu lado.

Demétrius

– Você não viu?

Demétrius vira o rosto para trás na beira da floresta.

Demétrius

– Te juro que vi algo entrando ali atrás.

Armando

– Ahh, vai ver era algum bicho.

Demétrius puxa o freio de mão. Desliga o motor.

Demétrius

– Não sei. Mas se estamos aqui nesta merda de tempo, vamos averiguar e, talvez voltar pra cidade o quanto antes.

Os dois policiais descem do carro. A neblina se espalha trazendo um ar gélido naquela tarde. Demétrius olha para a luz do poste acima da sua cabeça, onde a luz já tornara-se opaco por causa da cerração sem fim.

Armando

– Entramos?

Demétrius encara o companheiro e saca sua arma. Armando faz o mesmo. Mais uma vez vão adentrar naquela floresta em busca de alguém que eles não fazem ideia de quem seja.

Dentro da floresta a visibilidade é quase nula. Os dois policiais caminham cuidadosamente e com dificuldade entre os galhos das árvores.

Residência da família Sanchez

A detetive Carmen Sanchez está de pé do lado de fora da sua casa. Cabelos presos em um coque alto, maquiagem leve, calças montaria e botas de cano alto, casacão preto comprido e luvas. Ela observa o Maverick de Gaitán estacionando em frente e desce as escadas na sua direção. Os dois vão fazer uma varredura pelos arredores de Alcatraz em busca da pequena Rebeca.

Dentro do carro, Gaitán destranca as portas na medida em que a detetive se aproxima. Ela abre a porta do caroneiro e entra.

Carmen

– Que frio desgraçado!

Gaitán puxa a gola do seu casaco para cima.

Gaitán

– Nem me fala detetive.

Carmen o encara.

Carmen

– Sabe, me deu um dó do seu Olavo e da dona Adilah. Você conhece a história desta menina né?

Gaitán assente que sim com a cabeça.

Carmen

– Pegar ela nas condições que pegaram. Criar ela nos costumes da tradição islã longe de suas origens...

Gaitán

– Precisam ser muito fortes!

Carmen

– E são...com a graça de Deus!

Carmen ri.

Carmen

– Ou melhor: com as graças de Alá!

Gaitán bate com as mãos no volante.

Gaitán

– Bom..por onde começaremos?

Carmen

– É justamente o que ia lhe perguntar...mas já que pediu, acho que temos que começar por perto, dar uma volta na cidade, perguntar para os moradores...afinal, é impossível que ninguém tenha visto uma menina de dez anos perambulando sozinha de madrugada, não acha?

Gaitán

– Menina esperta essa Rebeca. Você viu nas câmeras. Fazer o que ela fez, fugir daquela casa como ela fugiu, não é pra qualquer um.

Gaitán

– Mas você tá certa! Impossível que ninguém tenha visto.

Gaitán liga o carro, liga os faróis e dá a partida.

Nas ruas de Alcatraz

O Maverick de Gaitán anda por aquelas ruas desertas, frias e nebulosas de Alcatraz. Com muita dificuldade, Gaitán e a detetive Carmen olham atentos através das janelas procurando por Rebeca, ou por algo que possa indicar onde ela está. Dobra uma esquina, dobra outra, e mais outra e mais outra...e nada. Nenhuma pista. Nenhuma alma viva na rua e os poucos que estão não reconhecem a foto que Carmen mostra e nem fazem ideia de quem se trata.

Gaitán estaciona. Desce do carro em meio à neblina, se escora no capô e acende um cigarro. Carmen também desce. Faz cara feia com o vento que faz e se esconde no seu casacão. Se escora no capô ao lado do amigo e companheiro. Gaitán dá uma tragada e estende a carteira de cigarro oferecendo para a detetive.

Carmen

– Não...

Gaitán

– Bem que você faz. Isso aqui é uma forma mais rápida de dar adeus.

Carmen

– Credo Gaitán.

Gaitán dá mais uma tragada.

Gaitán

– E tô errado?

Gaitán observa as casas fechadas, o clima tenso e as ruas desertas de Alcatraz.

Gaitán

– A tempos não fazia um inverno tão rigoroso por aqui...tempos sombrios minha cara, tempos sombrios.

Carmen

– Eu já estava preocupada com este caso. Agora me dou por satisfeita se encontrarmos esta menina bem.

Gaitán

– É tudo o que mais quero também.

Ouve-se o ronco do motor de um carro se aproximando. Gaitán e Carmen olham para trás e vêem os faróis acesos cada vez mais próximos e o carro diminuindo a velocidade.

O carro, um Sedan azul escuro, estaciona atrás do Maverick de Gaitán, sob olhares atentos dele e da detetive. Faróis desligados, motor desligado e a porta do motorista se abre de onde desce o diretor Miranda, de calça social, terno e manta enrolada no pescoço.

Gaitán

– Diretor!

O diretor Miranda se aproxima dos dois.

Miranda

– Boa tarde amigos!

Gaitán

– Boa tarde.

Carmen

– Boa tarde diretor.

Miranda se escora no Maverick também.

Miranda

– Maldita neblina!

Gaitán

– O inverno de Alcatraz será cada vez mais rigoroso. Já dizia o velho Remi, lembra diretor?

Miranda sorri.

Miranda

– E ele estava certo...velho Remi. Que Deus cuide de sua alma.

Miranda se vira para os amigos.

Miranda

– Novidades no caso?

Gaitán finaliza seu cigarro. Joga o toco na beira da rua.

Gaitán

– Acho que já sabe da última, não é diretor?

Miranda

– Fiquei sabendo pelo seu Manoel...e a garota dos Azir?

Carmen

– Não fizemos a mínima ideia. Ninguém sabe. Ninguém viu. Estamos com os pés e as mãos atadas diretor.

Gaitán

– Vamos continuar procurando diretor. Essa menina há de aparecer...

Gaitán encara a rua deserta e nebulosa na sua frente. Miranda se vira e volta para seu carro esfregando as mãos. Carmen o observa. Ela tira do bolso do casaco uma foto recente da pequena Rebeca entregue pelos Azir. Na foto, toda sorridente, Rebeca segura um ursinho de pelúcia ganho em um dia no parque.

Carmen

– Onde está você menina...

O diretor Miranda dá partida no seu carro. Buzina ao passar por Gaitán e Carmen ainda escorados no capô do Maverick.

Floresta na região de Alcatraz

Armando e Demétrius se separaram sem querer em meio àquela neblina sem fim. Demétrius, com a arma engatilhada em mãos, cara de assustado e olhos atentos, caminha sem saber para onde está indo.

Não está fácil caminhar na floresta sem saber para qual lado ir. “Talvez se eu concentrar minha força nessa direção, possa achar um jeito de sair daqui ou encontrar o Armando”. Pensou ele. Como uma barata tonta que acaba de levar uma borrifada de veneno, Demétrius com uma mão tateia o ar para saber onde está. Joga seu corpo para o lado direito e tenta caminhar para frente, mas logo se depara com um tronco grande e seco atravessado no meio do caminho que o impede de continuar, então joga o corpo para trás, a fim de tentar tomar outro caminho, mas é impedido por algo que nem ao menos sabe o que é. Era o vento que sopra e sussurra com uma força infinita.

Demétrius

– Droga!

Junto ao uivo do vento Demétrius escuta passos pisando nas folhas caídas pelo chão. Se vira para todos os lados tentando descobrir quem é e de onde vem. Mas em vão. Escuta uma risada, que também não identifica de onde vem.

Demétrius

– Merda!

“O que tá acontecendo?” Pensa ele enquanto tateando com uma mão os troncos, galhos e folhas das árvores molhadas daquela floresta, procura desesperadamente por um caminho que o tire dali.

Na cabana – manhã

A pequena Rebeca está sentada diante de uma mesa velha de madeira comendo um prato de comida. Sentado em um banco de madeira em um canto, está João Acácio lhe observando.

João

– Tava com fome menina?

Rebeca, com a boca cheia, levanta a cabeça e assente que sim.

João Acácio observa aquela menina diante da sua mesa. Aqueles olhos, aquele olhar, aquela serenidade... algo dentro dele dizia que ela era uma criança especial para ele. E lá no fundo, o que ele estava sentindo, era algo que ele jamais pensara que sentiria novamente, exceto quando olhava a sua pequena filha brincando ou inocentemente dormindo. João, em um relance de lembranças, abaixa a cabeça e pega de dentro da sua roupa o seu medalhão. O abre e observa o retrato nele contido e depois olha novamente para aquela menina comendo da sua comida na sua mesa.

Uma lágrima brota no olho daquele homem mau e durão. Aquela menina à sua frente é a sua filha de anos atrás. É a mesma menininha sorridente de dois anos de idade que está naquele medalhão.

João

– Minha filha!

A voz sai rouca e quase indecifrável. Ele engole à seco quando Rebeca pára de comer e o encara. Por mais que a voz tenha saído indecifrável, ela entendeu o que ele quis dizer.

Rebeca

– Você é meu papai?

João Acácio não contém as lágrimas e cai em choro profundo.

João

– Minha filha...

Rebeca baixa a cabecinha.

João

– Me desculpa...eu vou entender se você quiser sumir por aquela porta...eu vou entender se...

João Acácio nem termina de falar e é surpreendido pela garota na sua frente lhe abraçando. Sem reação, ele se deixa ser abraçado e, após alguns segundos, também a abraça.

Na cabana – final de tarde

João Acácio está afiando um facão de pé diante da mesa. Rebeca está segurando uma outra faca sentada e observando os movimentos do pai.

João

– A vida aqui não é nada fácil. E eu já te disse que vou entender se você quiser ir embora e ter a vida que você levava na cidade.

Rebeca

– Eu já disse que não quero. E pra aquela casa eu não volto mais!

Rebeca encara o pai enquanto segura com raiva e firmeza aquela faca.

Rebeca

– Eu quero viver aqui com o senhor!

João Acácio interrompe a afiação do facão e sorri. Afinal, ali na sua frente estava sua filha dizendo querer seguir os passos dele, embora estes passos não devessem ser seguidos por ninguém.

Na cabana – manhã do dia seguinte

João Acácio, sentado em frente a um fogareiro velho, faz o almoço para ele e sua filha Rebeca, que está brincando com uma faca na mesa mantendo a mão aberta e com a outra fincando a faca entre os dedos. Nota-se a destreza da menina com o instrumento no momento em que ela vai acelerando aqueles movimentos sem acertar os dedos com a faca.

João

– Eu ouvi passos de pessoas aqui perto ontem à noite. Você estava dormindo.

Rebeca

– E porque não me chamou?

João

– E fui atrás ver. Era um policial. E ele estava perdido. Tenho certeza que não deve ter ido longe.

Rebeca

– E ele viu nossa casa?

João Acácio olha admirado e surpreso para Rebeca. Admirado com sua coragem e audácia e surpreso com o quanto ela já está habituada e cada vez mais distante da antiga família.

João

– Muita cerração. Ele deve ter parado há quase um quilômetro e meio adiante. Não se aproximou.

Rebeca

– E se hoje ele se aproximar?

João

– Não vai...

Ele interrompe o que estava fazendo. Faz sinal para que a menina pare também e preste atenção.

João

– A polícia pode estar atrás de ti. Tenho certeza que seus pais...

Rebeca

– Eles não são meus pais!

João

– ...ok. Tenho certeza que eles deram queixa de você e agora a polícia está atrás.

Rebeca

– E o que vamos fazer?

João

– Você pode se entregar e voltar.

Rebeca

– Já disse que não.

João

– Ou então pode me ajudar a capturar este desgraçado.

Rebeca olha assustada para João Acácio.

João

– Ficou com medo?

Rebeca

– Não tenho medo...

A pequena Rebeca crava a faca na mesa e João Acácio novamente se surpreende com a audácia da menina.

Rebeca

– ...o que tenho que fazer?

Neste momento João Acácio vê que pode ter ganho uma forte aliada, alguém em quem ele possa confiar. Ele se levanta e senta ao lado da menina na mesa.

João

– Eu vou te explicar...

Floresta na região de Alcatraz

Desorientado, Demétrius continua vagando pela floresta sem rumo. Não encontrara seu companheiro Armando e até agora não encontrara o homem que estão à procura e muito menos o caminho para sair daquela mata fechada.

A neblina acalmou um pouco e o vento tornou-se mais forte. Demétrius também está com fome, com sono, todo arranhado, molhado e sujo. Ele chega no caminho de terra que leva até a cabana. Vê os rastros de pés pequenos e resolve segui-los.

Cambaleando ele se agarra ao tronco de uma árvore de frente para a cabana, quando a pequena Rebeca sai de dentro da mesma toda sorridente. Ela caminha na direção de Demétrius.

Rebeca

– Oi policial.

Com dificuldade, Demétrius estende o braço e acaricia os cabelos de Rebeca.

Demétrius

– Olá pequena. Que faz aqui sozinha?

Rebeca pega na mão do policial.

Rebeca

– Vem comigo...

Com seu pequeno dedinho indicador, ela aponta na direção da cabana..

Rebeca

– ...papai tá lá dentro. Ele vai te ajudar.

Demétrius parece não ter escolha à não ser aceitar a ajuda de Rebeca. Ela o puxa pela mão para a cabana. Para João Acácio. Para o plano maligno de pai e filha.

Na cabana

Tudo está escuro, exceto pela fraca luz amarelada de um lampião pendurado no teto. Rebeca, pelo lado de fora, empurra a porta que abre rangendo.

Rebeca

– Papai! Papai!

Demétrius fica assustado ao ver o lugar praticamente entregue à escuridão. Ele hesita em entrar.

Rebeca

– Pode entrar. Papai deve tá lá atrás cortando lenha.

João Acácio está parado do lado da porta segurando seu facão afiado. Ele sorri para Rebeca quando a menina entra.

Rebeca pára no meio da cabana e se vira para Demétrius que está parado na porta.

Rebeca

– Entra policial...

Demétrius dá um passo, dois passos, três passos e...

Rebeca

– Tchau policial!

Escuta-se o tilintar do facão no ar e o grito de dor do policial Demétrius, que cai no chão imundo da cabana. João Acácio se aproxima daquele corpo estendido e desfere vários golpes de facão na parte posterior, sob olhares curiosos e sanguinários da pequena Rebeca...

Residência da família Azir

Uma mão de unhas compridas e vermelhas pousa e aperta a campainha ao lado da porta. Alguns segundos se passam e se vê, pela janelinha, a sombra de uma mulher de véu se aproximando. A porta se abre e Adilah, com aquela cara de esperança, surge.

Adilah

– Detetive.

Carmen

– Senhora Adilah.

Gaitán está mais atrás de Carmen. Ele apenas a cumprimenta de cabeça e Adilah muda sua expressão ao ver os dois.

Adilah

– Notícias da nossa pequena?

Carmen baixa a cabeça. Gaitán se aproxima mais da porta.

Gaitán

– Podemos entrar?

Adilah fica tonta, se agarra na porta e também é segura por Gaitán para não cair no chão. Passos pesados são escutados se aproximando e logo Olavo aparece.

Olavo

– Adilah!

Ele a apóia pelas costas. Adilah o encara.

Adilah

– Nossa pequena...

Carmen

– Ainda não a encontramos...lamento. Mas vamos continuar com as buscas.

Adilah se desespera. Senta-se no chão chorando. Olavo se ajoelha e a consola. Gaitán e Carmen ficam sem reações parados na porta.

## Capítulo Oito

### Calmaria e Tempestade

Dois meses se passaram

### Delegacia Regional de Alcatraz

A nova delegacia de polícia de Alcatraz está instalada em um pavilhão antigo da cidade que estava desabilitado. As paredes de concreto e as salas com divisórias provisórias mostram que o local ainda não está 100%.

Em uma sala de 40 metros quadrados uma equipe técnica faz os últimos ajustes da instalação de linha telefônica e internet. Gaitán e Carmen estão sentados frente a frente em poltronas novas, que se contradizem com o lugar, divididos por uma mesa de mármore que os separa e que também se contradiz com o restante do local ainda sendo reformado. Em cima da mesa uma pilha de retratos de Rebeca em folha A4.

Carmen

– Vamos espalhar pelas cidades vizinhas também.

Gaitán

– Porra!

Gaitán bate com o punho cerrado sobre a mesa.

Gaitán

– Impossível que ninguém tenha visto essa menina por aí!

Carmen

– E o pior que as cobranças estão cada vez maiores.

Gaitán

– Eu sei, eu sei. É Olavo e sua esposa, é a imprensa, é a população achando que nunca fizemos nosso trabalho...

Carmen

– Temos que reconhecer que deixamos a desejar...nem o maldito encontramos.

Gaitán sorri enquanto se levanta dando lugar para um dos técnicos passar um fio de linha telefônica.

Gaitán

– E nada me faz pensar que este desgraçado não tenha algo a ver com o sumiço de Rebeca.

Carmen

– Mas ela fugiu de livre e espontânea vontade. Vimos pelas câmeras.

Gaitán

– Detetive Carmen...ok, fugiu de casa por vontade própria, mas dali um, dois, três dias no máximo seria encontrada. Impossível uma menina de dez anos desaparecer assim sem ter tido a ajuda de alguém.

Carmen fica pensativa. Gaitán pega a carteira de cigarro do bolso do paletó e retira um.

Gaitán

– E ainda tem o corpo do policial Demétrius encontrado em uma vala na beira da rodovia.

Carmen

– E o fato do seu companheiro Armando não conseguir ter uma explicação plausível para o ocorrido e hoje estar internado como um louco.

Gaitán acende o cigarro, dá uma tragada expelindo a fumaça pela sala.

Gaitán

– Pois é detetive. Me sinto com pés e mãos atadas.

Carmen

– Eu lhe disse. Lá no fundo a imprensa e a população estão no seu direito de cobrar. Estamos falhando.

Gaitán observa os técnicos fazerem os últimos ajustes nos cabos. Seu celular no bolso da calça toca uma, duas, três vezes. Ele larga o cigarro no cinzeiro em cima da mesa e o atende.

Gaitán

– Pronto!

Após alguns segundos.

Gaitán

– Delegado Monteiro...quanto tempo...só um minuto delegado.

Gaitán tira o celular do ouvido.

Gaitán

– Detetive, preciso atender o delegado Monteiro. Acho que teremos uma pequena ajuda nos nossos casos.

Gaitán retira-se da sala enquanto Carmen fica observando o serviço dos técnicos.

Mais tarde...

...em algum quarto de hotel barato

Gaitán, de cuecas e sem camisa, fuma um cigarro sentado com as costas apoiadas na cabeceira da cama. Lençóis bagunçados, roupas jogadas pelo chão e o barulho da água caindo do chuveiro no banheiro logo em frente.

O chuveiro é desligado e, em questão de segundos, Bia aparece saindo do banheiro enrolada em uma toalha. Cabelos molhados e olhar sacana para Gaitán, que fica a lhe observar.

Bia vai até a janela e abre as cortinas deixando a luz tímida do sol da manhã entrar. Ela suspira olhando as flores de umas árvores em frente à janela.

Bia

– Adoro a primavera...

Bia abre a janela, fecha os olhos e um sorriso toma conta do seu rosto.

Bia

– ...sente este cheirinho de flores, hummmm.

Gaitán larga o cigarro no cinzeiro sobre o criado – mudo e calmamente levanta e vai na direção de Bia. Coloca ambas as mãos em volta de sua cintura e a abraça cheirando seu pescoço.

Bia, com o mesmo sorriso, se vira ficando de frente para ele, com o rosto bem colado no seu olhando em seus olhos.

Bia

– Por mim ficaria aqui o resto do dia.

Gaitán sorri enquanto acaricia seus cabelos úmidos do banho.

Bia

– Claro né meu bem. Eu tô lhe pagando.

Bia muda sua expressão. Se afasta de Gaitán e cruza os braços fazendo cara de braba.

Bia

– Você realmente não acredita em mim né? Acha que só sou uma vadia e que não tenho sentimentos?

Gaitán

– Ora Bia. Tantos meses e você ainda trabalha na mesma rua, atendendo sei lá quantos por noite...

Bia

– Isso porque você não quer me assumir.

Gaitán ri das palavras da jovem. Se vira e vai pegar novamente seu cigarro. Bia o puxa pelo braço. Torna-se carinhosa e sensual novamente.

Bia

– Já te disse Gaitán. Me assume para todos e eu largo essa vida.

Gaitán cede à aproximação de Bia. À puxa para bem perto de si. Olha aquela mulher bem ali na sua frente, aquele corpo, aquela rosto angelical, aquele sorriso sacana, aquela boca sensual, e a beija fervorosamente.

Após um longo beijo quente, Gaitán afasta sua boca da dela e fica olhando em seus olhos.

Bia

– Isso foi um sim?

Gaitán sorri. Coloca sua mão pelo pescoço dela até atrás e a puxa pelos cabelos.

Gaitán

– Já disse que tu não presta né?

Bia gosta da atitude de Gaitán. Sorri com aquele seu olhar sacana. Ele a puxa pelo cabelo e a empurra para a cama. Ela deita e se desfaz da toalha que cobre seu corpo e o chama fazendo sinal com o dedo indicador enquanto mordisca seus lábios. Gaitán cede àquele chamado e vai para cama ao mesmo tempo em que um pássaro pousa no galho da árvore do lado de fora cantando e testemunhando aquela cena.

Residência da família Sanchez – quarto

A detetive Carmen Sanchez, de camisola transparente, desperta com a cabeça deitada no peito nú de Jairo. Sorriso nos lábios, ela inclina a cabeça para lhe olhar. Ele ainda dorme, então, com cuidado, ela acaricia seu rosto e pensa consigo mesma: “que sorte a minha tê-lo ao meu lado”. Afinal, depois de ter lhe contado toda a verdade, a relação melhorou muito. Jairo ainda tem o sonho de ter um filho, mas agora entende o lado de Carmen e a conforta e entende.

Jairo abre os olhos e a primeira imagem que vê é o sorriso de Carmen ali lhe encarando. Sente o toque sutil de sua mão lhe acariciando o rosto e fecha os olhos eternizando aquele momento.

Carmen

– Bom dia meu amor!

Jairo

– Bom dia...

Ele coloca sua mão sobre a mão dela que está em sua face.

Jairo

– ...faz tempo que está acordada me olhando?

Carmen

– Não muito.

Carmen inclina um pouco mais a cabeça e dá um selinho em seu marido.

Carmen

– Estava lhe admirando. E pensando o quanto tenho sorte em ter você do meu lado. Acho que não fosse teu apoio eu já teria enlouquecido.

Jairo

– Eu prometi que sempre estaria ao seu lado. Só estou fazendo o que prometi lá atrás.

Carmen

– Eu sei...

Carmen baixa a cabeça. Passa o dedo sobre o peito nú do marido.

Carmen

– ...mas e o teu sonho de ter um filho? Você vai procurar outra para isso?

Jairo

– De onde você tirou essa ideia?

Carmen

– Eu só achei...

Jairo acalenta a esposa com um afago em seu cabelo.

Jairo

– Então pare de achar coisas...

Ele ergue a cabeça de Carmen colocando seu dedo sobre o queixo dela.

Jairo

– Olha pra mim. Sabe agora que tem todo meu apoio. Que vamos achar uma solução pra tudo. Nossos problemas, os teus problemas no trabalho...tudo se resolverá...ok?

Carmen Sanchez sorri encarando a lealdade do seu marido. Mais uma vez sente o quanto é amada e o quanto pode ter o apoio que necessita ali naqueles braços, naquele olhar, naquelas palavras.

Carmen

– O trabalho também está sendo complicado. Estamos falhando. Eu falhei, meu amor...eu não podia falhar.

Jairo

– Calma, você vai dar um jeito.

Carmen

– Eu não sei...como disse o Gaitán: estamos de pés e mãos atadas...

Carmen ameaça chorar e é confortada por Jairo que a abraça forte.

Carmen

– ...aquela pobre criança...não fomos capazes de encontrar. Será que ela tá viva?

Jairo

– Tenha fé meu amor. As coisas vão se ajeitar. É só uma fase ruim.

Jairo à mantém em seus braços. Carmen desanda a chorar.

Final da tarde

Já passavam das 17h30min quando a detetive Carmen Sanchez desce as escadas para dirigir-se até o seu carro estacionado em frente ao pavilhão da delegacia. Ela é surpreendida por um chamado ofegante de um homem de meia idade, abrigo embarrado e blusa rasgada.

Homem

– Moça, moça!

Em um primeiro momento Carmen achou se tratar de um mendigo qualquer, mas quando viu seu rosto assustado, notou que seria algo de maior relevância.

Homem

– Desculpa se te assustei, moça.

O homem respira fundo recuperando o ar.

Carmen, mesmo assustada, nota que não há maldade.

Carmen

– Tudo bem...se acalme...e aí me conta o que houve.

Carmen o ajuda à sentar-se no degrau da escada.

Homem

– Obrigado moça.

Carmen

– Ok...quer me contar o que houve? Quer entrar pra gente conversar?

O homem olha para trás e vê a placa indicando delegacia.

Homem

– Você trabalha na delegacia?

Carmen estende a mão.

Carmen

– Detetive Carmen Sanchez.

O homem receia por alguns segundos e depois estende a mão para a detetive.

Homem

– Arturo Ribeiro... acho que esbarrei na pessoa certa.

Carmen

– Ok Arturo. Vamos entrar que acho que é melhor do que ficar conversando aqui na rua.

Carmen o ajuda à levantar. Ela dá uma olhada na rua ao redor e o encaminha para dentro da delegacia.

Sala de Interrogatório da Nova Delegacia de Alcatraz

Carmen Sanchez abre a porta de ferro e se depara com uma sala de 25 metros quadrados, quase claustrofóbica. Nem ela tinha se dado conta o quanto aquela sala era ruim de ficar. Ela faz uma cara de nojo ao entrar. Pára do lado de dentro e faz sinal para Arturo entrar e se acomodar. Nota que ele também se sente mal ali dentro e tenta amenizar a situação com um sorriso simpático no rosto.

Carmen

– Nos desculpe o lugar desajeitado pra essas coisas, mas ainda estamos nos reorganizando por aqui.

Arturo apenas consente que sim com a cabeça. Ainda está apavorado com o que quer que tenha presenciado há algumas horas.

Carmen

– Pode se sentar.

Arturo observa mais uma vez mais o lugar e caminha para a cadeira de ferro com estofado azul em frente à uma mesa de mármore escura, que Carmen lhe indicou. A detetive fecha a porta da sala e já se dirigia para o outro lado da mesa, quando volta para deixar a porta entreaberta, ou nem ela ia aguentar ficar ali. “Precisava de uma janela, ou no mínimo pôr um ar condicionado aqui”, pensa ela enquanto vai para a cadeira do outro lado.

Carmen se acomoda na cadeira de frente para Arturo.

Carmen

– Então Arturo...

Arturo levanta a mão interrompendo-a.

Carmen

– ...diga.

Arturo

– Teria um copo d’água, por favor?

Carmen

– Claro...claro. Já vou ligar pedindo que tragam.

Carmen observa o telefone em cima da mesa. Olha os fios e nota que está tudo em ordem. Aos poucos o lugar vai se adequando as necessidades. Retira o fone do gancho e disca.

Carmen

– Policial James? Poderia trazer um copo d’água aqui na sala de Interrogatório, por favor...ou melhor, dois. Dois copos d’água.

Carmen desliga o telefone.

Carmen

– Pronto. Já vão trazer!

Arturo ainda está muito assustado. Se não tomar uma água não conseguirá abrir a boca e contar tudo o que precisa. Ele fica em silêncio. Carmen o observa.

Carmen

– Precisa de uma água pra se acalmar né?

Arturo assente que sim com a cabeça.

Carmen põe a mão no telefone para ligar novamente quando o policial James, um homem loiro de 30 e poucos anos, entra trazendo os dois copos d’água pedidos.

James larga os copos sobre a mesa e se retira.

Carmen

– Obrigada policial.

Arturo, com a mão ainda um pouco trêmula, pega o copo sobre a mesa e toma um gole grande da sua água. Larga-o novamente na mesa.

Carmen

– Mais calmo agora?

Carmen pega seu copo, toma um gole e larga-o novamente.

Carmen

– Aqui estás seguro. Pode me falar tudo o que tem pra falar.

Arturo fica pensativo por alguns instantes, talvez imaginando como começar.

Arturo

– Eu saí pra correr na floresta como sempre faço no mínimo três vezes na semana...

Carmen

– Correr na floresta?

Arturo

– Sim. Adoro correr. Eu faço o percurso do caminho de terra. Dá uns 12, 13 km até o riacho...

Carmen

– Certo...e?

Arturo

– Só que desta vez não foi como das outras vezes.

Carmen

– Aconteceu algo contigo na floresta? Sempre esta maldita floresta! Tudo o que acontece em Alcatraz, a floresta tá no meio...

Arturo

– Nossa floresta sempre foi um lugar seguro, detetive...

Carmen ergue o crachá pendurado no pescoço com o seu nome.

Carmen

– Carmen. Detetive Carmen Sanchez.

Arturo

– Certo. Como ia dizendo, nossa floresta sempre foi um lugar seguro, detetive Carmen. Quando eu era criança costumava ir brincar lá com meus irmãos...

Carmen

– Os tempos mudam não é mesmo?

Arturo

– Mudam, detetive Carmen. E se tornam sombrios.

Carmen

– Segue Arturo.

Arturo toma mais um gole de água. Nitidamente está mais calmo.

Arturo

– Eu corri e como ainda estava com fôlego, fui um pouco mais do que costumava ir, seguindo sempre pelo caminho de terra. Aí me deparei com uma cabana. Uma cabana que nunca tinha visto. Acho que quando criança nunca tinha ido até aquele ponto, ou ela foi construída depois.

Carmen fica surpresa com a informação. Se inclina sobre a mesa.

Carmen

– Uma cabana? Que tipo de cabana?

Arturo

– Uma cabana de tábuas largas. Duas janelas grandes na frente com a porta no meio. Mas tudo caindo aos pedaços.

Carmen

– E acredito que esteja abandonada, esta cabana?

Arturo

– Eu não confiaria muito nisso não detetive. Por fora tá caindo aos pedaços...mas dentro parecia habitável.

Carmen se recosta para trás.

Carmen

– Por dentro? Você entrou?

Floresta na região de Alcatraz

Arturo, com fones no ouvido, abrigo de moletom e blusa térmica, corre pelo caminho de terra no meio da floresta. Distraído, ele quase não vê onde está e quando se dá conta, fica espantado diante daquela cabana. Ele sempre correu por aquela floresta, mas nunca tinha chegado naquele lugar. Nunca tinha visto aquela cabana. Ele tira os fones do ouvido largando-os sobre os ombros.

Arturo olha para os lados. Tudo está em total silêncio. Nem canto de pássaros, nem barulho do vento, nem barulho da correnteza do riacho mais adiante... absolutamente nada. Ele, à passos lentos e cuidadosos, caminha na direção da cabana.

Sala de Interrogatório da Nova Delegacia de Alcatraz

Arturo

– Então encontrei a porta daquela cabana aberta...e entrei...e me deparei com cabeças de animais decepados, correias enferrujadas e...

A detetive Carmen Sanchez lhe empurra o copo d'água na sua direção. Arturo, novamente com a mão trêmula, pega o copo e toma mais um gole de água.

Arturo

– ...eu juro que vi a cabeça de uma mulher pendurada na parede no meio das cabeças de dois veados...

Carmen está espantada.

Carmen

– A cabeça de uma mulher, Arturo? Tem certeza? Não estava apenas muito admirado com tudo?

Arturo

– Eu sei o que eu vi...era uma mulher...

Carmen pega uma caneta do bolso do seu casaco e um pedaço de papel em uma gaveta da mesa.

Carmen

– E como era essa mulher, Arturo?

Floresta na região de Alcatraz – cabana

Arturo está parado no meio da cabana olhando espantado para a cabeça daquela mulher pendurada na parede no meio das cabeças de dois veados. Uma mulher loira de cabelos cacheados manchados de sangue, olhos arregalados e esverdeados olhando na sua direção, lábios carnudos e com um pequeno corte no canto e nariz levemente arrebicado e deslocado para a esquerda, provavelmente quebrado. Sua pele pálida denota de vários dias já ali.

Escuta-se um barulho de passos no lado de fora e duas vozes distintas. A primeira mais grossa e de poucas palavras, bem provável que à de João Acácio e a outra suave e aguda, a voz da pequena Rebeca. Mas Arturo não teve tempo de distinguir estas vozes. Ao ouvi-las, ele olha assustado para a porta aberta, olha para uma pequena janela fechada na lateral e corre até ela. Ele faz força para abrir o vidro que tranca na metade devido às madeiras tortas. Ele se contorce e salta para o lado de fora e fica agachado para não fazer barulho, pois João e Rebeca acabam de entrar na cabana.

Sala de Interrogatório da Nova Delegacia de Alcatraz

Arturo

– E eu fiquei ali sem dar nenhum pio, porque eles estavam ali. Eu não consegui vê-los, mas tive a clareza de que era uma voz masculina e uma voz feminina mais nova.

Carmen

– Voz feminina mais nova...como de uma criança? E o que eles disseram?

Arturo

– Eu não sei. Estava assustado demais...ele perguntou se ela tinha deixado a porta aberta. Ela disse que não lembrava, então ele a xingou. Mas aí eles foram pro fundo, acho que pro quarto e eu fugi...

A detetive Carmen Sanchez observa Arturo na sua frente. Faz sinal para ele tomar mais uma água. Nota sua blusa rasgada na lateral e no ombro.

Carmen

– Como rasgou a blusa?

Arturo toma um gole de água. Larga o copo.

Arturo

– Eu não voltei pelo caminho de terra. Corri no meio da floresta, me enrosquei nos galhos. Só notei que tinha rasgado quando cheguei na cidade.

Carmen não fala nada. Fica lhe observando. Depois olha suas anotações no rascunho.

Carmen

– Tem para onde ir? Mora aqui perto Arturo?

Arturo

– Na rua 15, detetive.

Carmen

– Longe daqui...vou pedir pra organizarem uma cela e você pode dormir aqui esta noite. Vai ser mais seguro.

Carmen tira o telefone do gancho e disca. Em poucos segundos é atendida.

Carmen

– Policial James, organiza uma cama numa cela. Deixa travesseiro e coberta...e chama o doutor Gaitán aqui por favor. E, depois me traga o relatório das pessoas desaparecidas da região nos últimos dois anos.

Carmen desliga o telefone. Na sua frente, Arturo termina de tomar sua água. Claramente, necessita de um banho e uma noite tranquila de sono.

Carmen

– Vai ficar tudo bem Arturo. Aqui é seguro.

Floresta na região de Alcatraz

Um porco selvagem sai de trás de uma moita. Ele parece assustado. Desconfiado, olha para os lados até fixar o olhar em uma única direção.

João Acácio, camisa flanelada, calças jeans rasgada, botas de cano alto e seu chapéu, se posiciona atrás da pequena Rebeca, que também está usando um chapéu e segura um arco direcionado para aquele animal. João se inclina próximo da menina.

João

– Se concentra. Estica a corda do arco. Faz a mira.

Ele nota a tensão da menina que está tremendo.

João

– Se continuar esta tremedeira o tiro vai sair pela culatra.

Com suas mãos enrugadas e sujas, ele ajuda Rebeca a posicionar melhor o arco.

João

– A primeira vez não é fácil. Mas depois você se acostuma.

Rebeca

– Mas ele é só...

João Acácio põe seu dedo indicador sobre a boca da menina.

João

– Shiiiiiii!

Ele retira o dedo da boca dela e volta a ajeitar o arco.

João

– Silêncio absoluto pra ele não escapar.

João Acácio ergue seu corpo, cruza os braços e fica observando a concentração de Rebeca.

João

– Concentra...concentra. Mira com cuidado...Mira com precisão...Trabalha a respiração.

Rebeca está assustada. Através da mira do arco ela cuida a aflição do animal lhe encarando. Ela fecha os olhos.

João

– Não feche os olhos!

Imediatamente, Rebeca abre os olhos. Em um ato de coragem, ela puxa e solta. A flecha sai certa e só se ouve o lamento do animal.

João

– Bravo, menina! Bravo!

João Acácio retira o facão da cintura e vai aonde o porco selvagem caiu. Se ajoelha na sua frente e ergue o facão para o alto, descendo certo, sob olhares da pequena Rebeca.

Um pouco mais tarde...

João Acácio e sua filha Rebeca estão sentados em volta de uma fogueira, onde o animal caçado está sendo assado em um pedaço de pau pontiagudo.

João Acácio retira o pau pontiagudo de perto da fogueira. Com seu facão, corta um pedaço de carne e entrega para a menina. Corta um pedaço para si e devolve o pau pontiagudo com a carne ao fogo. Encara Rebeca, que está saboreando aquele pedaço de carne com as mãos.

João

– Carne da sua primeira caça. Tá boa?

Rebeca mastiga um pedaço e assente que a sim com a cabeça.

Rebeca

– Gostei de atirar. Gostei de matar.

João Acácio sorri aquele seu sorriso amarelado enquanto morde com vontade o seu pedaço de carne.

João

– Este é só o começo minha filha...só o começo...

Estação Rodoviária de Alcatraz – tarde da noite

O silêncio reina absoluto naquela noite agradável em Alcatraz. Os guichês da rodoviária já haviam fechado às 22h00min e agora só se faziam presentes por ali algumas pessoas que aguardam amigos e familiares que chegarão nos últimos ônibus entre 23h30min e 00h00min e alguns moradores de rua que se acolhem nos gelados bancos da estação.

Olavo Azir, com suas vestimentas muçulmanas, sobe as escadas que levam ao local de embarques e desembarques. Caminha por entre àqueles moradores de rua deitados nos bancos ou perambulando enrolados em cobertores em busca de restos de comidas pelas lixeiras, até encontrar um banco vazio em frente ao box de embarque e desembarque número 04. Senta-se e ali fica, de cabeça baixa e mãos cruzadas sobre as pernas batucando com os dedos uns nos outros, como se esperasse ansioso por algo ou alguém.

Escuta-se o ronco do motor de um ônibus entrando pela cancela de entrada da estação rodoviária. Olavo ergue a cabeça para ver melhor. Os moradores de rua já se atijam, pois sabem que descerá passageiros e é chance de algum deles darem alguns trocados para eles.

Olavo se levanta e fica aguardando o ônibus que se aproxima do box 04. Quando o ônibus faz a curva, seus faróis iluminam o local e pode se ver nitidamente, o mal cuidado do lugar.

O ônibus estaciona. Faróis desligados. A porta se abre e o motorista, um senhor baixinho e gordo, sai e fica recebendo os tickets de saída dos passageiros que começam a descer. Olavo está mais atrás, ansioso esperando.

Olavo Azir está inquieto. Será que quem ele espera não veio? Todas àquelas pessoas desembarcam e ainda nada de quem ele espera. Sua expressão é de apreensão. Quando, de repente, um sorriso largo toma conta do seu rosto e ele suspira aliviado. O motorista pega o ticket do último passageiro, um sujeito magro e alto, de barba rala e as mesmas vestimentas muçulmanas. O sujeito é Mohammed Mc’Allister, um irlandês de pais árabes, muito amigo de Olavo e que atualmente vive em Dublin, onde coordena uma loja de artigos muçulmanos dos seus pais e, estrategicamente, tem um armazenamento de armas bélicas, as quais distribui para diversos lugares do mundo. Ele também sorri quando vê Olavo e se aproxima dele.

Olavo

– Salaam Aleikum!

Mohammed

– Alaikum As-Salaam!

Olavo

– Quanto tempo meu amigo. Como vão as coisas em Dublin? E os negócios?

Mohammed

– Tudo em ordem. Graças à Alá!

Os dois caminham lado a lado em direção das escadas para descer ao andar inferior.

Olavo

– Meu carro está no estacionamento lá embaixo. Fica em nossa casa esta noite.

Mohammed

– Agradeço a hospitalidade meu amigo.

Os dois começam a descer as escadas.

Olavo

– E minha encomenda?

Mohammed

– Está vindo na embarcação direto do porto. Chega perto do meio dia no rio que atravessa a floresta. Eu quis vir antes pra esperar contigo.

Olavo pára no meio da escada. Põe a mão no bolso de sua roupa e retira um envelope entregando-o para Mohammed.

Olavo

– Aqui está o pagamento. Prefiro te entregar aqui. Adilah não pode saber de nada.

Mohammed

– Tem certeza do que vai fazer meu amigo?

Mohammed pega o envelope e o guarda.

Olavo

– Como te disse no e-mail...eu sei que Gaitán e sua detetive podem se doar mais no caso e encontrar minha filha. Já cobramos deles...

Os dois continuam descendo as escadas lado a lado.

Olavo

– ...Adilah disse que entende que eles estão fazendo o possível, mas eu sei que não. Então, este é o motivo de Adilah não poder descobrir o que vou fazer.

Mohammed

– Mas é bastante arriscado o que vai fazer. Tem certeza que é o melhor caminho?

Olavo

– Ora, meu amigo...a última vez que cobreí deles, não senti firmeza em querer resolver o caso. E você sabe como fui criado. Se não querem me ajudar, que não me atrapalhem.

Os dois atravessam o estacionamento vazio e escuro até o carro de Olavo. Ao chegarem, Olavo olha por cima do carro para Mohammed do outro lado.

Olavo

– Sempre fui muito bom com todos meu amigo. Até mexerem com quem eu gosto. Agora vou destruir quem não quer ajudar e acha que somos um estorvo para eles aqui em Alcatraz.

Olavo desliga o alarme do veículo destrancando as portas e ambos entram no carro.

## Capítulo Nove

### Promessa é dívida

Floresta na região de Alcatraz

O machado velho corta o ar de cima para baixo e cai dividindo ao meio um pedaço de tronco, fazendo alguns pássaros ao redor se assustarem e lançarem vôo rumo aos céus passando pelo topo das árvores. João Acácio limpa o suor da testa na manga da camisa flanelada. Ao seu lado uma pilha de lenha já cortada.

Rebeca aparece na porta da cabana usando uma calça jeans toda suja e rasgada e uma blusa velha também toda suja. Ela leva consigo uma garrafa térmica e uma xícara. João Acácio vê a menina se aproximando e joga o machado ao lado da pilha de lenhas.

João

– Já tomou o seu café?

Rebeca

– Sim. E trouxe o teu.

Rebeca serve na xícara o café da garrafa e entrega para o pai, que pega e se senta sobre um tronco.

João

– Senta aí então minha filha.

Rebeca larga a garrafa em um canto e se senta em outro tronco de árvore.

João

– Eu tenho uma coisa pra te contar...acho que já é hora...na verdade, se trata de uma busca e um serviço que teremos que fazer.

Rebeca

– Já disse que pode contar comigo. Que agora vou ficar aqui com o senhor.

João Acácio sorri, pois nem em seus mais delirantes sonhos, sonhou que seria chamado e tratado assim como a pequena Rebeca faz. Ele toma um gole do café.

João

– Um ótimo café. Parabéns.

Rebeca sorri.

Rebeca

– Obrigado. Na verdade sempre via minha m...

A menina interrompe sua fala e baixa a cabeça.

Rebeca

– ...sempre via Adilah fazendo o café e aprendi.

João

– Você não sente falta de viver com eles? Afinal lá você tinha tudo que precisava e queria. E aqui comigo, o que você tem? Nada...

Rebeca

– Não sinto falta. Não me sentia bem. Eles não são meus pais!

João Acácio toma mais um gole do seu café e Rebeca fica lhe olhando.

Rebeca

– O que tinha pra me contar? Quero fazer mais serviços daqueles...

João admira a menina à sua frente. Está se tornando uma ótima aprendiz. Dedicada, sagaz, esperta e o mais importante, segundo ele: tem sede de sangue, tem sede por matar.

João

– Você gostou?

Rebeca

– Sim. No começo tive medo. Mas...tudo mudou depois que matei o porco. Não senti pena. Se tu deixasse eu tinha aberto ele com a faca.

João

– Calma, calma. Uma coisa de cada vez...

João Acácio retira uma faca pequena que carrega consigo no bolso.

João

– Somos uma dupla agora. E podemos fazer o que quiser. Nossa lugar é na floresta. Nossa casa é a cabana. E ninguém vai ousar chegar aqui...e se chegar...

Rebeca

– A gente mostra quem manda aqui e manda a pessoa pro quinto dos infernos...

João Acácio, espantado com as palavras da menina, sorri satisfeito.

João

– Vou fazer nossas iniciais aqui e todo mundo que passar por aqui em anos vai saber que este lugar tem dono.

João Acácio crava a faca no tronco de uma árvore grande. Ele faz um J. e embaixo faz um R.

João

– Pronto! O lugar tem nossa marca.

Rebeca admira satisfeita.

João Acácio guarda a faca novamente no seu bolso. Toma mais um gole do café.

João

– Teu pai aqui esteve preso já...e não é que eu me orgulhe disso, mas lá eu aprendi muito...mas também sofri. E quem me colocou lá tem que pagar...

Rebeca

– Foi a polícia? Foi aquele policial que você matou na cabana?

João balança a cabeça negativamente.

João

– Quem me colocou lá foi a detetive Carmen Sanchez...já ouviu falar dela?

Rebeca olha pro alto pensativa.

Rebeca

– Meu p...

Ela pára de falar.

Rebeca

– Desculpa. O Olavo falava de uma Carmen sim. Deixa eu lembrar...

A menina pensa um pouco.

Rebeca

– Lembrei! Ele dizia que ela era uma ótima detetive. Acho que ele conhecia ela. Mas eu nunca vi.

João

– Ela me colocou na cadeia. E nunca deu uma chance de me defender...e, te digo, minha filha...foram anos difíceis.

Rebeca

– E agora...que tu vai fazer?

João

– O que nós vamos fazer...porque agora tenho alguém do meu lado. Tu vai me ajudar...

João balança a xícara de café.

Rebeca

– Mais café?

João

– Não...não precisa.

João toma um último gole daquela xícara de café.

João

– Eu prometi pra ela que eu ia atrás dela ou da família dela. Que ela ia pagar por me jogar atrás das grades...e acho que chegou a hora.

Dá pra se ver o brilho no olhar da pequena Rebeca. Em pouco tempo, João Acácio conseguiu transformar a cabecinha daquela menina. Conseguiu uma aliada que nunca vai lhe abandonar.

Há algum tempo atrás

João Acácio, com o rosto desfigurado de um lado, cabelos desgrenhados e barba por fazer, está atrás das grades de uma prisão com ambas as mãos agarradas nas mesmas.

João

– ... será a vez da sua vida virar um inferno...

João Acácio começa a gargalhar assustadoramente até se sumir na penumbra da cela.

Floresta na região de Alcatraz – beira do rio

Já é quase meio dia. O sol ilumina a floresta e aquece as águas do rio que corta Alcatraz. Seu Olavo, nas suas vestimentas muçulmanas tradicionais, se agacha diante do rio e põe sua mão na água balançando suavemente de um lado para o outro, fazendo pequenas ondas se formarem.

Olavo

– Veja a calmaria destas águas Mohammed.

Seu amigo Mohammed Mc’Allister está ao seu lado, com as vestimentas muçulmanas e uma jaqueta preta de gola alta por cima. Ele olha a imensidão do rio adiante.

Mohammed

– Fazia tempo que não vinha aqui. Acho que a única vez foi quando você se mudou pra cá mesmo...ahhh, não. Vim uma outra vez, de passagem, lembra? Quando estava indo pra Buenos Aires fazer uma entrega.

Olavo se levanta ficando de pé ao lado do amigo.

Olavo

– Lembro sim.

Olavo olha pra Mohammed, põe a mão na cintura e sorri.

Olavo

– Como esquecer? Foi nesta passagem que me trouxe este brinquedinho automático aqui. Desde então, ele me acompanha em todos os lugares.

Mohammed

– Uma Browning Hi-Power semi – automática de ação simples. Calibre 9mm. 13 tiros no carregador, o dobro dos projetos mais contemporâneos...muito eficiente para o dia a dia.

Olavo sorri novamente.

Olavo

– Minha companheira inseparável.

Escuta-se o barulho do motor de um barco ao longe e se nota que as águas calmas começam a se agitarem. Mohammed fecha os olhos e suspira fundo e depois abre os olhos esfregando a mão uma na outra.

Mohammed

– Hora da entrega. Anos de serviços me ensinaram que precisamos ser práticos e rápidos nestas horas.

Ele olha para a floresta ao redor.

Mohammed

– Principalmente em um lugar destes. Esta floresta não me passa segurança.

A embarcação surge na curva do rio. É uma embarcação clandestina simples, que foi contratada por Mohammed para fazer a entrega das armas e bombas encomendadas por Olavo Azir.

Mohammed e Olavo ficam lado a lado de braços cruzados observando a embarcação se aproximar. Nota-se que a tripulação é composta de quatro homens mal encarados, que estão todos mal vestidos e sujos.

Olavo

– Confia neles?

Mohammed

– Sempre os contrato quando alguma mercadoria precisa passar pelo país. Conhecidos como os “Piratas das Armas”. Conhecem os atalhos como ninguém. Pra algo secreto, nada melhor do que eles.

O silêncio é quebrado pelo barulho do barco que chega na beira do rio. Mohammed se aproxima mais da embarcação.

Mohammed

– Comandante Philip...

Mohammed olha a hora.

Mohammed

– ...sempre pontual.

Os dois se cumprimentam com um aperto de mão.

Mohammed

– Olavo Azir. Nosso cliente.

Olavo

– Bom dia comandante.

Philip

– Bom dia.

Mohammed

– Bom, honras feitas. Agora vamos ao trabalho.

O comandante Philip, na beirada do barco, encara a floresta.

Philip

– É seguro?

Mohammed

– Também desconfio. Mas fique tranquilo. Vamos ser rápidos.

O comandante Philip faz sinal para seus três homens desembarcarem as caixas com as mercadorias. Prontamente, eles atendem o pedido.

Olavo olha para a floresta e dá um leve assovio. Em questão de segundos, dois homens altos e fortes aparecem.

Olavo

– As caixas. Podem levar direto para o caminhão.

Os dois homens de Olavo recebem as caixas dos homens do comandante Philip. São caixas pequenas mas pesadas. Cada um deles passa por Olavo, Mohammed e Philip, carregando uma caixa. Adentram a floresta por um caminho de terra e somem de vista.

Philip

– Cinco caixas. Carregadas com armamento de primeira. Coquetéis, bombas, armas automáticas de pequeno porte, AK's 47...tudo aí.

Mohammed olha para Olavo.

Mohammed

– Viu meu amigo? Tudo aí...

Olavo assente positivamente com a cabeça. Os seus homens de confiança retornam pelo caminho de terra para buscar as outras caixas.

O comandante Philip encara novamente aquela floresta ao redor. Se aproxima um pouco mais de Mohammed e de Olavo.

Philip

– Vocês sabem o porquê da minha preocupação com essa floresta?

Mohammed

– Fica tranquilo. Também me preocupo, mas o pior já passou. Tomamos cuidado.

Philip

– Te entendo parceiro. Mas tu não teve a irmã desaparecida nesta floresta...

Mohammed e Olavo olham espantados para Philip.

Philip

– Há pouco tempo fizemos uma entrega de drogas aqui na região. Lorena veio comigo e, enquanto entregamos ela ficou na cidade com uma amiga...resolveram dar uma volta nesta maldita floresta...resumindo: sua amiga foi encontrada esquarterada e, minha irmã, nunca foi encontrada...

Olavo

– A polícia local sabe? Fez buscas?

Philip

– A polícia local, a polícia da capital...ninguém fez nada...

Olavo encara Mohammed.

Olavo

– Entende minha revolta, meu amigo?

Mohammed faz sinal de positivo. Os homens de Olavo retornam novamente e param um pouco mais atrás.

Philip

– Bom, acho que finalizamos por aqui.

Philip estende a mão se despedindo de Mohammed e depois de Olavo e segue de volta ao barco.

Mohammed

– O dinheiro estará na sua conta logo cedo, meu amigo.

O comandante Philip acena com a mão enquanto a embarcação começa se afastar pelas águas do rio.

Delegacia Regional de Alcatraz – sala restrita

A detetive Carmen Sanchez está sentada diante de uma mesa com uma grande quantidade de retratos espalhados sobre a mesma.

Carmen

– Droga. Nenhum sumiço bate com o que Arturo descreveu.

Ela fica olhando os vários retratos. Todos de pessoas desaparecidas na região nos últimos dois anos e meio.

Carmen bate o olho sobre uma fotografia em meio à tantas. Uma mulher loira, que as feições batem com as descrições que Arturo fez da cabeça encontrada na cabana. Ela pega a fotografia em mãos.

Carmen

– Só pode ser!

Carmen vira a foto. Atrás estão algumas informações sobre a mesma.

Carmen

– Lorena Arantes. 27 anos quando desapareceu. Um ano e meio do seu desaparecimento. Caso arquivado. Corpo nunca encontrado.

Carmen vira e olha a foto daquela mulher linda e cheio de vida, toda sorridente.

Carmen

– Droga! É ela!

Carmen pensa consigo mesma: “Arturo não estava inventando nada! Ele realmente viu a cabeça de uma mulher pendurada naquela cabana”. E agora as peças começam a se encaixarem. Carmen repara que aquela floresta esconde algo maligno. Que aquela cabana realmente existe. Que talvez o homem que ela prendeu em flagrante no passado pode estar mais perto do que ela pensa e que a pequena Rebeca pode ter sido vítima nesta história toda. Um filme passa na sua cabeça. Ela pega o telefone e disca.

Carmen

– Gaitán... Preciso falar contigo urgente.

Nova Delegacia de Alcatraz

O Maverick de Gaitán estaciona em frente ao pavilhão da delegacia. Gaitán desce do carro falando ao telefone. Ele usa uma calça social preta, camisa social branca e terno preto.

Gaitán

– Já estou chegando, detetive. Acabei de descer do carro.

Ele desliga o telefone e guarda-o no bolso da calça. Liga o alarme do carro e dirige-se às escadas que levam até a entrada da delegacia.

Um táxi freia bruscamente parando há alguns metros atrás do Maverick de Gaitán.

No interior do táxi estão o motorista, que é um senhor mais velho e Bia no banco de trás, visivelmente bêbada e drogada. Usa uma miniblusa preta com uma caveira toda, uma saia justa de couro, botas de cano alto e está com uma maquiagem pesada e toda borrada. Ela abre a bolsa e retira umas notas todas amassadas entregando-as ao motorista.

Bia

– Muito obrigada. O senhor foi um amor.

Bia sai do táxi, que logo dá a partida. Ela observa Gaitán já entrando na delegacia. Olha firme para a escada. Cabeça erguida. Ajeita a blusa, puxa a saia justa para baixo e vai na direção do seu objetivo.

Dentro da Delegacia

Gaitán cumprimenta os colegas policiais e segue reto para a sala onde está a detetive Carmen. Porém, à cada passo alguém lhe chama. O policial atendente no balcão de entrada atende o telefone que não parava de tocar, quando a jovem Bia entra chamando a atenção de todos. O policial atendente desliga o telefone quando ela se aproxima do balcão.

Atendente

– Pois não moça...posso ajudar?

Bia se escora no balcão e se debruça sobre o mesmo, exibindo o seu decote.

Bia

– Olá seu policial...eu...

Ela está nitidamente com dificuldades na fala.

Bia

– ...eu...preciso falar com uma pessoa.

Atendente

– E quem seria esta pessoa, minha jovem?

Bia levanta o corpo. Esfrega os olhos, dá uma gargalhada e aponta na direção onde está Gaitán conversando com outro policial, e nem tinha notado a chegada e presença de Bia.

Bia

– Com aquele homem!

Os demais presentes olham para onde a jovem aponta. Gaitán se vira ao reconhecer aquela voz. Fica espantado com o estado crítico de Bia.

Gaitán

– Droga! Era só o que me faltava!

Bia

– Você mesmo...

Bia cambaleia e quase cai. É amparada por um outro policial que está passando pelo balcão.

Bia

– ...delegado Gaitán!

Bia vai na direção de Gaitán trocando os passos. Ele se antecipa e vai de encontro à jovem segurando-a pelo braço sob olhares espantados e curiosos de todos.

Gaitán

– Você enlouqueceu? Que tá fazendo aqui? Bêbada e drogada ainda por cima!

Bia tenta se desvencilhar de Gaitán, que a segura forte.

Bia

– Só porque agora é um delegado acha que pode me usar e depois sumir?

Bia não consegue se soltar. Ela ameaça dar um tapa em Gaitán, que segura sua mão. Ela sorri sarcasticamente.

Bia

– E que delegado policial forte, hummmm...

Gaitán encara os olhos vermelhos da jovem. Repara naquela maquiagem borrada. Claramente sabe que ela está transtornada, mas também sabe que por trás daquela faceta há uma pessoa boa, de bom coração, que não teve oportunidades nesta vida, ou simplesmente, não as viu passar.

Gaitán

– O que você usou, ein?

Bia aproxima o rosto do ouvido de Gaitán, que faz cara feia ao sentir o cheiro que exala da jovem.

Bia

– Talvez uma garrafa ou duas de whisky e um...pozinho do bom...

Bia afasta o rosto e sorri encarando a cara de espanto de Gaitán.

Bia

– Inclusive tenho um pouco aqui comigo na bolsa, você quer?

Gaitán aperta os braços da jovem.

Gaitán

– Tá louca?

Gaitán nota os demais olhando aquela cena.

Gaitán

– Não tem serviço o suficiente nesta espelunca? Todos ao trabalho já!

Os outros voltam aos seus afazeres disfarçando.

Gaitán

– Policial James?

Prontamente, James aparece na sua frente.

Gaitán

– Joga essa daqui numa cela. Vou falar com a detetive Carmen e depois resolvo isso.

O policial James retira suas algemas da cintura. Bia olha para Gaitán.

Bia

– Vai mandar me algemar, é isso mesmo delegado?

Gaitán fica pensativo por uns instantes.

Gaitán

– Não é necessário James. Só deixa ela lá dentro, por favor.

O policial James puxa Bia pelo braço levando-a para o corredor das celas. Ela ainda não se conforma com o que está acontecendo.

Bia

– Isso não vai ficar assim Gaitán!

Gaitán não dá atenção para as ameaças da jovem.

Gaitán

– Pronto! Acabou o espetáculo! Todo mundo de volta aos seus trabalhos!

Sala Restrita

Gaitán entra na sala. Carmen está de pé diante da mesa com ambas as mãos sobre a mesma, olhando o retrato daquela mulher. Ela ergue a cabeça para o colega.

Carmen

– Nossa! Não quis me meter, só espiei...quem era a moça?

Gaitán se aproxima da mesa.

Gaitán

– Uma louca, detetive. Uma louca. Mande jogar numa cela, depois eu resolvo.

Carmen

– Tu precisa encontrar uma parceira decente Gaitán. Essas aí só vão te enlouquecer.

Gaitán

– Eu sei detetive, eu sei.

Carmen pega o retrato sobre a mesa.

Carmen

– E pra nos enlouquecer, já basta este nosso trabalho...veja isso aqui!

Ela mostra a foto para Gaitán.

Carmen

– Conhece? Lorena...

Gaitán pega o retrato da mão da detetive.

Gaitán

– Espera...este não é um dos retratos das pessoas desaparecidas?

Carmen

– Isso mesmo. Caso dado por encerrado. Corpo nunca encontrado.

Carmen se senta. Gaitán fica de pé lendo o verso do retrato.

Carmen

– Sobre o depoimento que te falei...ele me disse que a cabeça desta mulher encontra-se empalhada em uma cabana naquela maldita floresta!

Gaitán

– Que merda!

Ele larga o retrato sobre a mesa junto com vários outros.

Gaitán

– Bom...e o que você tá pensando, detetive?

Carmen se levanta inquieta.

Carmen

– Algo me diz que aquele desgraçado do João Acácio está metido nisso! E mais...

Ela vasculha os retratos. Encontra a foto de Rebeca.

Carmen

– E esta pequena aqui também tá envolvida.

Gaitán

– É só uma criança, detetive. Envolvida como?

Carmen faz sinal de não saber com o que está lidando. Dá de ombros. Se senta pensativa.

Carmen

– Não sei, Gaitán. É uma criança. Está desaparecida. Nós não temos pista. Aí quando surge uma informação destas eu penso mil coisas...

Gaitán pega a foto de Rebeca e olha com ternura. Afinal, é só uma criança inocente no seu ponto de vista. Larga o retrato na mesa, pega o da mulher loira, pega outros ali espalhados. Começa a juntar as peças do quebra-cabeça. Será que todos estes desaparecimentos de um ano e meio pra cá, não têm a mesma origem? Olha para o olhar pensativo da detetive. Suas ideias começam a se tornarem aliadas. Puxa a cadeira e senta na frente de Carmen.

Gaitán

– Acho que encontramos um ponto de partida, detetive Carmen.

Na Cela

O policial James se aproxima da cela onde deixou Bia, para averiguar se está tudo bem. A jovem está sentada em cima do colchão velho de palha naquela cama de pedra, escorada na parede abraçada às suas pernas. James bate suavemente com a chave no ferro da grade. Bia levanta a cabeça.

James

– Tudo bem por aqui?

Bia sorri debochadamente. Se levanta sensualmente, puxa a saia para baixo e vai na direção da grade sob olhares curiosos do policial.

James se afasta um pouco da grade quando Bia chega e segura nos ferros com ambas as mãos, colocando seu rosto entre os ferros da grade.

Bia

– Como não estaria tudo bem, policial? Em um quarto cinco estrelas destes, sob cuidados de um policial igual você...

James fica sem reação olhando espantado para a jovem visivelmente alterada dentro da cela. Bia larga a grade e se afasta voltando para a cama de costas sensualizando enquanto começa à dar risadas da cara do policial.

Bia

– Ahhhhhh...

Sem cuidar, ela tropeça de costas na beirada da cama caindo sentada sobre a mesma.

Bia

– ...e diz pro teu chefe que eu vou acabar com a vida dele quando eu sair desta pucilga aqui!

Mais tarde...

Um prisma preto passa na rodovia principal em alta velocidade e com o som ligado em volume alto. Dentro do veículo estão Jairo, dirigindo, e Carmen, sorridentes e felizes.

Carmen

– Adorei nosso jantar!

Jairo

– Eu te disse que era de um momento assim que precisávamos.

Jairo troca a marcha do carro, pisa fundo no acelerador. Carmen solta um grito de felicidade explanando sua adrenalina.

Na mesma rodovia, em sentido contrário, uma carreta de transportadora trafega também em velocidade acima do permitido. O motorista, um homem de meia idade, magro e com cabelos grisalhos, está caindo de sono. Ele boceja, esfrega os olhos, tenta se concentrar na estrada à sua frente. Horas de viagem, de um estado para o outro e com horário para entregar a mercadoria transportada, ele abre o porta-luvas e pega uma caixa de comprimidos que está ao lado de um revólver 38. Com uma mão no volante, ele retira dois comprimidos da caixa e os joga na boca engolindo a seco.

A estrada na frente do prisma preto que estão Jairo e Carmen, encontra-se vazia. Lá adiante uma curva convida para uma redução de velocidade, nitidamente ignorada por Jairo.

Há poucos metros da curva, Jairo avista a carreta vindo na pista contrária com os faróis altos.

Jairo

– Merda!

Jairo buzina. Segura com ambas as mãos no volante. Assusta-se. Pisa fundo no freio. Carmen segura-se com as duas mãos embaixo do banco. A buzina da carreta também soa forte.

Através dos olhos arregalados do motorista da carreta, o prisma preto de Jairo perde o controle e cai em um barranco no acostamento da rodovia. Silêncio e aquele carro capota diversas vezes até parar de ponta cabeça em um terrão lá embaixo.

O motorista da carreta, que tinha diminuído a velocidade e ameaçado parar, olha para a cabine do seu caminhão com garrafas de whisky pelo chão e comprimidos suspeitos espalhados, e acelera fugindo do local.

Terrão – Pavilhão abandonado

Jairo e Carmen estão desacordados debaixo das ferragens do carro capotado. Jairo abre os olhos e a primeira coisa que faz é olhar para o lado ver se está tudo bem com sua esposa. Ele sente uma ferroadada na cabeça ao se virar. Põe a mão na nuca e nota que está sangrando. Faz cara de dor.

Jairo

– Droga!

Jairo estende o braço para alcançar Carmen e vê o mesmo todo arranhado.

Jairo

– Carmen...Carmen?

Carmen abre os olhos. Também está sangrando bastante. Há um corte grande na sua testa.

Jairo

– Consegue se mexer?

Carmen faz força.

Carmen

– Sim...acho que consigo sair.

Jairo olha para a perna presa entre ferros.

Jairo

– Eu não consigo. Você terá que sair, dar a volta e me tirar daqui...

Carmen faz mais força para se desvencilhar das ferragens amassadas. Está de ponta cabeça, tem muita dificuldade. Cai no chão do carro. O corpo todo dói. Ela empurra a porta tentando abri-la e os últimos pedaços de vidro da janela caem para fora.

Carmen

– Espera amor. Fica quieto aí.

Carmen grita fazendo mais força e a porta abre um pouco. Espaço suficiente para ela passar se espremendo e se arrastando para fora.

Do lado de fora das ferragens do carro, Carmen se levanta e nota sua roupa toda suja e rasgada. Olha para o barranco por onde o carro capotou, mal e mal consegue enxergar alguma coisa por causa da escuridão da noite. Sente uma leve tontura e põe a mão na testa sentindo que o sangue continua a escorrer. Olha para sua blusa rasgada e arranca um pedaço comprido. Amarra na cabeça para estancar o sangramento. Se apoiando no carro capotado, ela atravessa até o outro lado para ajudar o marido que está preso.

Ao chegar do outro lado do veículo, Carmen vê algo que ainda não tinha visto. Um grande pavilhão abandonado, todo sujo, pichado e com os vidros das janelas quebrados. Carmen se agacha próxima à porta do carro.

Carmen

– Eu vou te tirar daí...

Ela força a porta puxando-a e consegue arrancá-la fora, pois com as batidas, as dobradiças acabaram cedendo.

Carmen

– Tá escuro... tá frio...tirar você daí...

Carmen puxa os dois ferros liberando a perna de Jairo que encontrava-se presa.

Carmen

– ...e vamos ali pra aquele pavilhão.

Jairo se ajuda para sair do carro se arrastando. Carmen o ajuda a ficar de pé e os dois caminham com extrema dificuldade em direção ao pavilhão abandonado.

Nova Delegacia de Alcatraz

O policial James acompanha a jovem Bia até a porta de saída. Ele se inclina sobre o balcão de entrada e pega um envelope entregando-o para Bia.

James

– Gaitán pediu para que lhe desse este dinheiro.

Bia sorri e pega o envelope.

Bia

– Filho da puta! Deixou dinheiro, mas não teve coragem de vir aqui me liberar.

O policial James abre a porta.

James

– Está livre!

Bia atravessa a porta para o lado de fora e dá de cara com Olavo passando em frente à delegacia. Ela se vira para a porta onde o policial James está lhe observando.

Bia

– Teu chefe Gaitán é um desgraçado aproveitador! Avisa ele que não terá nunca mais este corpo aqui!

Bia desce as escadas se apoiando sob olhares curiosos de Olavo Azir.

Terrão – Pavilhão abandonado

Manhã

João Acácio e a pequena Rebeca chegam ao terrão por um caminho no meio da mata. Eles avistam aquele carro capotado e se aproximam para averiguar.

Rebeca

– Olha... será que tem alguém dentro?

A pequena e curiosa Rebeca corre na frente e começa espiar por todos os lados do veículo.

Rebeca

– Tem sangue por tudo...mas não tem ninguém aqui!

João Acácio aproxima-se em silêncio, observa o veículo, olha para o barranco com galhos quebrados e folhas amassadas, imaginando o trajeto feito por aquele carro barranco abaixo.

Rebeca

– Será que fugiram?

João Acácio olha para o chão, para um rastro de sangue que se estende até o pavilhão. Ele tira o facão pendurado às costas. Rebeca, vendo a cena, já segura firme o seu arco.



## Capítulo Dez

Tudo tem seu fim

### Pavilhão Abandonado

A detetive Carmen Sanchez acorda e se assusta arregalando os olhos. Se senta sobre o colchão caindo aos pedaços que passara esta noite difícil e sacode Jairo ao seu lado acordando-o.

Carmen

- Jairo...Jairo. Acorda amor!

Ele vai abrindo os olhos devagar. Cansado, ainda sente ferroadas na nuca. Passa a mão pra ver se não está mais sangrando.

Jairo

- O que foi, amor?

Carmen

- Eu vi alguém espiando a gente. Tinha uma menina nos olhando...

Carmen aponta o dedo para uma janela de vidros quebrados.

Carmen

- ...ela tava parada ali.

Jairo senta-se com bastante dificuldade. Ainda sente as pancadas do acidente da noite anterior. Olha para onde Carmen diz que viu a menina, mas não há ninguém ali.

Jairo

- Não há nada ali, meu amor...deve ter sido a batida na cabeça. Você pode estar delirando...nós precisamos voltar pra cidade o quanto antes.

Escuta-se o barulho de algo caindo e se espatifando do lado de fora. Carmen se assusta e se agarra ao braço do marido.

Carmen

- Te disse que tinha alguma coisa...

Jairo afasta as mãos de Carmen do seu braço.

Jairo

- Pssss! Fica quieta aqui...eu vou verificar.

Jairo se levanta devagar e com dificuldade. Seu corpo todo ainda dói.

Carmen

- Cuidado!

Jairo, se apoiando no que vê pela frente, caminha lentamente até a janela. Quando chega na mesma é surpreendido por um novo estrondo.

Ele cai para trás sentado no chão e olhar atento na janela na espera de que algo ou alguém apareceria. Mais atrás, Carmen está intacta e apavorada. Sua voz sai com dificuldade.

Carmen

- Jairo...meu amor...

O silêncio volta à ser soberano no pavilhão. Jairo está sentado naquele chão imundo, com o olhar fixo na janela vazia. Carmen soluça e começa chorar baixinho.

Ouve-se batidas de palmas de alguém entrando pela porta grande do pavilhão. Carmen e Jairo se viram assustados.

O dono das batidas firmes e secas é João Acácio. Ele se aproxima sorrindo ironicamente.

João Acácio

- Detetive Carmen Sanchez...finalmente nos encontramos novamente.

Carmen Sanchez olha perplexa para aquela figura que ressurgia à sua frente. Por mais que ela não quisesse, ela sabia que uma hora ou outra ele poderia aparecer para cumprir o que ele prometeu aquela vez na prisão.

Carmen

- João... Acácio.

João Acácio se agacha perto da detetive. Ela sente um ar gélido subir pela sua espinha. Fica imóvel, olhando com os olhos arregalados aquela figura diante dela. João estende o braço e, com a ponta dos dedos sujos, toca os cabelos loiros da detetive. Jairo tenta se levantar.

Jairo

- Desgraçado! Não toca nela!

Jairo fica parado feito uma estátua ao ver uma doce menina parada diante da porta de entrada do pavilhão com uma flecha em um arco apontada para ele.

Carmen vira o olhar para onde os olhos de Jairo indicam. Ela se espanta ao ver a pequena Rebeca.

Carmen

- Rebeca?

João Acácio sorri se levantando.

João Acácio

- Então, detetive. Já conhece minha doce filha Rebeca pelo jeito...

João olha para a menina.

João Acácio

- ...mantenha ele na mira, igual fez com aquela caça, lembra? E qualquer movimento...

João faz um gesto de atirar a flecha.

Rebeca

- Eu sei...atiro sem dó.

Carmen se levanta indignada e é contida por João que segura seu braço e a empurra de volta ao chão.

Carmen

- Que você tá fazendo seu monstro?

João Acácio põe o dedo indicador sobre os lábios.

João Acácio

- Quieta, detetive. Porque agora quem tá no comando sou eu...

João fica ao lado de Rebeca colocando a mão sobre o ombro da menina.

João Acácio

- ...e minha doce filha Rebeca.

Carmen Sanchez encara a pequena Rebeca.

Carmen

- Rebeca, o que está acontecendo menina?

Rebeca, em um ato de impulso, aponta seu arco para Carmen. João Acácio coloca a sua mão sobre o arco de Rebeca sorrindo.

João Acácio

- Calma, minha menina. Calma. Cuida daquele ali. Deixa que o papai cuida do detetive aqui.

A pequena Rebeca volta à ter Jairo na sua mira. João Acácio se aproxima e ergue a detetive pelo braço.

Carmen

- Você é louco! Vamos conversar João. Eu posso facilitar as coisas pra você. Vamos usar tua doença ao nosso favor.

João Acácio sorri e assobia enquanto puxa a detetive pelo braço. Sua intenção é trancafiá-la em um cubículo que há nos fundos do pavilhão. Um lugar nojento cheirando à podre e onde os ratos já tomaram conta.

João Acácio

- Já disse, detetive. Você perdeu a voz de comando. Agora vai conhecer o outro lado.

Jairo está parado sem reação. Não consegue acreditar que está sendo refém de uma menina de dez anos de idade.

Jairo

- Ei menina...vamos acabar com isso. Você não precisa fazer o que este louco manda.

Rebeca

- Ele é meu pai. E ele disse que posso atirar se tu não ficar quieto.

Escuta-se o estrondo de uma porta se fechando nos fundos do pavilhão.

Carmen

- Naãaaao! Me larga! Seu desgraçado!

Jairo

- Droga, menina! Me deixa ir salvar a detetive!

Rebeca segura firme o arco e flecha.

Rebeca

- Se tu se mexer ou falar mais uma vez, eu juro que atiro.

Carmen

- Jairo! Socorro!

Jairo se desespera. E ele não acredita que aquela doce criança terá coragem o suficiente para fazer o que acaba de falar.

Jairo solta um grito de raiva. Se joga atrás de um pilar de concreto. Rebeca o segue mantendo-o na mira, embora agora o pilar a atrapalhe.

Jairo

- Faz o que tu quiser, sua pirralha desgraçada! Mas eu vou lá salvar ela!

Jairo está ofegante. A cabeça ainda dói. O corpo todos ainda sente as pancadas do acidente. Ao fundo se escuta os gritos desesperados de Carmen Sanchez.

Jairo

- Merda!

Ele põe as mãos na cabeça.

Jairo

- Coragem, Jairo. Coragem.

Em um ato impulsivo e de bravura, Jairo se levanta e corre na direção dos fundos do pavilhão. Rebeca fica parada mantendo-o na sua mira, embora ele se distancie com a corrida. Ela fecha os olhos e lembra as palavras do pai: "se concentra! cuida a respiração! mantenha o alvo na mira! não feche os olhos!"

Rebeca abre os olhos e atira. A flecha dança pelo ar ganhando velocidade e atinge a parte superior da escápula esquerda de Jairo, que grita de dor, cambaleia e cai de joelhos para, em seguida, se espatifar de cara no chão.

Ruas de Alcatraz

A camionete com vidros fumês dá a partida virando à direita logo que o sinal abre. Ela entra em uma rua longa de grandes casas de ambos os lados da rua. É a camionete de Olavo Azir. Ela segue reta naquela rua onde só se escuta o uivo do vento misturando-se só ronco do seu motor.

Voz de Olavo

- Às vezes ouço o vento passar, e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido, minha cara...nascemos, crescemos e passamos a vida sem muitas vezes perceber que tudo, absolutamente tudo, é tão passageiro..

A camionete pára no sinal vermelho em um cruzamento. Um outro carro cruza na rua paralela. Mesmo com o sinal fechado, a camionete, lentamente, segue o seu trajeto.

Voz de Olavo

- ...nossa passagem por aqui é efêmera. Muitos de nós demoram muito, ou talvez nunca se dão conta disso. Muitos vivem como se nunca fossem morrer, outros morrem como se nunca tivessem vivido. Tudo o que temos, temos agora. Tudo o que somos, somos agora...o amanhã pode nunca chegar.

A camionete estaciona em frente a uma casa grande de alvenaria, com uma cerca baixa de ferro na frente, o que é costume na região. Ninguém sai do veículo. O silêncio deixa o ar assustador e o uivo do vento faz algumas folhas secas voarem pelo capô e vidro frontal da camionete.

Voz de Olavo

- Tenha a certeza que você está fazendo a coisa certa, minha jovem. Sua alma vai celebrar, seu espírito vai agradecer e a sua luz vai brilhar tanto, que todos a sua volta serão iluminados

No interior da camionete quem está ao lado de Olavo é a jovem Bia, recuperada do dia anterior. Ela tem as mãos cruzadas sobre as pernas e a cabeça baixa.

Olavo, calmamente, pega um pacote do console da porta, desembulhando-o e revela um dispositivo acoplado em uma pequena caixa. Ele pega uma alça, também do console da porta, prende-se na caixa e larga sobre o colo da jovem. Olha para Bia.

Olavo

- Quanto tempo você quer?

Bia encara a caixa com o dispositivo no seu colo. Coloca a alça em volta de seu abdômen certificando-se que está bem firme e bem preso. Olha para Olavo. Está apreensiva.

Bia

- Acho que não preciso de muito tempo. Quanto mais rápido, melhor.

Olavo abre o porta-luvas e pega outro embrulho. Abre e separa três grandes imãs, entregando-as para a jovem ao seu lado.

Olavo

- Programe para cinco minutos depois que sair do carro. Tempo suficiente para instalar os três imãs separados e bater à porta. Fazer tudo como o combinado.

Bia

- E depois?

Olavo sente no olhar da jovem o quanto ela encontra-se apreensiva.

Olavo

- Depois acabou... Alá vai lhe receber de braços abertos.

Aquela caixa com aquele dispositivo é o que chamam de “bomba suicida”. Ela só pode ser acionada

quando estiver localizada entre os três imãs catalisadores. E não há tempo para escapar. O seu acionamento precisa ser feito manualmente e, sendo assim, a pessoa que o fizer, está fadada a explodir junto. Os imãs catalisadores, como o próprio nome diz, puxa a energia da caixa acionada pelo dispositivo e libera o material responsável pelas explosões. O impacto é grande. O estrago é majestoso. E sobreviver não está nos planos.

Bia respira fundo e desce da camionete, fechando a porta em seguida. Os passos até chegar próxima à residência em questão parecem uma eternidade. Ela contorna a casa pelo lado direito para começar a instalar os imãs catalisadores.

À cada imã instalado estrategicamente, Bia sente um arrepio pelo seu corpo. Ela olha para o dispositivo e o tempo passa rápido demais. São seus últimos minutos. Ela sabe que logo sua alma se encontrará em outro plano, ou melhor, isso é o que Olavo lhe convenceu a acreditar.

Ela instala o último imã, contorna a casa e volta à sua frente se parando na frente da porta. Ela se vira e olha para Olavo, no carro do outro lado da rua observando tudo. Ele sorri para ela. Deixa o carro em ponto morto e anda um pouco mais para frente, de onde fica com Bia e a casa no retrovisor. Olha as horas no relógio do painel.

Olavo

- Vamos menina, o tempo está passando.

Na porta da casa Bia está parada. Fecha os olhos. Respira fundo. Olha novamente para o dispositivo: 2min45seg e diminuindo. Ela cria coragem e bate à porta.

Alguns segundos se passam até que a porta é aberta. E alguns segundos, por menos que sejam, são muito importantes na missão de Bia.

Gaitán se surpreende ao ver a jovem na sua porta.

Gaitán

- Você?

Ele encara Bia dos pés à cabeça.

Gaitán

- Como sabia que eu moro aqui? Você andou me seguindo sua vadia?

Ao ouvir as palavras de baixo calão do delegado Gaitán, a jovem Bia tem a certeza do que precisa fazer.

Bia

- Se fosse você me tratava melhor, delegado...

Bia coloca a mão direita sobre o abdômen, onde está posicionada a caixa com o dispositivo em contagem regressiva. Gaitán é um homem esperto, experiente e nota que tem algo estranho acontecendo.

Gaitán

- O que você tem aí?

Gaitán se aproxima e tenta ver o que Bia esconde. Ela se protege evitando que ele veja.

Bia

- Droga, me larga! Eu só vim aqui pra ter certeza. Achei que você poderia ter mudado de ideia...mas pelo visto não mudou...

Gaitán nota uma luz vermelha piscando.

Gaitán

- Droga, sua piranha. Eu não acredito que...

Bia sorri. Ela já viu que Gaitán já sabe do que se trata. Chegou a hora do adeus.

Bia

- É, delegado. Conhece o ditado sobre quem ri por último? Eu estou de bem com tudo isso.

Bia ergue a blusa revelando a caixa com o dispositivo que já marca menos de 40 segundos. Gaitán se apavora.

Gaitán

- Merda, merda, merda. Desativa isso aí! Tu vai morrer junto!

Bia fecha os olhos.

Bia

- Que Alá me receba de braços abertos.

Bia aperta o botão e o tictac rápido do dispositivo começa tocar. Gaitán empurra a jovem para o lado e se joga no pátio à sua frente.

Através da visão de Olavo, dentro do carro, do outro lado da rua, a casa toda vai pelos ares. A fumaça preta toma conta de tudo.

Olavo

- Adeus delegado Gaitán. Obrigado por nada...adeus jovem Bia, que Alá te receba.

Olavo está satisfeito. Aprecia aquele desastre com um sorriso no rosto, até o momento que vê Gaitán sair tossindo e cambaleando em meio à fumaça.

Olavo

- Não é possível!

Olavo pega uma arma de trás do seu banco. Uma AK 47. Ele desce da camionete engatilhando a arma.

Olavo

- Não...não...não...você não vai sair dessa.

Olavo pára na calçada, esperando a aproximação de Gaitán, que está passando mal por causa da fumaça.

Olavo aponta a AK 47 para Gaitán, que fica parado e cai de joelhos enquanto tosse.

Olavo dispara vários tiros contra o delegado Gaitán.

Nova Delegacia de Alcatraz

Um policial engatilha sua arma e entra na viatura de sirenes já ligadas pelo lado do caroneiro. Ele põe a mão para fora do vidro e dá dois tapas contra a lataria da mesma, que dá a partida saindo em velocidade pelas ruas de Alcatraz.

O diretor Miranda sai pela porta da delegacia falando ao telefone.

Diretor Miranda

- Foi uma ligação ruim...ela tava cochichando, quase não conseguimos entender...conhece este pavilhão?

O diretor Miranda desce as escadas em direção a uma outra viatura já de portas abertas lhe esperando.

Diretor Miranda

- Uma viatura já saiu com Celso e o Pires. Eu tô indo agora com o Ramón.

O diretor Miranda entra na viatura desligando o celular.

Diretor Miranda

- Vamos, vamos. Detetive Carmen e seu marido correm perigo.

A viatura dirigida por Ramón dá a partida e a sirene é ligada, saindo logo em seguida.

Pavilhão abandonado

A viatura dirigida por Ramón chega ao pavilhão abandonado logo em seguida que a outra viatura estacionou. Ramón e o diretor Miranda se juntam aos outros dois policiais, todos com armas em mãos.

Diretor Miranda

- Droga! Isso aqui tá realmente largado às traças. Faz tempo que não vinha aqui. Está tudo aberto, é um local perigoso.

Miranda olha para seus policiais ao seu lado.

Diretor Miranda

- Tomem cuidado!

Miranda faz sinal com a mão para os dois policiais da viatura da frente irem um de cada lado. Ele e o outro policial caminham com passos lentos e cuidadosos em direção da porta do pavilhão.

Dentro do pavilhão

João Acácio está voltando da salinha lá dos fundos. Traz consigo um sorriso debochado no rosto e segura um facão na mão. Ao ver Jairo espatifado no chão e a flecha cravada em sua escápula, João se aproxima batendo palmas.

João Acácio

- Bravo, minha menina. Bravo!

Rebeca treme segurando o arco. Está imóvel vendo sua vítima no chão. João Acácio se agacha e retira a flecha com um só puxão, jogando-a para o lado. Levanta e vai até Rebeca. Pega o arco das mãos

trêmulas da menina e afaga seus cabelos.

João Acácio

- Acabou. Logo se sentirá melhor. E sentirá orgulho do que fez.

Escuta-se o barulho de pés pisando em estilhaços de vidro do lado de fora. João põe a mão sobre a boca de Rebeca para ela ficar em silêncio. A menina arregala os olhos. João olha para ambos os lados e para a porta frontal, quando o diretor Miranda e três policiais surgem apontando suas armas para ele e Rebeca.

Diretor Miranda

- Parado!

O diretor Miranda, com a arma engatilhada e apontada, olha para os outros policiais, todos concentrados em seus afazeres. Ele faz sinal com a cabeça para um policial se aproximar de vagar de João e da menina.

João Acácio

- Nem mais um passo!

Diretor Miranda

- Solta a menina!

João Acácio sorri seu sorriso amarelado.

João Acácio

- Estratégia errada! Ela tá comigo. Tá do meu lado seu policial! Quer ver?

Calmamente, João Acácio solta Rebeca e a menina fica parada ao seu lado.

Diretor Miranda

- Rebeca? Vem pra cá vem...pode vir!

A menina levanta a cabeça olhando para João ao seu lado. Depois encara o diretor Miranda e balança a cabeça negativamente.

Diretor Miranda

- O que tu fez seu desgraçado?

João Acácio ergue ambas as mãos ao lado do corpo e sorri.

João Acácio

- Eu? Não fiz nada! Deve ser o sangue que corre nas veias dela...como é que dizem mesmo?

João Acácio faz cara pensativa olhando para o teto.

João Acácio

- Ahh, lembrei. O sangue puxa!

Miranda fica sem entender nada.

João Acácio

- A menina é minha filha, porra!

Jairo se contorce e geme de dor.

Diretor Miranda

- Deixa a gente levar ele daqui!

João Acácio olha para Jairo.

João Acácio

- Isso foi obra da minha menina!

Todos se entreolham.

João Acácio

- Tá. Pode levar esse aí.

Miranda faz sinal para um policial, que corre e se agacha perto de Jairo ajudando-o à se reerguer. Ele caminha com Jairo para fora do pavilhão.

Diretor Miranda

- E a detetive Carmen?

João Acácio

- Detetive Carmen? Que detetive?

Jairo

- Filho da putaa! Ele trancou ela lá no fundo!

João Acácio firma a mão no seu facão. Rebeca toma seu arco.

João Acácio

- Ninguém se aproxima!

Ouve-se gritos e chamados de Carmen, vindo lá da salinha dos fundos.

João Acácio

- A desgraçada da detetive fica lá!

Diretor Miranda

- Ahhh, não fica!

Miranda mira sua arma na perna de João e atira.

João Acácio cai gritando de dor.

Rebeca, apavorada, corre e se joga em um policial derrubando-o. A menina derruba a arma do policial, que fica sem reação. Ela, sentada sobre ele, crava seus dedos miúdos nos olhos do policial que começa gritar de dor.

Diretor Miranda

- Droga!

Miranda se aproxima com a arma apontada para João, chuta o facão para longe. Um policial corre para os fundos soltar a detetive. O outro policial corre e agarra a menina tirando-a de cima do colega e segurando-a firme pelos braços.

Rebeca, em um momento de descuido do policial, morde seu braço. Ele a larga gritando de dor e o diretor Miranda, apavorado com a destreza e coragem da menina, se aproxima para ajudar seu colega.

Rebeca pega seu arco, coloca a flecha e segura-o apontando para os dois. João Acácio observa a cena e se arrasta até onde está seu facão.

Diretor Miranda  
- Calma Rebeca!

João Acácio pega o facão e se levanta com dificuldade. O sangue escorre da sua perna. Ele aponta o facão para os dois quando o policial sai da sala dos fundos com Carmen aos prantos.

João Acácio  
- Todo mundo quietinho ou eu corto todos!

Rebeca  
- E eu atiro também!

O policial fica parado com Carmen. Ela está tonta e machucada, chora e se apóia nele. João Acácio se afasta de costas para a lateral do pavilhão, segurando o facão apontando para os outros. Ele pula uma janela.

Diretor Miranda  
- Desgraçado! Vai fugir!

João Acácio coloca a cabeça na janela.

João Acácio  
- Vem Rebeca!

Rebeca começa andar de costas para a janela com a flecha em prontidão para se precisar atirar.

João Acácio  
- Merda!

João Acácio se some da janela e a menina é surpreendida pelo policial que levou Jairo para fora. Ele a agarra e joga longe o seu arco enquanto ela se debate tentando se desvencilhar.

Policial  
- Fica quieta menina!  
Mais tarde

Clínica Psiquiátrica Frederick Angels

Uma ambulância entra pelo portão grande de um lugar de muito verde da natureza, localizado a alguns quilômetros na saída de Alcatraz.

A ambulância sobe um pequeno morro de calçamento de pedra rodeado de várias árvores altas, todas cortadas na mesma altura. Ela segue até uma casa branca de três andares.

Enquanto estaciona em frente à casa, uma mulher mais velha vestida de roupas brancas de enfermeira, e um homem mais jovem, também de roupas brancas de enfermeiro, aparecem na porta.

Homem

- Mais um paciente?

Mulher

- Uma criança pelo que me falaram no telefone.

Um outro enfermeiro desce da ambulância, abre a porta traseira e retira a pequena Rebeca, presa a uma camisa de força e com uma mordança na boca.

Mulher

- E uma criança que nos trará grandes problemas pelo jeito.

Mais tarde

A pequena Rebeca está em uma sala isolada no terceiro pavimento daquela casa/clínica. Ela se encontra sentada sobre os calcanhares em cima de uma mesa localizada logo abaixo da janela trancada com grades. Rebeca observa o movimento do lado de fora, com uma expressão serena e tranquila, muito provavelmente, devido aos remédios à que foi sujeitada.

Com seus olhos pequenos e atentos ela acompanha um carro cinza que sobe o morro de calçamento de pedra rodeado de árvores altas, até chegar em frente à casa. Ela sorri. Aquela imagem lhe traz uma paz no coração. É o verde das árvores, o azul do céu, a magia e tranquilidade daquele lugar...

mas

...seu sorriso de paz dá lugar a uma expressão fechada e de raiva. Através dos seus pequenos olhos somos apresentados ao motivo desta mudança drástica de humor. Do carro cinza descem Olavo e Adilah e, tudo o que a pequena Rebeca pensa é: " eles não vão me levar! Se precisar eu mato!".

Nova Delegacia de Alcatraz

O diretor Miranda está parado atrás da mesa que era do delegado Gaitán. Ele pega um porta retrato com a foto do amigo de cima da mesa e olha com ternura, largando-os de volta no lugar.

Diretor Miranda

- É meu amigo...chegou a hora. Mas pode ficar tranquilo que eu vou honrar o trabalho feito por ti.

O diretor Miranda ajeita o paletó, contorna a mesa, respira fundo e, através de passos firmes, vai na direção da porta da sala abrindo-a.

Ele se depara com todos os policiais do departamento parados de pé lhe esperando. Ao vê-lo todos começam bater palmas. Do meio dos policiais surge a detetive Carmen Sanchez caminhando com certa dificuldade e trazendo consigo uma pequena caixa em mãos. Ela fica na frente de Miranda e abre aquela pequena caixa revelando o seu conteúdo: um distintivo de delegado. Agora Miranda subiu do cargo de diretor de penitenciária para delegado de Alcatraz.

Carmen

- Acho que o cargo não poderia ficar em melhores mãos.

Ela coloca o distintivo sobre o paletó de Miranda, que baixa a cabeça para olhar.

Miranda

- Ficou bom em mim?

Todos riem e batem mais palmas. Alguns policiais assobiam. O clima é de festa na nova delegacia. Miranda faz sinal para que todos se acalmem e façam silêncio e o murmurinho então, vai diminuindo até todos se calarem.

Miranda

- Só aceitei este cargo por dois motivos:

O agora, delegado Miranda, caminha entre os policiais.

Miranda

- 1) por poder substituir meu colega e grande amigo Gaitán...e talvez ter a chance de vingar o que houve com ele.

Miranda fica de pé no meio de todos e ergue o dedo.

Miranda

- Porque pode ter certeza que vamos descobrir e vamos prender o desgraçado!

Há o começo de uma nova algazarra dos policiais comemorando. Miranda pede silêncio novamente.

Miranda

- 2) eu não poderia largar a direção da penitenciária Araújo Sardinha, modelo no nosso estado, sem ter a certeza que deixaria alguém capacitado para me substituir...

Miranda se vira para onde está a detetive Carmen Sanchez, concentrada ouvindo suas palavras.

Miranda

- ...e numa conversa séria com o governador, decidimos que a direção da penitenciária Araújo Sardinha realmente ficará em boas mãos...

Miranda aponta o dedo para Carmen.

Miranda

- ...detetive Carmen Sanchez, você acaba de ser promovida a diretora Carmen Sanchez, responsável por manter e elevar o nível da Penitenciária Araújo Sardinha.

Todos olham aprovando a decisão, pois sabem da real capacidade da detetive.

Carmen

- Lisonjeada estou meu delegado.

Miranda se aproxima de Carmen lhe abraçando e parabenizando pela promoção.

Miranda

- Policial James, este momento merece uma foto.

Miranda se coloca ao lado de Carmen. Sorriso nos rostos. Carmen, embora feliz, ainda debilitada pelos últimos eventos ocorrido. James pega o celular, liga a câmera e tira a foto. Todos querem cumprimentar o novo delegado e a nova diretora. O clima é agradável. Pode ser o início de uma nova era de justiça na região.

Clínica Psiquiátrica Frederick Angels

Dentro da clínica a enfermeira chefe, a mesma mulher que recebeu Rebeca na clínica, conversa com Olavo e Adilah escorados no balcão da recepção, onde a atendente encontra-se ao telefone.

O casal escuta atento às palavras da enfermeira chefe e Adilah cai aos prantos nos braços de Olavo.

Adilah

- Mas ela é nossa filha...digo, não de sangue...mas é nossa pequena...

Adilah encara o marido.

Adilah

- ...explica pra ela Olavo. Rebeca não pode ficar aqui neste lugar.

Olavo abraça a esposa.

Enfermeira chefe

- Não há o que fazer. Não podemos contrariar a vontade dela. E ela...ela não quer ver vocês.

O policial James, acompanhado de um outro policial mais novo, entram na clínica chamando atenção de todos que estão por ali. James coloca a mão sobre a arma na cintura e se aproxima da enfermeira chefe e do casal. O outro policial fica parado na porta, também com a mão na arma.

James

- Senhor Olavo Azir?

Olavo se vira com cara de assustado para o policial. Adilah, agarrada ao braço do marido, olha perplexa.

Olavo

- Sim?

James

- O senhor está preso pelo assassinato do delegado Gaitán...

Adilah se desespera.

Adilah

- Não...o que você tá falando policial? Meu marido não fez nada!

Olavo tenta acalmar a esposa. Ele sabe que não há o que fazer. Sabe que tem culpa. Sabe que cedo ou tarde seria pego.

Olavo

- Calma Adilah...

Olavo afasta a esposa de perto. Estende os braços juntos para a frente. O policial James tira as algemas do cinto e as coloca nos pulsos de Olavo.

Adilah fica sem reação e começa a chorar. A enfermeira chefe notando seu estado, lhe ajuda à sentar-se, enquanto o policial James conduz Olavo para fora da clínica.

No dia seguinte

Aeroporto internacional Afonso Pena – Grande Curitiba

Adilah Azir, toda elegante em um longo traje muçulmano, está de pé diante da janela de vidro olhando as aeronaves que decolam e aterrissam na pista. Ao seu lado estão suas duas malas. Uma voz de criança chama sua atenção e ela se vira rapidamente vendo um pai sendo puxado pela mão por uma menina de cabelos cacheados, que aparenta a mesma idade de Rebeca.

Menina

- Olha, pai. Olha o tamanho do avião!

Lágrimas brotam nos olhos de Adilah. Ela sorri para a menina, que lhe devolve um olhar encabulado.

Voz no alto falante

- Atenção passageiros com destino à Roma. Embarque no portão 15 em quinze minutos.

Adilah se volta para o interior do saguão, suspira fundo, pega as suas malas e se junta àquela algazarra da multidão que se aglomera. A menina de cabelos cacheados puxa o braço do pai quando Adilah se afasta.

Menina

- Porque aquela moça tava chorando?

O pai se ajoelha em frente à menina.

Pai

- As viagens acabam causando isso na gente...se chama saudade. Saudade de alguém que se foi. Saudade de alguém que recém chegou...saudade de alguém que talvez você não veja mais.

O pai abraça a menina.

Pai

- Eu sentirei saudades quando você entrar no avião com sua mãe...

Alguns dias depois

Lar de acolhimento Nova Esperança – grande Curitiba

Carmen Sanchez, agora diretora da penitenciária Araújo Sardinha, e Jairo, deu marido, desembarcam de um táxi em uma rua de calcamento de pedra. A placa na calçada indica que estão no bairro Campo de Santana em Curitiba. Jairo paga ao motorista e o táxi parte.

Carmen e Jairo atravessam a rua e param em frente a um portão verde, onde logo acima há uma placa de metal com a escrita: Lar de Acolhimento Nova Esperança. Jairo troca a campainha.

Dentro do Lar de acolhimento

Uma simpática senhora acompanha Carmen e Jairo por um longo corredor coberto que leva até o interior da casa. Ao redor, muito verde, muitas árvores e bancos coloridos. No crachá preso ao jaleco daquela senhora, o seu nome: Tereza Dias.

Tereza

- Nós somos uma associação civil, sem fins lucrativos...não temos nenhum apoio governamental para nos mantermos. Todas nossas atividades são realizadas com a participação de voluntários e de algumas empresas fixas, que é o que nos ajuda à manter o pagamento dos nossos funcionários fixos.

Os três chegam na porta de entrada da casa, de onde ia se pode ver algumas crianças em suas atividades no interior. Tereza se pára na porta dando lado ao casal.

Tereza

- Por favor, fiquem à vontade.

Os olhos do casal se enchem de lágrimas ao verem as crianças. Carmen se agarra só braço de Jairo lhe encarando e sorrindo.

Jairo

- Vocês têm crianças de que idade até que idade?

Tereza

- Hoje contamos com 40 crianças de meses de vida até 07 anos de idade...

Tereza fecha a porta e os encaminha até um sofá em uma sala de recepção. No caminho uma funcionária fica conduz uma atividade de desenhos com algumas crianças de 03 e 04 anos.

Tereza

- ...mas já tivemos crianças de 10 anos de idade que, graças ao bom Deus, lhes conseguimos um lar. Pois é uma idade que ninguém quer adotar.

Carmen e Jairo sentam no sofá de frente para uma grande janela de vidro que dá para um dos pátios, onde dois jovens identificados como voluntários fazem atividades no parquinho com um grupo de crianças de 05 à 07 anos.

Clínica Psiquiátrica Frederick Angels

Uma enfermeira gorda empurra um carrinho pesado de ferro pelo corredor na ala dos isolamentos. Ela fica em frente à porta do quarto 33. Pega um molho de chaves no não do jaleco, procura pela chave correspondente e a coloca na fechadura.

No interior do quarto está a pequena Rebeca sentada no chão, escorada em uma parede no canto e

abraçada em suas pernas. Ela levanta a cabeça e fica a observar a enfermeira entrar empurrando aquele carrinho.

A enfermeira gorda pára com o carrinho no meio do quarto e começa arrumar a medicação.

Enfermeira

- Hora dos remédios, sua poça!

Rebeca lhe encara e faz cara feia.

Enfermeira

- E não adianta fazer cara feia...

A enfermeira pára de ajeitar a medicação.

Enfermeira

- ...se bem que eu poderia nem te dar estes remédios e deixar você enlouquecer de vez trancada aqui...

A enfermeira gorda se vira para pegar algo no carrinho e é surpreendida por Rebeca de pé na sua frente com as duas mãos para trás. A enfermeira se assusta..

Enfermeira

- O que quer menina? Tá loca de vez, já? Senta lá no canto pra tomar estes malditos remédios!

Rebeca

- Não...

A pequena Rebeca segura uma tesoura em suas mãos. Em um golpe frio e calculado, ela crava a tesoura no abdômen da enfermeira, que se segura no carrinho derrubando todos os medicamentos.

O corte é profundo e logo começa sangrar muito, fazendo com que a enfermeira gorda caia no chão do quarto. Rebeca se deleita com a cena à sua frente. Se ajoelha ao lado daquele corpo sangrando e suplicando por ajuda, segura a tesoura com as duas mãos erguendo-as acima da cabeça, e desfere vários golpes sem dó nem piedade.

Lar de acolhimento Nova Esperança

Carmen e Jairo estão de pé na porta da casa, junto com Tereza e um menino de 08 meses no colo.

Tereza

- Tenho certeza que o Joaquim aqui terá um belo e aconchegante lar, cheio de amor e carinho..

Carmen acaricia o menino que sorri e estende o bracinho querendo pegar o seu colar.

Tereza

- Agora, senhor Jairo, vou providenciar toda a papelada, toda a parte burocrática...e logo entramos em contato...

Jairo

- Ficamos muito agradecidos, senhora ..e torcemos para que não demore muito.

Tereza

- Não se preocupem. Nossos advogados costumam ser rápidos nos nossos casos.

Carmen sorri e se aconchega nos braços do marido.

Tereza

- Dá tchau tchau pra eles dá!

Tereza pega a mão da criança no seu colo e abana, enquanto o casal segue pelo longo corredor de volta ao portão verde.

Floresta na região de Alcatraz

O sol lança seus raios que penetram através das frestas dos galhos das árvores, iluminando e facilitando o caminho para João Acácio, que mais do que nunca, perambula sem destino com seu casacão e seu chapéu.

João Acácio sente os sintomas de sua esquizofrenia se tornarem mais evidentes. Sabe que se preocupar demais ajuda o seu quadro piorar. E ele está preocupado. Sabe que teve que fugir e que agora, sem sombra de dúvidas, está sendo caçado. Sabe que deixou sua filha recém-reencontrada ser capturada e, sabe se lá, levada para onde.

João já está há horas perambulando, com sono, cansado e com fome. Em meio à mata fechada, ele avista movimento de pessoas, risadas e ruídos de motores. João, com cuidado e se escondendo atrás das árvores, procura se aproximar daquele movimento.

Através do seu olhar curioso, uma grande área devastada daquela floresta, onde um circo está montado. João acha tudo aquilo estranho, mas logo repara que mais ao fundo, do outro lado, uma estrada liga aquela área desconhecida a várias cidades vizinhas.

Um homem alto, de roupa colorida, carta na cabeça e com um macaco em seu ombro, adentra na lona do circo. João levanta o olhar e vê uma grande placa colorida e fluorescente, onde diz: CIRCO MAXIMUS. Ele olha para os lados e espera todas aquelas pessoas se recolherem em barracas montadas ao redor, e depois cria coragem para se aproximar.

No circo

João Acácio entra debaixo da lona do circo. As arquibancadas nos dois lados e na frente estão vazias e lá no palco dois jovens trapezistas, um homem e uma mulher, ensaiam para o último espetáculo logo mais à noite. João fica maravilhado com a performance deles. Seus olhos brilham e ele senta-se na última fileira bem de frente para o palco.

Uma jovem toda sorridente de cabelos vermelhos adentra na lona do circo por trás do palco. Ela carrega alguns panfletos consigo. Avista João Acácio sentado admirando os trapezistas e resolve se aproximar.

João Acácio está tão maravilhado com o balé exibido pelos trapezistas que nem repara quando a jovem fica parada ao seu lado.

Jovem de cabelos vermelhos

- Senhor? Senhor?

Ela passa a mão no ar na frente do rosto de João.

Jovem de cabelos vermelhos

- Senhor?

João Acácio então desperta para a realidade.

João Acácio

- Ahhh...desculpa...fui entrando sem pedir...

Jovem de cabelos vermelhos

- Não tem problema senhor. Estão só ensaiando, fazendo os ajustes finais para nosso último espetáculo na região hoje à noite.

A jovem estende o braço alcançando um panfleto nas mãos de João.

Jovem de cabelos vermelhos

- Toma. Veja nossas atrações. E venha prestigiar. Acho que vai gostar.

João Acácio sorri olhando o panfleto.

João Acácio

- Minha filha iria gostar...

A jovem de cabelos vermelhos sorri entusiasmada.

Jovem de cabelos vermelhos

- Então traga ela! E quando chegar, procure por Mirela...

Ela faz uma reverência para João.

Jovem de cabelos vermelhos

- ...esta moça que vos fala. E lhes consigo um lugar especial.

João Acácio encara a jovem.

João Acácio

- Quem sabe!

Os trapezistas no palco, descem do trapézio. O homem olha na direção da jovem e de João.

Homem

- Mirela! Preciso da tua ajuda no camarim.

Mirela olha para trás.

Mirela

- Já vou!

Ela olha de volta para João.

Mirela

- Ohhh! Preciso ir. Último espetáculo na região. Está tudo uma correria. Espero ver o senhor e sua

filha hoje à noite aqui.

João Acácio sorri. A jovem vira as costas e sai toda entusiasmada. João olha novamente o panfleto colorido, onde no topo está escrito:

**CIRCO MAXIMUS**

" Porque a magia nunca pode acabar"

Epílogo

Diário de Carmen Sanchez

Segunda-feira

Hoje é um dia muito feliz, assim como foi ontem. Um dia que realmente vai ficar marcado nas memórias minhas e de Jairo para sempre... até o dia de nossas mortes. E sim, tenho certeza que vai

ficar na memória de Joaquim eternamente também. Nosso pequeno completou ontem cinco anos de idade e conseguimos dar para ele uma festa linda, com direito à decoração do seu personagem favorito, guloseimas e brincadeiras para que ele se divertisse junto dos seus amiguinhos. Ver o sorriso estampado em seu rosto do início ao fim da festa foi algo que encheu meu coração de alegria. Vê-lo abrir seus presentes com aquele brilho no olhar na expectativa de ver o que era, não tem preço que pague. Ouvi-lo agradecer a mim e ao papai Jairo quando formos lhe dar boa noite, encheu meus olhos de lágrimas e um filme passou na minha cabeça, pois só eu sei tudo que enfrentei...

Terça-feira

Hoje levantamos cedinho, tomamos nosso café da manhã, colocamos as nossas coisas para fora e esperamos o papai Jairo chamar o táxi que nos levou até o aeroporto. Joaquim levantou todo agitado. Acredito eu que nem tenha dormido direito na expectativa de sua primeira viagem de avião. Sim! Tiramos umas merecidas férias e fomos viajar para o litoral nordestino. Afinal, somos filhos de Deus e merecemos. E nosso pequeno merece. Seus cinco anos ainda estavam rendendo muitas comemorações. O táxi chegou. O motorista, um simpático senhor de cabelos brancos, ajudou Jairo a pôr as bagagens no porta-malas, enquanto eu e Joaquim já entramos e nos acomodamos. Ele estava realmente eufórico para a viagem.

Chegamos ao aeroporto em vinte minutos e uma hora antes do nosso vôo. Levei Joaquim até a janela onde ele poderia ver as aeronaves. Ele ficou encantado. Foi quando deixei Joaquim ali com o rostinho colado no vidro olhando um avião que ia decolar e me virei para ir até uma lanchonete comprar uma água. Jairo estava lendo o jornal em uma banca de revistas. Foi quando vi ele. Há anos que eu não o via. Aliás, achei que nunca mais fosse ver. Achei que ele nunca mais retornaria ao Brasil...

Quarta-feira

Hoje acordei cedo, antes de Jairo e de Joaquim, e resolvi atravessar o calçadão e dar uma corrida de leve nas areias brancas da praia. Coloquei meu boné e meus fones de ouvido e assim fiz. Já fazia meia hora que estava correndo, quando parei para tomar um ar e comprar uma água de côco. Paguei ao simpático vendedor e fiquei por ali, em frente àquela humilde barraca admirando a beleza das ondas do mar que beijavam a areia branca. Foi quando atrás de mim, reconheci uma voz que pedia uma cerveja. Pensei comigo: “não pode ser!”. Tentei disfarçar e me retirar de fininho dali, mas era tarde demais...

Praia de Maragogi – Alagoas

Carmen Sanchez, de boné e roupa de corrida, tomava sua água de côco quando ouviu uma voz familiar atrás de si, na barraca de beira de praia. Tentou disfarçar e sair dali, mas não obteve sucesso. Quando se virou, um homem loiro, alto, de olhos azuis, sem camisa, de calção curto e óculos escuros, se parou na sua frente abrindo um belo sorriso. Era Arthur, quem ela não via à sabe se lá quantos anos.

Arthur

– Carmen... que ironia nos encontrarmos por aqui.

Carmen sorriu timidamente tomando um gole de sua água.

Carmen

– Quanto tempo Arthur! Achei que nunca mais eu veria você.

Arthur

– Nunca é muito tempo você não acha?

Carmen ficou mais tímida ainda.

Carmen

– Você entendeu... você parecia tão decidido em viver fora do país... África do Sul, não era?

Arthur

– Uma temporada em serviço apenas. Que se tornaram mais alguns anos. Mas agora resolvi voltar. Acho que aqui é o meu lugar. Na verdade...

Arthur fez sinal para duas cadeiras plásticas em volta de uma mesa debaixo de um guarda-sol na areia. Carmen olhou para os lados pensativa e sorriu.

Arthur

– Ahh, vamos. Acho que temos muito o que conversar.

Carmen

– Ok. Ok. Porque não. Não é mesmo?